

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

SANDRA DOS REIS ABRANTE NUNES

**O REVERSO DO OLHAR: AS REPRESENTAÇÕES DE SI E DO OUTRO NO
CONFRONTO ENTRE DOIS MUNDOS**



VITÓRIA
2015

SANDRA DOS REIS ABRANTE NUNES

**O REVERSO DO OLHAR: AS REPRESENTAÇÕES DE SI E DO OUTRO NO
CONFRONTO ENTRE DOIS MUNDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado em Letras – do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wilberth Claython
Ferreira Salgueiro

VITÓRIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SANDRA DOS REIS ABRANTE NUNES

**O REVERSO DO OLHAR: AS REPRESENTAÇÕES DE SI E DO OUTRO NO
CONFRONTO ENTRE DOIS MUNDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras – do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em de de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/ES
Orientador Membro Presidente

AGRADECIMENTOS

Ao Bith, pela orientação amiga e paciente, pela disponibilidade e pela amizade. Sempre.

À professora Virgínia Albuquerque que provocou a vontade primeira de abordar o tema escolhido.

À professora Júlia Almeida que indicou o aporte teórico necessário ao desenvolvimento do trabalho.

À minha família pelo amor, pela confiança, pelo incentivo e pelo apoio permanentes.

Às companheiras de estudos para os (vários) processos seletivos do mestrado, Regina Lúcia Santana e Sandrinha que não me permitiram desistir.

Ao Saulo pelo companheirismo e solidariedade e a todos os colegas de trabalho.

A tantos amigos que nem posso enumerar e que nunca deixaram de me apoiar e de acreditar em mim.

Ao Beni, *mon petit prince*, por me deixar fazer parte de sua história.

E, acima de tudo e de todos, a Deus pela vida, pela cura e por não me deixar desistir.

Dedico esse trabalho a meus filhos,
razão de tudo em minha vida. E a Josué,
esposoamante.

RESUMO

O objetivo de minha pesquisa é identificar e descrever os modos de representação de si e do Outro no confronto entre os diferentes modelos de civilização, ocasionado pela “descoberta” do continente americano. A hipótese de minha pesquisa tem como ponto de partida o conceito de Sartre de que o Outro só é acessível ao sujeito por meio do olhar que se transforma em conhecimento e se converte na representação do Outro e de si, reciprocamente e de que o olhar do Outro, ao incidir sobre o sujeito, o faz ver-se nesse olhar e reconhecer-se no modo como o Outro o vê, revelando-lhe não apenas o que ele é, mas também, constituindo-o ao afetar sua maneira de se ver e de ver o mundo em que vive. Tomo como contraponto teórico a proposta de Orlandi de, apesar do complicado processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito que constitui o mecanismo de silenciamento que caracteriza os discursos sobre os índios, utilizar esse mesmo mecanismo para possibilitar a observação de um direito e de um avesso e, mediante a explicitação desses processos de significação, trazer à tona o que foi silenciado. Em meu trabalho, dentro de uma perspectiva comparatista, procuro, num primeiro momento, verificar a visão que o europeu tinha de si e dos habitantes do continente descoberto e analisar as formas discursivas com que o europeu representa a si mesmo e ao índio. Em seguida, busco rastrear o discurso indígena oculto no discurso europeu e, por meio desse, a visão que o índio tinha de si e do invasor europeu bem como sua forma de representá-los. Por último, destaco o discurso de autores mestiços e indígenas ao representarem a si mesmos e ao Outros.

Palavras-chave: alteridade, colonialismo, representação.

RESUMEN

El objetivo de mi investigación es identificar y describir los modos de representación del yo y el Otro en la confrontación entre los diferentes modelos de civilización, causadas por el “descubrimiento” de América. La hipótesis de mi investigación toma como punto de partida el concepto de Sartre que el Otro es sólo accesible para el sujeto a través de la mirada que se transforma en conocimiento y se convierte en la representación del Otro y de sí mismo, mutuamente, y que la mirada del Otro al incidir sobre el sujeto lo faz verse en esa mirada y reconocerse en el modo como el Otro lo ve, y que revela no solo lo que el es pero también lo constituye al afectar la forma en que se ve y en que ve el mundo en que vive. Como contrapunto teórico, tomo el que propuso Orlandi de, a pesar del complicado proceso de contención de sentidos y de asfixia del sujeto que es el mecanismo de silenciamiento que caracteriza el discurso sobre los indios, emplear este mismo mecanismo para permitir la observación de un derecho y de un revés y, mediante la explicitación de estos procesos de significación, sacar a la luz lo que estaba silenciado. En mi trabajo, dentro de una perspectiva comparativa, busco, en primer lugar, comprobar la visión que el europeo tenía de sí mismo y de los habitantes del continente descubierto y analizar las formas discursivas en las que el europeo representa a sí mismo y el indio. A continuación, busco rastrear el discurso indígena oculto en el discurso europeo y, por esto, la opinión que el indio tenía de sí mismo y del invasor europeo y su forma de representarlos. Por último, destaco el discurso de los autores mestizos y indígenas para representarse a sí mismo y el Otro.

ABSTRACT

My research's goal is to identify and to describe the modes of representation of the self and the Other in the confrontation between the different models of civilization caused by the "discovery" of the Americas. The research hypothesis takes as its starting point the concept of Sartre that the Other is only accessible to the subject through the look that turns itself into knowledge and becomes the representation of the Other and of itself, reciprocally; and that the look of the Other, when focusing on the subject, makes it possible for the one to see itself and to recognize itself in the way the Other sees it, revealing to the one not only what it is, but also, constituting it, affecting the way one sees itself and the world in which it lives. I take Orlandi as a theoretical counterpoint, that being so that, despite the complicated process of the containment of the senses and asphyxia of the subject, which is the silencing mechanism that characterizes the discourse over the Native Americans, it is possible to use this same mechanism to enable observation as an inside and an out, through the details of these processes of meaning, bringing to light what was muted. In my work, within a comparative perspective, I seek at first to verify the view that the European had of themselves and the inhabitants of the continent discovered and so analyze the discursive ways in which the European represents himself and the Native Americans. Then, I try to trace the hidden Native Americans discourse in European discourse and, through this, the view that the Native Americans had of themselves and of the European invader and their way of representing themselves. Finally, I highlight the speech of half-breeds and Native American authors to represent themselves and the Other.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O MUNDO DE LÁ	22
3. O MUNDO DE CÁ	33
3.1 Povos que ocupavam o norte da América	37
3.2 Povos que habitavam a Mesoamérica	46
3.3 Povos que habitavam o Caribe	102
3.4 Tawantinsuyo, o império Inca	106
3.5 Povos que habitavam o Brasil	112
4. O ENCONTRO E AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES NA EUROPA	127
4.1 Os relatos de Cristóvão Colombo	130
4.2 O relato de Pero Vaz de Caminha	140
4.3 Os relatos de Américo Vespúcio	150
5. AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES DO EUROPEU NA AMÉRICA	158
5.1 Entre os tainos	160
5.2 Entre os atecas	161
5.3 Entre os maias	164
5.4 Entre os Incas	166
5.5 Entre os Tupinambá	169
6. BIBLIOGRAFIA	173

XOCHICUICATL

Cual esmeraldas lo perforo,
cual si oro fuera yo lo fundo:
¡Eso es mi canto!
Cual esmeraldas que ensarto em
cuerda.
¡Eso es mi canto!

No acabarán mis flores,
no cesarán mis cantos.
Yo, cantora, los elevo,
se reparten, se esparcen.

¡Oh, no son flores que se lleven,
oh, no son cantos que se lleven,
al reino del misterio...!

Totalmente nos vamos:
nada quedará em la tierra um dia
¡Oh, amigos!

¡Ay, hemos de dejar nuestros cantos,
nuestras flores:
A. e. a. hemos de dejarlos y la tierra
estará incólume!
¡Gocemos, ahora, oh amigos!

¡Cese ahora el desamparo,
haya ahora placer para nuestros
pechos!
¡Vivamos um buen tiempo,
vivamos sobre flores amigos!
¡Anque solo sea um momento
que asi se viva!

Ah, por um breve tiempo
tal como flor de elote
venimos a abrirnos em la tierra:
solo venimos a marchitarnos.

¿Con que he de irme, cual flores que
fenecem?
¿Nada será mi nombre alguna vez?
¿Nada dejaré em pos de mi em la
tierra?
¡Al menos flores, al menos cantos!

Sabíamos que quando vocês viessem, nós morreríamos.

Velha Índia

1. INTRODUÇÃO

L'Autre est le miroir inverse de soi-même.

A. Redondo

A descoberta de um continente desconhecido foi um acontecimento dramático para os povos que dela tomaram parte. Para os europeus foi tão importante que dividiu sua história marcando o início da era moderna uma vez que, além de lhes permitir o conhecimento geográfico da totalidade da qual faziam parte, o contato com civilizações até então ignoradas supriu as necessidades da sociedade europeia da época: expansão geográfica, expansão religiosa e expansão comercial graças à exploração de incalculáveis riquezas minerais e vegetais. Para os habitantes do continente, o contato com a civilização europeia significou o cumprimento dos piores presságios de seus adivinhos, resultou no genocídio sistemático e apocalíptico de alguns povos e no início de uma luta sem tréguas pela sobrevivência e pela preservação da cultura dos sobreviventes que tiveram de aprender a cultura do homem branco para continuar vivendo. Bosi (2001) afirma que o despojamento, a submissão, a aculturação e a escravização do Outro pela violência e pela coação são fatores inerentes e decorrentes da colonização e que a chegada do homem branco ao continente americano marcou tragicamente a vida e a cultura dos seus antigos habitantes. Mas o europeu não saiu incólume do confronto entre os dois modelos de civilização. Se, como afirma Sartre (2011), a simples aparição do Outro é suficiente para que o indivíduo reformule o conceito que tem de si mesmo e do mundo, maiores foram as consequências acarretadas pela ação de ocupar um novo chão, de explorar seus bens e de submeter seus naturais.

A hipótese de minha pesquisa tem como ponto de partida o conceito de Sartre (2011) de que ser visto é captar-se como objeto desconhecido de incognoscíveis apreciações de valor e de que, o olhar do Outro, ao incidir sobre o sujeito, o faz ver-se nesse olhar e reconhecer-se no modo como o Outro o vê. Assim, o olhar do Outro não apenas revela ao sujeito o que ele é, mas também o constitui ao afetar sua maneira de se ver e de ver o mundo em que vive. O autor afirma que o Outro só é acessível ao sujeito pelo conhecimento que se converterá na representação do outro e de si, reciprocamente, e que ao intensificar esse contato por meio da linguagem, ao se inteirar do que o Outro pensa de si, o sujeito experimentará, simultânea e inevitavelmente, um sentimento de fascínio e de horror. Sartre (2011) afirma ainda que o olhar do Outro faz com que a situação escape ao sujeito que tem o domínio da mesma e que, mesmo que continue no domínio, essa situação passa a apresentar uma nova dimensão que lhe escapa e que possibilita inversões inesperadas que a fazem diferente do modo como aparecia antes. É o reverso imprevisível, mas real.

Babha (1998: 125) adverte que na relação de desejo estabelecida pela pulsão escópica, está presente a ameaça do retorno desse olhar a partir do Outro que devolve crucialmente sua imagem ao sujeito. E Redondo (1990:11) também considera identidade e alteridade como dois polos complementares de uma mesma realidade humana e destaca que é o olhar do outro que permite a construção da própria identidade. O autor acrescenta que o discurso sobre o Outro é um excelente modo de revelar como foi construída a imagem do Outro em um dado momento histórico e o quanto esse mesmo discurso é capaz de refletir a imagem do sujeito enunciador, principalmente no caso do discurso literário, uma vez que o processo de distanciamento que este supõe, evidencia a atitude de assimilação ou de rejeição do universo do Outro.

Segundo Babha (1998: 59), no discurso da colonização o Outro é citado, mencionado, emoldurado, encaixado em diferentes estratégias discursivas, mas perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional. Nesse mesmo discurso observa-se um processo de reificação, de alienação e de apagamento do Outro que torna possível olhar para esse Outro e sem verdadeiramente vê-lo, de ouvir o que ele diz sem escutar ou encontrar um significado real. Isso é facilmente observável nos relatos da descoberta, da conquista e da colonização do “Novo Mundo” nos quais é possível observar, salvo raríssimas exceções, que o índio não fala, é falado e que mesmo quando é relatada a “fala” de um índio, não é ele que está falando, mas o colonizador-narrador é que lhe está atribuindo essa “fala”. Entretanto, como afirma Orlandi (1990), o que é silenciado também possui significação e o silêncio imposto ao índio não impede o efeito do seu “olhar” que, ao incidir sobre o invasor, lhe provoca o mal-estar que fará aflorar, na representação que faz do Outro, a representação de si mesmo surpreendida no olhar desse Outro.

Embora afirme inicialmente que o discurso das descobertas é um discurso sem reversibilidade, Orlandi demonstra em seu trabalho que, apesar do complicado processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito que constitui o mecanismo de silenciamento utilizado nesses discursos, esse mesmo mecanismo permite a observação de um direito e de um avesso e que é possível, mediante a explicitação desses processos de significação, trazer à tona o que foi silenciado. Adoto, portanto, como contraponto teórico, a proposta de Orlandi, em *Terra à vista* (1990), de, por meio da análise dos discursos produzidos sobre os índios, observar os jogos de poder; a articulação entre política, ciência e religião; e os mecanismos de silenciamento utilizados na construção desses discursos que, segundo a autora, visavam ao apagamento da presença do índio na formação da identidade cultural brasileira.

Em minha pesquisa, busco captar esse olhar reverso nas representações que o europeu faz de si mesmo e do índio e nas representações que o índio faz de si mesmo e do europeu. E como a ação colonizadora não foi realizada apenas por agentes físicos a serviço de interesses políticos e econômicos, mas por seres humanos que trouxeram na arca da memória e da linguagem aqueles mortos que não podem morrer (Bosi, 2001, p. 15), pude verificar que o legado maior dessa tumultuada relação foi no campo das ideias que se traduzem em novas formas de ver a si mesmo, de ver o Outro, de ver o mundo e até mesmo de ver (ou de se relacionar com) a divindade.

Consequência direta da política de silenciamento e de apagamento da figura do índio na formação da nação brasileira é que após cinco séculos de colonização, quase nada sabemos sobre os primeiros habitantes de nosso país. Como exemplo disso, cito minha própria experiência, pois o que aprendi sobre os índios na escola se resume nas vagas informações das aulas de História do Brasil nas primeiras séries do primeiro grau que davam conta de que antes de ser descoberto, o Brasil era habitado por índios em estado selvagem, e que esses índios eram canibais, sem cultura, sem civilização e sem o conhecimento de Deus. Que eram preguiçosos, que não se adaptaram ao trabalho imposto pelos europeus, que preferiram fugir para a selva retornando ao estado de selvageria, que foram dizimados pelas doenças adquiridas dos europeus contra as quais não dispunham de imunidade e que alguns deles foram piedosamente catequizados pelos padres jesuítas e convertidos ao cristianismo.

A percepção de que para além dessas informações vagas e distorcidas havia um mundo com uma cultura rica e fascinante a ser descoberto veio por meio da leitura de algumas obras literárias. A partir daí nasceu o desejo de aproximação e de conhecimento desse Outro, de sua cultura, de seus mitos e de seus valores e eu iniciei minha pesquisa com o

objetivo de observar os modos de representação do índio na Literatura Brasileira; de investigar os processos pelos quais os elementos de sua alteridade racial, cultural e histórica foram marginalizados e/ou apagados; de averiguar o quanto de sua cultura é possível conhecer por meio da representação literária e de fazer o cotejamento dessa representação com aquelas disponíveis em obras de cunho histórico e etnográfico. Empreendi esse trabalho não apenas na expectativa do prazer de conhecer melhor os valores de uma cultura que sempre exerceu grande fascínio sobre minha imaginação, mas, também, acreditando na necessidade de uma revisão crítica e atualizadora sobre o assunto e na contribuição que essa pesquisa poderia trazer para os estudiosos da Literatura Brasileira. No entanto, logo no início da pesquisa, fui surpreendida pela percepção de que havia também uma representação do europeu explicitada em algumas obras e apenas implícita em outras e eu ampliei o objeto de minha pesquisa em busca de conhecer o modo como o europeu representava a si mesmo e o modo como era representado pelos índios.

A escassez de depoimentos dos nativos brasileiros que me permitisse contrapor uma imagem dos europeus vistos pelos autóctones à imagem indígena criada pelos europeus me levou, mais uma vez, a ampliar meu universo de pesquisa. E, ao buscar rastrear e identificar um possível discurso do Outro implícito no discurso europeu, eu tive a satisfação de encontrar as narrativas da conquista espanhola que oferecem não apenas vasto material com descrições do índio e de sua cultura como um significativo volume de depoimentos e narrativas indígenas com a versão indígena dos acontecimentos e sua visão dos conquistadores. Satisfação arrefecida pela consciência de minhas próprias limitações inculcadas pela formação cristã que, em maior ou menor grau, sempre me farão refletir as ideias, as relações de poder e o contexto cultural no qual estou inserida. Também diminuiu a referida satisfação o conhecimento da impossibilidade de acesso a

narrativas e depoimentos originais uma vez que os relatos orais e os códices passaram pelos filtros de transcrições e traduções que modificavam o texto original em razão do contato, da sobrevivência ou da expectativa do Outro. E, mesmo os textos de nativos que alcançaram o domínio da língua e da escrita europeia, não podem ser considerados puros, uma vez que seus autores traziam a marca da cristianização colonizadora e, até os que conseguiram resistir internamente ao processo de aculturação, tiveram que se apoderar dos mecanismos discursivos da cultura europeia e utilizá-los adequadamente para tornar seus textos aceitáveis por parte dos que detinham o poder de autorizar ou de proibir a publicação de qualquer obra. Assim, ciente de que essa outra visão dos fatos e dos personagens que procuro divisar em minha pesquisa será sempre obscurecida pelas diversas camadas de interferências a que esses textos foram submetidos no decorrer do tempo, persisto no afã de buscar apreender esse outro modo de visão e de representação de si e do outro dentro dos limites do que é possível por acreditar que, mesmo deturpada, desbotada ou desfocada, ainda assim, conseguirei vislumbrar ao menos esboços de imagens diferentes das que foram instituídas.

Incluo, portanto, nesse trabalho algumas narrativas do descobrimento e da conquista encontradas em textos remanescentes das civilizações pré-colombianas, por atavismo confesso e por entender que observar os mesmos acontecimentos sob a perspectiva dos vencidos, pode propiciar ao leitor a experimentação de surpresas, estranhezas e deslumbramentos de um ângulo contrastante embora possa, também, fazê-lo partilhar de uma culpa, de uma vergonha e de uma dor sem medida e sem nome.

Ciente da magnitude do meu campo de pesquisa que é, forçosamente, multidisciplinar, procurei compensar o grande número de obras que terei de abordar, com o recorte preciso do aspecto a ser analisado e com a delimitação do período a ser estudado e me

lancei ao estudo dos relatos de cronistas do descobrimento, de historiadores, de religiosos, de alguns pensadores da época e das obras literárias sobre o tema sem a preocupação de proceder a uma análise minuciosa dos textos, mas apenas a de verificar as diferenças e semelhanças nas representações que o europeu e o índio faziam de si e do Outro reciprocamente.

Muitas são as razões atribuídas à relativa facilidade com que se deu a conquista do Novo Mundo pelos europeus e embora não faça parte dos objetivos desse trabalho discutir a menor ou maior validade das mesmas, não consegui evitar o desejo de buscar a compreensão possível dos acontecimentos que resultaram na destruição de tantos povos nem pude ignorar ou deixar de comentar algumas dessas razões que aparecem com mais insistência nas narrativas em estudo. A vivência religiosa dos grupos em confronto e a crença na intervenção da divindade, por exemplo, parecem estar na raiz das outras razões e figuram entre as principais explicações apresentadas para o sucesso dos invasores europeus e para a quase incompreensível passividade e apatia dos povos conquistados.

Considerarei, ainda, o modo como os povos europeus cristãos se relacionavam uns com os outros, o modo como representavam povos de culturas e crenças diferentes com os quais tinham proximidade e ainda o modo como representavam outros povos cuja existência era pressentida e imaginada; bem como o relacionamento dos povos indígenas entre si e com o Outro conhecido ou imaginado como fatores relevantes para a compreensão dos fatos em estudo.

Politicamente, as terras descobertas foram disputadas palmo a palmo pelos reis de Portugal e de Espanha e, comercialmente, foram objeto da cobiça de toda a Europa e palco de inúmeras invasões e de acirradas guerras na busca pelo domínio territorial.

Diferentes foram os métodos de conquista e de colonização utilizados por portugueses e espanhóis e diferentes foram os métodos utilizados por franceses, holandeses e ingleses na tentativa de ocuparem parte das terras descobertas. Diferentes, também, eram as culturas e diferentes foram as reações das incontáveis civilizações que ocupavam o território invadido pelos europeus. Muito semelhantes, entretanto, foram as visões que os europeus tiveram desse Outro com que se defrontaram e de seus costumes, como semelhantes foram as expressões textuais dessas visões.

Considerando que o público receptor desses textos não fazia distinção entre o índio da América espanhola e o da América portuguesa nem sobre a multiplicidade de povos e culturas que povoavam o continente; e considerando que o europeu formulou uma imagem única, embora ambígua, sobre o Homem do Novo Mundo, em minha pesquisa, apenas por uma questão de método, me refiro ao índio de forma genérica em alguns pontos do trabalho embora faça distinção entre as diversas civilizações que formavam o nosso continente em outros pontos. Tomo como objeto de pesquisa os textos que descrevem os povos que sofreram a ação dos colonizadores portugueses e espanhóis e, a partir desses textos, faço algumas considerações sobre a maneira como a literatura e o pensamento filosófico renascentista se refletem nas ações e na expressão narrativa dos descobridores do nosso continente e na maneira como esses mesmos acontecimentos e essas mesmas narrativas influenciaram o pensamento filosófico e a expressão literária que lhe seguem.

Tendo em vista que o discurso histórico, bem como a realidade que esse pretende tratar, são construções dos indivíduos que compõem uma sociedade e que a ficção desempenha a função de revelar a diferença, possibilitando a compreensão histórica e social das ações desses indivíduos, iniciei meu trabalho (capítulo 1, item 2.), analisando o contexto

histórico e cultural europeu que antecede a época das navegações e descobertas e também o contexto histórico e cultural do continente americano antes do contato com os europeus. Tomei como ponto de partida algumas considerações sobre o modo como os povos europeus cristãos se relacionavam uns com os outros, o modo como representavam povos de culturas e crenças diferentes com os quais tinham proximidade e ainda o modo como representavam outros povos cuja existência era apenas pressentida ou imaginada. Repetindo o procedimento, fiz, no segundo capítulo, um resumo do panorama cultural dos povos que habitavam a América e considerações sobre o relacionamento dos povos indígenas entre si antes do contato com os europeus bem como as representações que faziam de si e do Outro conhecido ou imaginado, fatores que considero relevantes para a compreensão dos fatos em estudo.

No terceiro capítulo, após esboçar o contexto histórico do encontro entre os dois modelos de civilização, realizo um estudo comparativo das narrativas dos primeiros cronistas – Colombo, Vespúcio e Caminha. Esses textos nos trazem as primeiras descrições dos povos que habitavam o nosso continente; fazem-nos saber, por meio do registro das impressões e reações desses navegadores, alguns aspectos do modo de viver e de pensar daquela época; e, além de seu valor documental, apresentam alguns aspectos literários que serão muito úteis ao desenvolvimento deste trabalho.

Os acontecimentos narrados fazem parte de um momento histórico marcado pelo paradoxo da simultânea conciliação e confrontação de pensamentos e de valores observáveis em todas as manifestações artísticas, filosóficas, científicas, históricas e literárias. O que eles vivenciam é a materialização de fábulas e de mitos e suplanta tudo o que já fora imaginado. O fictício figura como elemento constitutivo da realidade fazendo parecer natural sua marca nos textos que tentam dar conta dessa realidade

fantástica e a proximidade entre a linguagem desses textos com a linguagem poética. As discussões sobre o caráter histórico ou sobre o valor literário desses textos não estão incluídas no objetivo dessa pesquisa e apenas apontarei alguns desses aspectos ficcionais na medida em que os considero úteis à compreensão do modo ambivalente como foi elaborada a imagem do nativo americano.

No quarto capítulo, repito o mesmo procedimento e estudo as narrativas indígenas do encontro e as primeiras descrições que fizeram dos estrangeiros, disponíveis nas narrativas dos informantes de Bernardino de Sahagún e nos textos compilados por Miguel León-Portilla, nas narrativas de Garcilaso de la Veja e Guanám Poma de Ayala e nas crônicas dos primeiros cronistas da colonização na América.

Em cada etapa da pesquisa pude constatar que, no período anterior ao encontro crucial entre as civilizações estudadas, as representações imaginárias que cada grupo tinha do outro eram bem diversas. Entretanto, no período subsequente ao encontro, à medida que mudavam os modos de representação de um grupo, mudavam também os modos de representação do outro grupo, podendo ser observada uma correspondência e uma similaridade, em maior ou menor grau nesses modos de representação, que serão demonstradas no desenvolvimento do trabalho.

2. O MUNDO DE LÁ

Pelos livros que havia lido e pelas conversações que tive com os sábios que frequentavam a casa do prelado, soube que navegando pelo oceano se via coisas maravilhosas. Assim, me determinei assegurar por meus próprios olhos a veracidade de tudo que contavam para, por minha vez, contar a outros minhas viagens, tanto para entretê-los e ser-lhes útil como para tornar-me um homem que passasse para a posteridade.

Antonio de Pigafetta

Medina (1988: 19) afirma a possibilidade de que o mundo nunca tenha conhecido um milagre e de que nenhum deus tenha aparecido no principio dos tempos para reger a orquestra do universo, mas nega qualquer possibilidade de não reconhecer que o homem seja um animal religioso. De fato, a religião é um fator intrínseco na formação de uma cultura e na história das civilizações se verifica que para atender a necessidades imediatas os povos primitivos desenvolveram técnicas para trabalhar a cerâmica e outros materiais para a fabricação de vasilhames, mas foi o desejo de representar seus deuses que fez com que passassem a trabalhar esses materiais artisticamente. Para se proteger das intempéries, aprenderam a construir abrigos e habitações, mas para cultuar os deuses é que desenvolveram a arquitetura e a engenharia que resultou na construção de pirâmides e templos monumentais. Também e nos rituais religiosos tiveram origem a pintura, a poesia, a música, as danças e as representações teatrais.

Mas se o sentimento religioso motiva o ser humano a criar arte e beleza e a praticar nobres ações, é também a razão das ações mais cruéis e de terríveis guerras. A convicção religiosa é um dos elementos geradores do sentimento de superioridade em

relação a comunidades ou pessoas com aparência, costumes ou crenças diferentes. Desde as mais remotas eras, cada civilização se vê como escolhida por um ou por vários deuses que fazem de suas terras, sua morada e, portanto, território sagrado. Assim foi com os hebreus cujo pai-fundador Abraão foi escolhido e chamado por Deus para formar uma grande nação com a promessa de que o próprio Deus habitaria no meio do seu povo na nuvem ou na coluna de fogo que os guiava e protegia na peregrinação do Êxodo, no tabernáculo construído por Moisés ou no monumental templo erigido por Salomão em Jerusalém. Assim foi com os egípcios, com os gregos e com os romanos que também viam seu país como terra dos deuses e consideravam os estrangeiros como inferiores e desprezíveis. Embora algumas nações demonstrassem maior tolerância em relação aos povos com que se confrontavam e, por vezes, até mesmo assimilassem alguns aspectos de outras culturas com que tinham contato de domínio ou de submissão, a arrogância cultural, o preconceito, o sentimento de superioridade que o desejo de impor a própria cultura a outros povos podem ser constatados na história das nações em todos os tempos como originadores das mais tristes páginas dessa mesma história.

No pensamento grego, segundo Woortmann (2000), a noção de selvagem denotava tanto aqueles que não falavam grego, o que chegava a ser equivalente a não possuir linguagem, quanto significava crueldade. Podia significar também desconhecimento da agricultura. Na ausência de uma palavra que expressasse tal noção, utilizavam o conceito de *polis* (cidade) e *hemeros* (domesticado) para transmitir a idéia de ordem em oposição ao conceito de agros, espaço simbólico do caos. Para Heródoto, graças à superioridade de sua cultura, da capacidade de racionalização e de organização política os gregos eram homens naturalmente livres e criou o termo *bárbaros* para designar os outros (nesse caso, os persas) que, a seu ver, eram naturalmente escravos e deveriam ser dominados econômica, física, política e culturalmente. Também para Aristóteles só era

plenamente humano quem vivia na polis e, assim, quem não era grego era bárbaro (como os persas) ou até mesmo selvagem (como os citas), conceito que denotava os que habitavam o espaço agrário, os que não falavam grego – que equivalia a não possuir linguagem – e os que praticavam a crueldade. Ainda segundo Woortmann (2000), o conceito de selvagem pertencia ao domínio da mitologia e era anterior ao de bárbaro. Seus representantes míticos eram seres liminais como o centauro, os cíclopes e as ninfas, mas também podiam ser chamados de selvagens seres ou povos violentos e cruéis ou seres ou povos justos, sábios e bondosos que habitavam o ambiente silvestre..

O centauro Pholus – que comia carne crua – exemplifica bem o conceito de selvagem sem domínio da natureza (não praticava a agricultura) e em estado primitivo. Na narrativa mitológica, porém, é possível observar que, embora tenha ingerido o seu alimento cru, Pholus oferece carne assada a Hércules. Esse fato chama a atenção para a arbitrariedade com que o centauro mítico é rotulado de selvagem sem levar em conta que o modo como se alimenta pode ser indicativo apenas do seu gosto particular e não do desconhecimento do processo de modificação do alimento.

Também os ferozes e idílicos cíclopes (descritos na Odisséia como um povo de pastores gigantes, antropófagos, que não conheciam a agricultura e viviam isolados), os arimaspos com apenas um olho (descrito por Heródoto como pastores canibais, ferozes e sem lei), as amazonas, os antípodas e os cinocéfalos habitavam o espaço imaginário que se contrapunha simbolicamente à polis, eram bons representantes do conceito de selvagem que se subdividia no conceito de *bom* selvagem, hospitaleiro e cordial em oposição interna com o selvagem cruel.

Havia também povos selvagens reais como os citas, povos nômades da Antiguidade Clássica que tinham o pastoreio equestre como principal atividade e representavam, no

imaginário grego, a antítese da civilização, desempenhando um importante papel como contraste para a construção da identidade helênica.

Esse conceito sobre o selvagem se manteve durante a idade média, mas ganhou novas conotações com a expansão islâmica a partir do século VII, época em que os muçumanos conquistaram Damasco, Jerusalém, Alexandria, avançou sobre Constantinopla e Cartago e, já no séc. VIII se estabeleceram na península ibérica, impondo sua religião e seus costumes. Com a revolta de pelágio, os cristãos iniciaram o movimento de resistência no intuito de impedir o avanço dos mouros e reconquistar os territórios cristãos. Assim, a luta por conquista de territórios se transformou em uma luta religiosa que opunha os cristãos aos muçumanos e a Europa cristã passou a representar a alteridade dentro de um novo sistema de representação no qual o Outro é distinguido não pela diversidade, mas pela presunção da verdade em relação ao seu oposto. E a especularização do outro – como encarnação dos valores negativos anteriormente atribuídos aos citas e aos seres teratológicos (bárbaros, selvagens e cruéis) – é acrescida de mais um valor negativo que evidenciava o caráter religioso do novo centro do eixo de oposições – *infiéis*. De um lado narrativo desse eixo estão os mouros, que Camões (1990: 67) descreve como “infiel e falsa gente” e do outro, os paladinos do ocidente que, segundo Peloso (1996: 19) mesmo quando recorrem à crueldade, à tortura ou à chacina, são justificados por uma “verdade”, por um ideal superior que legitima tudo.

Jardin (1991: 24) afirma que a imagem do mouro era construída a partir dos comportamentos cotidianos ou excepcionais dos indivíduos e a partir de alguns elementos materiais como a linguagem, a vestimenta ou a prática guerreira. O autor afirma também o caráter multiforme dessa imagem uma vez que durante o longo

período de convivência com os mulçumanos, quer em situação de dominado, de resistência ou de dominador, os europeus fizeram distinção entre o sanguinário e cruel guerreiro inimigo e aqueles que, circunstancialmente, chegavam a ser considerados como amigos. No *Cantar de mio Cid*, de acordo com o mesmo autor, a Espanha é representada como um universo masculino em guerra em que predominam as atividades militares e a terra de mouros é representado como um território estrangeiro onde os cavaleiros vão guerrear pelo sentimento de dever cristão e também pela necessidade econômica de *ganarse el pan*. Na obra fica patente a pluralidade de representações do mouro ora por figuras de adversários resolutos, sanguinários e respeitados como Yucef, ora por figuras como o Sultão da Pérsia desejoso de ganhar a amizade do Cid ou como Abengalbón, descrito como “mouro amigo e de paz” (MENENDEZ PIDAL, 1954:953) que se porta de modo generoso e hospitaleiro com seu amigo Rodrigo e que, ainda por consideração a seu amigo *campeador*, poupa a vida dos ingratos mensageiros de Valença ao descobrir que, apesar de sua hospitalidade, planejavam matá-lo para se apoderar de suas riquezas. Embora seja difícil que em tal situação de guerra um mouro pudesse ser tão amigo de um cristão como Abengalbón demonstra ser do Cid, sua atitude mostra um exemplo de realismo político e de reciprocidade, uma vez que o mouro afirma ter o dever de fazer o que fez e muito mais por Rodrigo, pois também ele fora defendido por El Cid quando esteve em seu senhorio. Para além dessas imagens múltiplas de mouros em situação de maior ou menor contato mais ou menos pacífico com os cristãos, observa-se um elemento cultural unificador – a religião – que faz com que esses personagens, embora diversos entre si, tenham mais pontos em comum do que diferenças.

Apesar da resistência dos cristãos, durante os séculos VIII e IX os mulçumanos continuaram a avançar conquistando quase toda a Península Ibérica e consolidando sua

força com a formação do Emirado de Córdoba. No início do séc. XI, em reação ao golpe desferido contra os cristãos por um califa que destruiu a igreja do Santo Sepulcro e passou a perseguir os cristãos e peregrinos, os reinos cristãos se uniram em um movimento religioso-militar, conhecido como Guerra de Reconquista, com o objetivo de reconquistar a Terra Santa e todos os territórios conquistados pelos muçumanos. No final desse mesmo século o Papa Urbano II fez a convocação para a formação de um exército prometendo aos guerreiros que lutassem lealmente em defesa da Cruz o perdão dos pecados e a garantia da salvação eterna. O exército da primeira cruzada, formado por mais de 600 mil homens, conseguiu importantes realizações e, após reconquistar alguns territórios, estabeleceu o Reino de Jerusalém. À medida que os cruzados retornaram para a Europa, Jerusalém voltou a ser ameaçada pelos muçulmanos e novas convocações foram feitas por outros papas e vários exércitos foram organizados para garantir a manutenção das terras reconquistadas.

Em decorrência das cruzadas os cristãos ampliaram seu domínio e diversos reinos foram criados nos territórios conquistados resultando na formação de novos reinos e das nações de Portugal e da Espanha que seriam protagonistas no encontro com um novo tipo de alteridade. Os últimos líderes muçumanos só foram expulsos da península Ibérica com a conquista do Reino de Granada em 1492, mas durante os séculos em que os mouros permaneceram em cena representando o *Outro infiel* para os cristãos, os seres teratológicos não foram esquecidos e o imaginário europeu continuou povoado por ninfas, sereias, ciápodas, blêmios, antípodas e outros seres monstruosos e maravilhosos. E o canibalismo, o gigantismo, o desconhecimento da agricultura e o costume de comer alimentos crus continuaram presentes no imaginário europeu como referentes do estado de selvageria até o encontro com os habitantes do continente americano. Entretanto esse imaginário também era construído com materiais preciosos – e não menos ilusórios –

como o ouro e a prata, que faziam parte da realidade concreta e pela curiosidade de se descobrir o Édem bíblico, o El Dourado, o país de Offir e o reino de Preste João onde se podia encontrar a fonte da juventude e rios de ouro, prata e pedras preciosas. Geograficamente, segundo Giucci (1992:13), a Ásia encarnou o reino dos prodígios na imaginação dos europeus da Baixa Idade Média. Esse imaginário, tanto no que se refere aos seres fantásticos como no que se refere à ilusão de enriquecimento em terras miríficas, foi alimentado e robustecido pelos romances que narravam as aventuras fantásticas do Rei Arthur com seus cavaleiros em busca do Santo Graal e de Carlos Magno com seus doze pares, as gestas de Amadis de Gaula, as navegações de São Brandão, as viagens de Mandeville e pela divulgação da obra em que Marco Polo narra suas aventuras no império formidável da China. A influência dessas obras foi tal que os mapas e cartas geográficas eram ilustrados com figuras de criaturas monstruosas que habitavam as longínquas terras em que os errantes cavaleiros vivenciavam suas mirabolantes aventuras e os que se aventuravam no mar tenebroso em busca de fama e fortuna em terras ignotas e distantes se identificavam com os heróis das gestas cavaliereiscas (PELOSO, 1996: 47). Entretanto, à medida que os navegadores avançam em direção a outras terras, esse horizonte fabuloso é deslocado em direção à África e, finalmente, para as Américas. E o confronto, aqui, com uma diversidade radical e surpreendente provoca uma crise nos padrões narrativos que se mostram ineficazes para descrever uma realidade deslumbrante que não se enquadra nos cânones da experiência empírica nem nos estereótipos culturais da época e desperta no homem renascentista o compulsivo desejo de viajar para certificar-se com os próprios olhos da realidade maravilhosa do continente descoberto e de narrar o que via para o deleite dos leitores e para a perpetuação de seu nome na história. Surgem, então, as crônicas dos viajantes do Novo Mundo caracterizadas pela descrição das fascinantes imagens de uma realidade

maravilhosa que supera as descrições dos mitos teratológicos e tornando seus personagens presentificáveis e quase banais. De acordo com Greenblatt (1996:36 e 38), a experiência de maravilhamento desempenha um papel decisivo na arte e na filosofia desse período e é um componente quase inevitável do discurso da descoberta. E a expressão desse maravilhamento – definido pelo autor como a surpresa causada pelo reconhecimento instintivo da diferença – representa aquilo em que, embora experimentado, mal se pode acreditar.

Maquiavel (2007: 281) afirma que as organizações sociais tendem a alternar períodos de grande desenvolvimento e perfeição com outros de declínio (ou mal) para, em seguida, voltarem novamente ao progresso, ou ao bem. A validade desta teoria foi verificada com o progresso experimentado pela sociedade europeia após a grande mortalidade decorrente da peste negra que assolou o continente no Século XV, a guerra dos cem anos, as batalhas contra os mouros, as revoltas populares causadas pela fome e pela sobrecarga de trabalho, a crueldade judicial e religiosa que faziam das torturas e execuções públicas de criminosos e das *rodas e autos-de-fé* da inquisição verdadeiros espetáculos de entretenimento público. Para estimular o aumento de produção com um número menor de trabalhadores, verificou-se o incremento do trabalho assalariado e do arrendamento de terras com o conseqüente enfraquecimento do sistema feudal. A economia monetária e os investimentos de capital se intensificaram e a atividade comercial se fortaleceu. Acima de tudo, verificou-se uma valorização do homem, de suas obras e de todas as suas potencialidades.

O reconhecimento de si como centro do universo despertou no homem renascentista o desejo de se sobrepor aos outros indivíduos e o desejo de tudo conhecer e de experimentar todas as possibilidades de criação e de realização pessoal. Para a

consecução desses desejos os pensadores humanistas, em geral, acreditavam que a educação seria o fator decisivo. Para outros, o sucesso ou o fracasso pessoal dependeria do acaso, do engenho, da astúcia ou da riqueza. E o homem do renascimento utilizava o fator que estivesse ao seu alcance para inscrever seu nome na história. O momento colocava em foco, sobretudo, a capacidade criativa e o período se caracterizou por grandes realizações na música, na literatura, na escultura, na pintura, na arquitetura, na matemática, na mecânica e por invenções que foram imprescindíveis para a divulgação dos novos conhecimentos – como a imprensa de Gutenberg – e para o sucesso da grande aventura marítima europeia – como o aperfeiçoamento da bússola, do astrolábio e da cartografia.

O humanismo não exclui a fé. O antropocentrismo não elimina a religiosidade. E é ainda em nome de Deus que o homem se aventura no mar em busca de riqueza e fama, mas verifica-se um deslocamento das posições antes ocupadas pela divindade e pelo sujeito. Retomando o estudo da cultura greco-romana e criticando os valores medievais, os filósofos questionaram e repensaram todos os aspectos da vida e colocaram o homem no centro do universo superando o teocentrismo medieval e iniciando, assim, o movimento renascentista que se caracterizou pelo antropocentrismo, pelo individualismo, pelo hedonismo, pelo experimentalismo, pela valorização das línguas nacionais e pela valorização do racionalismo com a conseqüente tentativa de recalque do imaginário. Apenas tentativa uma vez que a imaginação se configura como elemento constituinte do ser humano e é a potência que gera o desejo e que move o homem em busca de sua realização. Desde os primórdios a humanidade é regida por ideais, sonhos e desejos nascidos da imaginação e o tempo das navegações, em que o sujeito descobre a si próprio e a um novo mundo dando início à modernidade, não foge a essa regra. Como já foi dito, o imaginário europeu nessa época – principalmente após a divulgação

das aventuras de Marco Polo – era povoado por lendas e a força de algumas dessas lendas modificou o curso da história já que o desejo de encontrar o reino de Preste João fez com que a Rainha Filipa, esposa de D. João I de Portugal, organizasse uma expedição militar que, embora não encontrasse o lendário reino, culminou com a conquista de Ceuta. Movido pelo mesmo desejo, seu filho, D. Henrique, intitulado o Navegador, consciente de que, para atingir seu objetivo seus emissários teriam que superar o medo do desconhecido e atravessar o Mar Tenebroso que acreditavam povoado por monstros e por seres fabulosos, toma a iniciativa prática de criar um centro de pesquisas geográficas, matemáticas e astronômicas que se torna também uma escola de construção naval, de navegação e de preparação dos marinheiros para a aventura marítima que demandava coragem, força e boa disposição mental. A iniciativa movida pelo sonho tornou possíveis as grandes navegações e, assim, as naus dos descobrimentos carregaram pelo mar o conhecimento tecnológico que possibilitou a travessia, os sonhos de um povo visionário e a loucura da ambição que impeliu os navegadores a mergulharem no desconhecido.

Nesse período de transição marcado por contradições entre o real e o imaginário, entre a razão e a desrazão, atravessado por linhas de continuidade e de descontinuidade (FREITAS, 1990, p. 21), diversos são os motivos que impelem os aventureiros. A necessidade de novas fontes de metais preciosos para a cunhagem de moedas que abastecessem a atividade comercial em expansão e a necessidade de encontrar novas rotas para o comércio com o ocidente, é um dos fatores apontados para que os navegantes europeus, encorajados pelos burgueses, pelos nobres e pelo clero, se imbuíssem do espírito renascentista, acreditassem em si mesmos e se lançassem ao mar dispostos a enfrentar todos os perigos, em busca da fama, da fortuna e de outros povos – imaginados como desprovidos da graça divina e à espera de quem lhes levasse o

evangelho da salvação – entre os quais pudessem propagar a fé católica. Outros eram impulsionados por um desejo oposto: decepcionados com uma igreja que se mostrava cada vez mais cruel e libertina em grotesco contraste com as virtudes que proclamava, lutavam para se desvencilhar das convenções e dos valores de uma cultura decadente e encaravam as viagens marítimas como forma de se desvencilhar das amarras sociais e religiosas que os prendiam. Aventurar-se na imensidão do mar desconhecido abria para os navegantes a oportunidade vertiginosa de desafiar os limites do espaço e do tempo; de provar a própria coragem e tenacidade; de alcançar fama, fortuna e glória; de adquirir novos conhecimentos e de encontrar novos valores. E essa possibilidade de tudo experimentar e de tudo conquistar em uma única empresa, fascinava-os a tal ponto que não temiam perder a vida em sua busca.

Privilegiado por sua posição geográfica, e graças aos avanços tecnológicos e científicos resultantes das pesquisas e estudos da Escola de Sagres, Portugal foi o primeiro país a se lançar ao Atlântico e deu início à expansão marítima com a conquista de Ceuta em 1415 e logo em seguida, da ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde. Em 1492, após derrotar os mulçumanos, a Espanha também se dedica à mesma campanha e patrocina a expedição de Cristóvão Colombo que, confiante na teoria da esfericidade da terra e também movido pelo sonho de encontrar as terras descritas por Marco Polo, se propunha chegar ao oriente navegando para o ocidente. Ainda em 1492, a 12 de outubro, o navegador italiano chegou ao continente americano acreditando ter chegado às Índias e sem imaginar que acabara de cometer a ação mais memorável da história. Em 1498, Vasco da Gama chegou a Calicute, nas Índias e em 1500, Pedro Álvares Cabral tomou posse do Brasil em nome do rei de Portugal. Em 1503, Balboa avistou o Oceano Pacífico e entre 1519-1522, Fernão de Magalhães realizou a primeira viagem de circunavegação da terra tendo morrido antes de sua conclusão.

3. O MUNDO DE CÁ

He aquí el relato de cómo todo estaba en suspenso, todo tranquilo, todo inmóvil, todo apacible, todo silencioso, todo vacío, en el cielo, en la tierra. He aquí la primera historia, la primera descripción.

No había un solo hombre, un solo animal, pájaro, pez, cangrejo, madera, piedra, caverna, barranca, hierba, selva. Sólo el cielo existía. La faz de la tierra no aparecía; sólo existían la mar limitada, todo el espacio del cielo. No había nada reunido, junto. Todo era invisible, todo estaba inmóvil en el cielo.

Popol-Vuh

Após cinco séculos de uma convivência conflituosa, o índio continua sendo pouco mais do que um mito para nossa civilização. Não se pode afirmar com certeza de onde, quando ou porque vieram. Provavelmente vieram da Ásia e, segundo a teoria mais aceita, pelo estreito de Behring durante a Era Glacial, quando uma ponte de gelo unia a Ásia à América do Norte (aproximadamente de 12 a 15 mil anos A. C.), mas a semelhança entre alguns idiomas indígenas com o idioma dos polinésios e o fato desses povos serem exímios navegadores sugerem que os polinésios possam ter navegado de ilha em ilha pelo pacífico até alcançarem o continente. Entretanto, indícios arqueológicos sugerem a presença do homem no continente americano há quarenta ou até mesmo a setenta mil anos, segundo as pesquisas de Niéde Guidón no sítio arqueológico de São Raimundo Nonato no Piauí e esses indícios corroboram uma terceira hipótese denominada de Teoria da Autoctonia. As semelhanças fenotípicas entre alguns povos da América do Sul com índios das Antilhas, de Cuba e com os berberes do Marrocos alimentam uma quarta teoria mais fantasiosa em que se misturam

lendas antigas como a de Atlântida com mitos do novo mundo, como os Astecas que se diziam procedentes de uma ilha a oeste da América.

A validade dessas teorias não é relevante para esse trabalho e apenas confirmam o pouco conhecimento citado no início desse tópico sobre a origem e a época da chegada do homem ao continente americano. Sobre a terceira questão – a motivação dessa imigração – é possível que tenham vindo à procura de uma *Canaã* e aparentemente a encontraram, pois até que aparecessem estranhos homens pálidos e barbudos, vindos do leste, nosso continente foi o lar dos que aqui viviam em harmonia com a natureza, em harmonia com seus deuses, em harmonia, com seus amigos e, de certa forma, até mesmo com seus inimigos já que a guerra entre as tribos era ritualizada e seguia padrões éticos pré-estabelecidos e respeitados por todos os que dela faziam parte. Em seus relatos se referem não a um *Paraíso* – pois que estavam sujeitos aos conflitos necessários à conservação da vida, às intempéries e à morte – mas à sua *casa*:

Barbudo inimigo, homem vermelho,
de onde chegas extraviado,
a que vieste,
que vento te trouxe,
o que é que queres
aqui em minha casa, aqui em minha terra? [Atahualpa] (LEON-PORTILLA, p. 130)

E a um tempo de que se recordam com nostalgia:

Medido estaba el tiempo en que mirara sobre ellos la celosía de las estrellas, de donde, velando por ellos, los contemplaban los dioses que están aprisionados en las estrellas. Entonces todo era Bueno.

Había en ellos sabiduría. No había entonces pecado. Había santa devoción en ellos. Saludables vivían. No había entonces enfermedad; no había dolor de huesos; no había fiebre para ellos, no había viruelas, no había ardor de pecho,

no había dolor de vientre, no había consunción. Rectamente erguido iba su cuerpo, entonces. (Los libros de Chilam Balam de Chumayel, 2008, p. 29-30).

Numerosos eram os povos que habitavam o continente e cada povo, ao contrário das afirmações dos primeiros cronistas, tinha seus costumes, sua língua e suas crenças. Por meio de objetos ou de seus fragmentos, pinturas e gravuras encontrados em alguns sítios arqueológicos, é possível notar que os primeiros habitantes do continente americano possuíam um modo de vida semelhante ou análogo aos habitantes da África, da Europa e da Ásia no mesmo período e que, tal como os habitantes dos continentes mencionados, passaram por diferentes etapas de desenvolvimento.

Alguns desenvolveram tecnologias agrícolas que possibilitavam uma produção excedente visando alimentar uma grande população. Utilizavam canais de irrigação, domesticavam animais, fabricavam armas, instrumentos e adornos de metal, construíam cidades com templos e prédios e eram administrados por um Estado. Esses – segundo os padrões europeus – tinham alcançado um estágio avançado de desenvolvimento.

Alguns povos constituíram sociedades coletoras e caçadoras nômades, pois, devido a abundância de alimento disponível no ambiente não precisavam plantar para sobreviver. Bastava caçar animais, pescar, e colher frutas e raízes. E quando o alimento se tornava escasso ou quando as condições climáticas se tornavam adversas, se deslocavam para outras áreas em que as condições de subsistências fossem mais favoráveis. Outros povos desenvolveram uma economia de subsistência. Pescavam, caçavam e coletavam frutas e raízes, mas também garantiam sua alimentação por meio da agricultura. Os dois últimos modelos de sociedade, segundo os mesmos padrões, tinham um modo de vida rudimentar, e neles não reconheciam qualquer grau de desenvolvimento.

Entretanto, todos possuíam modelos de organização social eficazes, mitos e crenças religiosas bem elaboradas além de sistemas de trabalho, conhecimentos e habilidades suficientes para garantir sua sobrevivência. Também desenvolveram regras de convivência e modos de relacionamento com outros povos e culturas. A hospitalidade era um princípio religioso para muitos povos e o Outro, era recebido muitas vezes como enviado dos deuses e, mesmo quando visto como invasor ou inimigo era tratado com respeito e dignidade.

Gambini (2000:159), ao fazer referência à farsa histórica do *descobrimento* do nosso continente, afirma que não houve nenhum descobrimento, mas, sim, a invasão de um território vastíssimo que era habitado, em sua totalidade, há milhares de anos, por milhares de grupos culturais autônomos e diferenciados e que, antes de serem *descobertos* tinham sido capazes de equacionar maravilhosamente as grandes questões humanas comuns a qualquer cultura. Embora se refira especificamente ao índio brasileiro, suas afirmações podem se estender a todos os habitantes do continente, pois, de fato, todos tinham adquirido o conhecimento necessário e suficiente ao desenvolvimento de uma cultura:

[...] sobreviver, encontrar e preparar alimentos, proteger-se da natureza e de seus espíritos, formar vínculos sociais e estabelecer formas de convívio, criar uma linguagem, encontrar meios de curar ferimentos ou doenças, achar graça e beleza na vida, distinguir o benéfico do maléfico, encontrar respostas para o surgimento da vida e o mistério do pós-morte, descobrir o lugar do homem no cosmo e quais as forças que regem o ilimitado. Ou seja: organização social, tecnologia material, arte, língua, mitologia, religião, lazer, produção, filosofia, metafísica, valores, vontade de viver (Gambini, 2000: 160).

No intuito de conferir a validade dessa assertiva, iniciei a parte mais agradável do meu trabalho – buscar conhecer um pouco da história, da cultura e, principalmente, da literatura, dos povos indígenas. E, embora apenas os textos referentes a alguns povos da

América Central e da América do Sul figurem como objetos do presente estudo, esboço, a seguir, um panorama da ocupação de todo o Continente. Devido ao escasso conhecimento da cultura indígena e à riqueza do material pesquisado, não me furtei ao prazer de saborear a beleza do pensamento e da literatura desses povos e de registrar e compartilhar um pouco de tudo em um capítulo que, conseqüentemente, ficou um pouco maior do que o esperado.

3.1 Povos que ocupavam o norte da América

Our wise forefathers established union and amity between the five nations. This has made us formidable. This has given us great weight and authority with our neighboring nations. We are a powerful Confederacy, and by your observing the same methods our wise forefathers have taken you will acquire much strength and power; therefore, whatever befalls you, do not fall out with one another.

Canassatego

Para traçar o panorama proposto, tomo como ponto de partida a teoria de que a ocupação se deu a partir da travessia do Estreito de Bering e inicio a descrição desses povos a partir da região do extremo norte do continente em direção ao sul com o objetivo de abordar ao menos um pouco do tesouro da experiência humana, do conhecimento e da sabedoria acumulada por eles no decorrer de milhares e milhares de anos e que foi ignorado pelos descobridores que viram apenas seres brutais, bestiais em quem não conseguiram – ou não quiseram – reconhecer nem mesmo a condição de seres

humanos. Ao descrever as civilizações pré-colombianas e comentar seu nível de desenvolvimento, utilizo como parâmetro o conceito de desenvolvimento da civilização europeia não por considerá-lo melhor ou superior, mas, devido à necessidade de um parâmetro e por ser o padrão com o qual estamos familiarizados.

O extremo norte do Continente foi ocupado por povos da nação esquimó que habitavam as regiões árticas do Alasca, do Canadá e da Groelândia, entre os quais se destacam os inuítes, povo nômade que sobrevivia da pesca e da caça. Além de servirem como alimento, as renas, as baleias, as morsas e as focas, forneciam a pele – nas quais, às vezes, faziam desenhos – para tecer roupas, máscaras utilizadas pelos xamãs e abrigos; e os ossos para a fabricação de armas e de ferramentas. A rena, também chamada de caribu, foi domesticada por esse povo e servia como força de trabalho (tração). Sua língua era o Inupik e acreditavam que os espíritos da natureza, dos animais e até das plantas, dirigiam suas vidas. Entre os povos que habitavam essa região era costume a troca de esposas como modo de fortalecimento dos laços de amizade entre as famílias e, no caso da morte de um dos homens, o outro se encarregava do sustento dos órfãos como um dever sagrado.

Os povos que habitavam a região do Canadá formavam, segundo Brown (1994: 33), um complexo mosaico cultural com 12 línguas principais e muitos dialetos. A população era distribuída de forma desigual: as mais complexas e estratificadas ocupavam a costa ocidental, a região sententrional de bosques e tundras era ocupada por pequenos grupos familiares e a costa do pacífico era ocupada por grupos de pescadores. Alguns grupos que ocupavam a região do ao sul de Ontário e o Vale de São Lourenço viviam apenas da caça, mas outros grupos aliaram a caça à pesca e desenvolveram uma agricultura incipiente com o cultivo de hortas. Todos os grupos criaram instrumentos para o

trabalho agrícola, estratégias e armas para a caça e para defesa além de armadilhas e instrumentos para a pesca. Fabricavam roupas e calçados com a pele de animais, canoas, trenós puxados por cães e construía moradias e abrigos. Os tendões e ligamentos de alguns animais eram usados como linhas de costura e os ossos e chifres utilizados para fabricação de ferramentas e armas. Cantavam e dançavam ao som de tambores em seus rituais para a cura de doenças, para controlar o clima ou a caça ou ainda para descobrir o paradeiro dos viajantes.

Alguns povos acreditavam em uma divindade criadora como os Chipewyan, cujo deus Yedariyé (aquele que vive no alto) era também denominado como Niottsi (criador), espírito benevolente que, ocasionalmente, ajudava as pessoas em perigo. Outros povos cultuavam heróis culturais como Yamoza, o principal herói cultural dos dogrib e de outras tribos dene, que, segundo a tradição, usa a inteligência no lugar da força para derrotar seus inimigos matando-os ou tornando-os inofensivos.

As histórias e lendas da tradição oral narradas por esses povos, ainda segundo Brown (1994: 34), são bem desenvolvidas e proporcionam imagens reveladoras de sua vida e costumes antes da intrusão europeia. Entretanto, a maioria dessas narrativas só foi registrada muito depois do primeiro contato e, conseqüentemente, mesclam experiências de épocas anteriores e posteriores à invasão europeia.

A região dos Estados Unidos conhecida como Grande Bacia era povoada por povos caçadores e coletores de fala shoshoni e a região de florestas era habitada pelos algonquinos e pelos atabasquianos, tribos que sobreviviam da caça do caribu, do boi almiscarado, do veado, do búfalo e de animais menores como coelhos e castores

utilizando o arco, a flecha, armadilhas e redes. Suas habitações eram tendas cônicas feitas de peles de animais e seus vasilhames eram feitos de casca de árvores. Construíam boas canoas com cortiça de bétula e confeccionavam sapatos para andar na neve. Alguns dos povos ancestrais da região hoje ocupada pelos Estados Unidos da América são conhecidos como tendo alcançado um considerável nível de desenvolvimento, dentro dos padrões europeus como os ojibwe, os anasazi, os adena, os hohokan, os iroqueses,

Os **ojibwe** ou chipewa formavam uma das maiores nações que habitavam o continente norte-americano e constituem o mais importante grupo entre os povos de língua Anishinaabe, um ramo da família de línguas Algonquian e, de acordo com sua tradição oral e com gravações em pergaminhos, vieram da Ásia pelo Estreito de Torres no Oceano Pacífico o que confirma a teoria de outras rotas de migração além do Estreito de Bering.

Historicamente, os ojibwe são conhecidos por terem elaborado uma forma de escrita pictórica em pergaminhos de casca de bétula e por terem criado instrumentos musicais para marcar o ritmo de seus cantos e danças e até mesmo uma notação musical também pictórica. Eram hábeis construtores de canoas, utilizavam búzios e conchas como moedas e usavam o cobre nas pontas de suas setas. Adotavam um estilo sedentário de vida e praticavam a caça e a pesca para complementar o cultivo de inúmeras variedades de milho, abóbora, arroz selvagem e outros vegetais. Moravam em tendas feitas de zimbro, de casca de bétula e de casca de salgueiro. Entre suas crenças espirituais destacam-se a história da criação, a história das origens de suas cerimônias e rituais e os ensinamentos dos Midewiwin, sete seres iridescentes que os guiavam em busca de um lugar ideal para viver.

Criaram, ainda, a roda de medicina, uma estrutura composta por um centro de pedra e por raios ou linhas de pedras que irradiam desse centro, que era usada como meio de ensinar conceitos importantes como pontos cardeais, observações astronômicas sobre as estações do ano e como ferramenta de memorização de histórias e crenças. Esses escritos permitem um vasto conhecimento de sua história, de seus estudos de matemática e de geometria.

Os **anasazi** eram um antigo povo indígena norte americano que viveu onde hoje fica o Four Corners, nos Estados Unidos, cerca de 1.200 a.C. Achados arqueológicos demonstram que eles trabalhavam a cerâmica, produziam tecidos e tinham conhecimento de irrigação. Suas ferramentas agrícolas eram feitas de pedra e madeira e eles adaptaram técnicas de irrigação aprendida dos povos que habitavam o México para construir pequenas barragens, canais e reservatórios que garantiam o cultivo de milho, feijão, abóbora e tabaco mesmo quando as condições naturais eram adversas. Dominavam técnicas de armazenamento dos alimentos e complementavam sua dieta com a caça e com a recoleta de pinhões, figos, bagas e frutos silvestres.

O desenvolvimento da agricultura e a conseqüente adoção do estilo de vida sedentário fez emergir uma nova cultura caracterizada pela formação de povoações formadas inicialmente por construções de tijolos muito simples e primitivas e posteriormente por construções mais sofisticadas como em Pueblo Bonito. As aldeias geralmente eram construídas em locais de difícil acesso como a área de Mesa Verde nas falésias dos grandes desfiladeiros do Colorado e Pueblo Bonito, formando agrupamentos que chegavam a abrigar centenas de pessoas. Essa localização, embora dificultasse o trânsito dos moradores entre os campos de plantações e suas residências, proporcionava proteção natural contra ataques inimigos e contra as intempéries climáticas. Além de

pele ou couros de animais, teciam algodão e outras fibras vegetais, como a *Yucca*, para a fabricação de suas roupas, mantas, agasalhos, sandálias e sapatos. Fabricavam, ainda, instrumentos musicais, como flautas feitas de ossos, jóias, escovas e pentes de madeira e de outros materiais como osso, coral e pedras preciosas.

Usavam símbolos que até o momento não foram decifrados e faziam observações dos movimentos solares. Deixaram impressionantes petróglifos nos quais o motivo mais repetido era a espiral. Em um desses petróglifos ficou registrado um mapa celeste e a explosão de uma supernova na Nebulosa do Caranguejo, em 1054 d. C. com seu exato posicionamento em relação à lua, fenômeno que também foi registrado pelos mimbres em uma peça de cerâmica. O avançado conhecimento astronômico desses povos é demonstrado ainda com uma peça de entalhe colocada atrás de três grandes monólitos que recebe em seu centro um único raio de sol exatamente ao meio-dia de 21 de junho. A mesma capacidade de cálculo pode ser observada em seu maior templo ou *kiva*, a Casa Rinconada, em cuja estrutura circular foi construída uma única e pequena janela e um nicho em seu lado oposto que durante todo o ano recebe, também, um único raio de sol no exato momento do solstício do verão.

Os estudiosos dividem a cultura anasazi em três períodos denominados Pueblos. O período entre 900 – 1100 d. C. é considerado como o auge dessa cultura que, em seguida, entre 1100-1300, por razões ainda desconhecidas, entra em declínio e o conjunto de Mesa Verde é abandonado passando a ser habitado por novos povos primitivos.

Sob a denominação de civilização **adena** se agregam várias comunidades de antigos ameríndios que viveram na região dos atuais estados de Ohio, Indiana, Virgínia ocidental, Kentucky, Pensilvânia e Nova York e que apresentam características culturais

semelhantes como o sistema de rituais e a maneira de enterrarem seus mortos. A característica mais marcante dessa civilização é a construção de montes funerários, elevações artificiais de terreno formando figuras como o montículo da grande serpente e é encontrada também na cultura Hopewell que sucedeu a cultura adena e na cultura mississipiana. A tumba de Grave Creek é o maior deles, com 21 metros de altura e 90 metros de diâmetro na Virgínia Ocidental.

Viviam em aldeias de moradias circulares construídas de varas e cascas de árvores. Viviam da caça, da pesca e da coleta de vegetais e criaram várias ferramentas de pedra além de trabalharem com a cerâmica de forma rudimentar. Alguns materiais utilizados em seus ornamentos, como o cobre, a mica e conchas, evidenciam a prática de comércio com povos distantes. A cultura Hopewell, tecnicamente mais sofisticada, introduziu a reprodução de figuras humanas em sua cerâmica e gravuras com formas animais na pedra.

Uma das mais notáveis civilizações pré-colombianas da América do Norte é a cultura **hohokan** que floresceu na área desértica do estado do Arizona e se estendeu até aos estados de Sonora e de Chihuahua no México. Os hohokan foram hábeis construtores e suas casas de adobe ou de pedras formaram amplos povoamentos com edifícios públicos, plataformas piramidais dedicadas ao culto religioso e campos de jogos de pelota que demonstram o intercâmbio cultural com os povos da Mesoamérica com os quais mantinham também relações comerciais. Foram também bons agricultores e desenvolveram complexas estratégias para vencer a aridez do solo que ocupavam. Construíram extensas redes de canais de irrigação que lhes permitiram o cultivo de algodão, tabaco, agave, milho, feijão e pitayas que enriqueciam sua alimentação complementada com a caça e com a coleta de frutos nativos do deserto.

Costumavam cremar seus mortos e sepultar suas cinzas em vasos de cerâmica junto com oferendas para os deuses da morte. A cerâmica hohokan se caracterizava pelo uso de uma argila típica da região misturada a outros minerais. Utilizavam óxido de ferro como pigmento para obter o tom vermelho utilizado para decorar suas peças, geralmente com representações de animais em formas geométricas e construía fornos de terra para o preparo de pães e de carne. Seu artesanato era refinado e diferenciado dos povos vizinhos. Por volta do século XI descobriram a técnica de água-forte, produziram as primeiras esculturas em pedras e desenvolveram técnicas para a fabricação de tecidos de algodão. Produziam joias com conchas, pedras e ossos, guizos de cobre, espelhos de obsidiana, mosaicos e aves ornamentais.

Entre os anos de 1350 e 1450, a cultura hohokan entrou em declínio, provavelmente devido à desproporção entre o crescimento da população e a capacidade produtiva da agricultura agravada pela diminuição da água disponível para a irrigação do deserto, e vários povoamentos foram abandonados. Alguns grupos migraram para outras regiões onde fundaram pequenos povoados agrícolas. Por ocasião da chegada dos espanhóis, esses povoados ainda eram ocupados por povos descendentes da cultura hohokan.

A **Haudenosaunee**, comumente chamada de Confederação Iroquesa foi formada por um grupo de cinco nações – Mohawks, Onondagas, Oneidas, Cayugas e Sênecas – que viviam na região dos Grandes Lagos, ao sul de Ontário no Canadá e na região de Nova York, nos Estados Unidos. Viviam perto uns dos outros, falavam línguas semelhantes e tinham costumes semelhantes. Cultivavam milho, feijão, abóbora, frutas e ervas selvagens. Preparavam pão de milho, sopas e guisados em fornos de pedra. Fabricavam arcos e flechas para a caça, canoas, lanças e varas para a pesca, enxós de pedra (um tipo de machado) para trabalhar madeira, facas de sílex para esfolar animais e enxadas de

madeira para agricultura. Teciam túnicas (ponchos ou kilt), fabricavam mocassins de camurça e desenvolveram instrumentos musicais como tambores que, às vezes, enchiam de água para produzir um som característico diferente dos outros tambores e flautas com as quais os rapazes faziam serenatas para demonstrar seu amor pelas namoradas. O sistema social era bem democrático com características matriarcais. Dividiam-se em clãs sempre governados por mulheres que tomavam todas as decisões sobre as terras e sobre os recursos da comunidade. Aos homens cabiam a responsabilidade da caça, as decisões militares e os acordos comerciais. Ambos os sexos participavam das atividades artísticas, musicais, de contar histórias e da prática da medicina tradicional. Só os homens votavam no Grande Conselho da Confederação formado por cinquenta membros, mas só as mulheres elegiam os membros do conselho tribal que representariam a tribo no Grande Conselho e, caso a conduta desses representantes não fosse satisfatória, tinham o poder de demiti-los.

De acordo com a tradição, a Confederação Iroquesa foi fundada por Hiawatha, líder dos Onondagas que, após um longo período de guerras destrutivas entre as tribos, propôs uma aliança que possibilitasse a paz para os povos participantes e uma arma de dissuasão diante dos inimigos. Hiawatha enfrentou a oposição feroz de Atotarho, vitorioso e forte guerreiro, chefe dos Onondagas, tão cruel que havia conseguido aterrorizar não só as tribos vizinhas, mas muitos de seus guerreiros como o próprio Hiawatha que saiu do meio do seu povo e procurou refúgio entre os Mohawks e encontrou no líder espiritual Dekanawidah – Grande Pacificador – o apoio necessário para iniciar a Kayanerenh Kowa (grande aliança). Juntos, elaboraram os princípios que regeriam a aliança proposta e, Hiawatha, habilmente ofereceu a Atotarho a chefia da coligação, confiando em que sua vaidade e soberba levariam – como de fato levaram – seu perigoso rival a aceitar o mandato de paz, vencendo sua resistência e fazendo-o

abandonar para sempre a luta contra as outras tribos. Cada tribo tinha um conselho tribal cujos membros eram nomeados pelas matriarcas e cada tribo enviava um número determinado de representantes ao Grande Conselho da Confederação que era composto por cinquenta membros. Os princípios democráticos da Grande Lei da Paz elaborada pelo Grande Conselho inauguraram o modelo de governo do povo, para o povo e pelo povo e serviram de inspiração para o planejamento e a elaboração da constituição dos Estados Unidos da América e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Como exemplos, podem ser citadas a cláusula que estabelece que os caciques devam se esforçar para manter a calma mesmo diante de críticas à sua conduta nos assuntos governamentais; a que estabelece a remoção dos chefes que não estejam mais aptos a trabalhar no cargo, as cláusulas que garantem a liberdade religiosa e o direito de reparação perante o Grande Conselho e que proíbem a entrada em domicílios sem a autorização de seus moradores.

3.2 Povos que habitavam a mesoamérica

Tudo é tão fabuloso!...
Hernán Cortez

A Mesoamérica – região intermediária do continente Americano com grande diversidade étnica e linguística, que abrange parte do México e incluem os territórios da Guatemala, El Salvador e Belize bem como as porções ocidentais da Nicarágua, Honduras e Costa Rica – é a área em que se desenvolveram algumas das civilizações pré-colombianas consideradas como as mais avançadas e complexas da América,

sempre de acordo com o padrão europeu, como os olmecas, os teotihuacanos, os toltecas, os astecas e os maias.

Embora reconheça semelhanças entre os processos de desenvolvimento e de complexização das estruturas sociais, religiosas, políticas e econômicas que favoreceram o florescimento de grandes culturas e civilizações como as do Egito, Mesopotâmia, Índia e China e os processos que permitiram o aparecimento das grandes civilizações na Mesoamérica, León-Portilla (1980) afirma a ineficácia dos padrões europeus de história e de cultura quando aplicados ao estudo da história e da cultura dos povos americanos devido à forma peculiar como esses povos se desenvolveram. Como exemplo cita o fato que em nosso continente não houve a era paleolítica, uma vez que a chegada dos primeiros grupos de caçadores e coletores nômades é calculada entre 35 a 40 mil anos. O autor assinala também que, no caso específico da Mesoamérica, em que o fóssil humano mais antigo é datado em 8.000 a.C., a partir da agricultura incipiente do milho, do feijão, da abóbora e da pimenta alguns grupos se enriqueceram culturalmente e desenvolveram técnicas de irrigação e de cultura de alimentos, de fabricação de cestos, de objetos de cerâmica e de fiação de tecidos. Em contrapartida, esses grupos nunca utilizaram a roda, nem outro instrumento agrícola além da *coa*, assim como nunca desenvolveram tecnologia para trabalhar o ferro e o bronze, o que permitiria considerar, dentro dos padrões europeus, que esses povos tiveram um desenvolvimento cultural rudimentar. Entretanto, em um período relativamente curto, se comparado período de desenvolvimento das culturas europeias e a partir do surgimento dos primeiros centros cerimoniais, é possível constatar o desenvolvimento de formas de artes refinadas que nunca poderiam ser classificadas como primitivas ou rudimentares. A especialização no trabalho dá origem à divisão de classes – pintores, escultores, arquitetos, músicos, artesãos, ourives, soldados e sacerdotes – favorecem a organização

social e política. Assim, mil anos a.C. já se verifica o nascimento do primeiro calendário e o início da escritura, fato que, nos padrões europeus, permitiriam considerar esses povos como possuidores de uma *alta* cultura.

León-Portilla (1980) destaca ainda no estudo dessa civilização, a constatação da consciência que alguns desses povos possuíam do valor de sua herança cultural e da necessidade preservar esse legado bem como de preservar a memória ou história de seus feitos. E destaca dois termos da língua náhuatl que evidenciam essa consciência. O primeiro é *tlopializtli* que traduz a ação de preservar algo e tem seu significado explicado pelo cronista Tezozómoc (apud León-Portilla, 1980: 15):

En verdad estas palabras son *to-pializ (tli)*, “lo que nos compete preservar”; así nosotros también, para nuestros hijos, nietos, lós que tienen nuestra sangre y color, lós que saldrán de nosotros, para ellos lo dejamos, para que ellos, cuando ya nosotros hayamos muerto, también lo guarden...

O segundo termo é *toltecatoytl* que pode ser traduzido como toltequidade e se refere à essência e conjunto da cultura tolteca embora, na verdade, seja um conceito anterior ao surgimento da mesma. Originalmente o vocábulo *Tollan* (Tula) designava o lugar com abundância de água e de vegetação (lugar de espadanas ou tules – juncos) e teve sua significação ampliada para designar o lugar mais adequado para o assentamento de uma comunidade, um povoado grande, uma cidade ou metrópole de modo que as grandes cidades da região eram denominadas como Tollan Teotihuacan, Tollan Chollolan, Tollan Xicocotitlan ou Tollan Culhuacan. De Tollan derivou o vocábulo *toltecáyotl* com o sentido de homem refinado, sábio, artista (León-Portilla, 1980: 18), morador de uma grande cidade até chegar ao conceito abstrato de que abrange o conjunto das melhores realizações do homem em sociedade: o calendário, a escritura, a arte, a arquitetura, a música, a poesia, o conhecimento da vida, da divindade e do mundo.

Graças à consciência do valor dessas realizações que consideravam como um legado que devia ser preservado para a posteridade, é possível observar também a preocupação e o empenho em não permitir que se perdesse a memória das mesmas. Esse empenho de preservar a memória de suas origens, de seus feitos heroicos e de suas realizações artísticas se traduz como *tlatóllotl* (*palabra-recuerdo*) e permitiu que a riqueza de seu pensamento e de sua poesia, as observações astronômicas, as anotações calendáricas e a memória do passado fossem perpetuadas em anales, códices e em monumentos de pedra (estelas) e que nos permite, atualmente, conhecer um pouco da história e da cultura desses povos narradas por eles mesmos.

León-Portilla nos conta que em seu trabalho Sahagún utilizava questionários por meio dos quais seus informantes relatavam o que sabiam sobre a origem dos povos mesoamericanos, desde a significação de seus nomes, a descrição dos lugares em que viviam, suas ocupações, modo de vida, crenças religiosas, criações artísticas, alimentação, vestuário e características linguísticas. Entretanto, ao serem solicitados a responder sobre as mesmas questões referentes ao seu próprio povo, esses informantes prescindiam dos questionários formulados e se expressavam de forma espontânea e entusiasmada para se referir às suas próprias origens, crenças e modo de vida, deixando sobressair a consciência que tinham de sua herança cultural.

Os olmecas – A cultura olmeca é considerada como a civilização-mãe das culturas mesoamericanas. Floresceu na região da Costa do Golfo do México, na região em que atualmente estão localizados os estados mexicanos de Veracruz e Tabasco, e se estendeu à região central do México e até a costa do Pacífico, na região da atual Acapulco, entre 1500 e 400^a.C. Graças ao desenvolvimento de um sistema de aquedutos que possibilitou a drenagem das águas nas épocas de enchentes e a

irrigação da terra nas épocas de seca, conseguiram vencer as hostilidades do ambiente e aprimorar técnicas agrícolas que permitiam o sustento de grandes populações e o surgimento de núcleos urbanos. A economia era baseada no cultivo de milho, de feijão, de abóbora e de chili e era complementada pela caça e a pesca, além da coleta de frutas e de tubérculos silvestres. Também fazia parte da economia o comércio com várias regiões da América.

O primeiro núcleo urbano do povo olmeca é a antiga cidade de San Lorenzo considerada como um dos principais polos irradiadores dessa cultura. Algumas obras como as grandes cabeças esculpidas em basalto encontradas no grande templo atestam o requinte artístico desse povo.

Por razões ainda desconhecidas pela História, San Lorenzo entrou em decadência entre os anos de 950 a 900 a.C. e, quase ao mesmo tempo, começou a florescer La Venta, outra grande cidade olmeca, na planície em que atualmente está localizado o estado de Tabasco. La Venta permaneceu como o centro da civilização olmeca até 400 a.C., quando a cultura olmeca novamente entrou em declínio e a cidade foi abandonada.

Esse período se caracterizou por um incremento nas práticas comerciais, por uma maior complexidade na organização política e social e na sofisticação da mão de obra verificada na construção de vários centros cerimoniais, como a Grande Pirâmide, em obras de arte como pequenas obras em jade e na estatuária que testificam a habilidade de seus arquitetos, construtores, escultores e lapidadores.

A Estela C, descoberta por Stirling em 1939, e a Estela Covarrubias descoberta em 1968 por Beverido e Williams são partes complementares de uma mesma pedra

basáltica contendo glifos e apresentam uma sequência numérica de pontos e barras que possibilitam identificar a data em que sucedeu o evento registrado: 03 de setembro do ano 32 a.C.. A parte frontal da estela apresenta uma figura antropomórfica com traços característicos da cultura olmeca e que, segundo Soria (2013) seria a representação de uma deidade masculina relacionada com a chuva que estaria na origem do culto religioso de deuses de outras culturas relacionados com o mesmo fenômeno como Chaac, dos maias; Cocijó dos zapotecas; e Tláloc, dos astecas. Essas e outras descobertas arqueológicas fazem com que alguns estudiosos considerem os olmecas como a primeira civilização do hemisfério ocidental a criar um sistema organizado de escrita, um sistema de calendário eficiente que demonstra significativo conhecimento astronômico, o conceito de zero necessário para cálculos matemáticos complexos, o ‘juego de pelota’ e comprovam a influência dessa civilização na formação de outras culturas. Para Tellenbach (s/d) o calendário maia, por exemplo, seria uma continuação mais elaborada do calendário olmeca.

Os zapotecas – A civilização zapoteca floresceu na parte sul do Vale de Oaxaca e no istmo de Tehuantepec, no México, há aproximadamente 2.500 anos. Graças ao excelente clima e à fertilidade das terras em que se assentaram, os zapotecas puderam adotar o estilo de vida sedentário desde o início de sua organização social. Viviam em grandes aldeias e cidades em casas construídas com pedra e argamassa. Sua principal cidade, Monte Albán, tinha aproximadamente quatro quilômetros de extensão a partir da praça central e possuía grandes templos, palácios, dois campos de jogo de bola e tumbas magníficas. Após o declínio de Monte Albán, Mitla se tornou o centro de poder dos zapotecas.

A principal atividade econômica dos zapotecas era o trabalho agrícola e para o cultivo do milho, do feijão, da abóbora, do cacau e da pimenta, desenvolveram um eficiente sistema de irrigação. Caçavam diversos animais como veados, javalis e coelhos e complementavam a dieta com a coleta de frutas e tubérculos.

A maior conquista cultural dos zapotecas foi o desenvolvimento de um sistema logofonético de escritura que utiliza um glifo diferente para representar cada uma das sílabas de sua língua com o qual conseguiam registrar os principais eventos de sua história. Os registros eram feitos em pedras, cerâmicas, conchas, ossos e, possivelmente em materiais perecíveis como madeira, tecidos de algodão, papel ou peles de animais (García, 2008). Esse sistema de escrita precedeu e influenciou o desenvolvimento dos sistemas de escritura de outras civilizações mesoamericanas como as civilizações maias, mixteco e asteca.

Os zapotecas trabalhavam a pedra e sua arquitetura era rica em baixos relevos. Também faziam pinturas murais em que abundam os motivos de guerra com destaque de representações de cativos em atitude de submissão. Alcançaram grande prestígio no trabalho de ourivesaria pela fabricação de joias finamente trabalhadas em ouro.

Como a maioria dos povos mesoamericanos, os zapotecas eram politeístas, criam na existência de um paraíso subterrâneo e por isso davam grande importância ao culto dos mortos, adorando seus antepassados. Enterravam seus mortos sob o solo de suas casas ou próximo a elas, a princípio em sepulturas bem simples que, depois, se tornaram mais sofisticadas com coberturas abobadadas, portas e umbrais com baixos relevos, câmaras funerárias, vestíbulos e murais pintados com motivos religiosos.

Seu deus principal era Xipe Totec, deus criador que rege o universo também chamado de Tlatlauhaqui, o Sol. Entre as deidades principais figuravam ainda Cocijó, o deus da chuva e Copijcha, o deus da luz. Acreditavam que seus antepassados surgiram da terra, das covas, ou das árvores que os nobres que os regiam descendiam de seres sobrenaturais que viviam entre as nuvens, lugar para onde retornariam após a morte, motivo pelo qual os zapotecas são conhecidos como *el pueblo de las nubes*.

Alguns aspectos da arquitetura e da arte zapoteca civilização zapoteca tiveram influência da cultura Teotihuacana, observáveis em alguns monumentos arquitetônicos, na escultura e na cerâmica. Da mesma forma, em alguns monumentos foram encontradas peças e oferendas mixtecas e na capital asteca, viviam artesãos zapotecas e mixtecas que fabricavam principalmente joias para os imperadores astecas o que demonstra que havia um significativo intercâmbio comercial e cultural entre as civilizações mesoamericanas da época.

Teotihuacan – Teotihuacan foi a maior de todas as cidades precolombianas da Mesoamérica e os muitos vestígios de sua influência encontrados em sítios arqueológicos remotos, parecem indicar, segundo León-Portilla (1998: 30), que ela foi o centro de um grande reino e que nenhuma outra cidade, estado ou cultura exerceu maior influência sobre as outras culturas mesoamericanas (Coe, Snow e Benson, 1997: 104). Em seu apogeu entre 400 a 600 d.C., a cidade estendeu-se, segundo Lobato ([1987: 21) por uma área de mais de 30 km² e chegou a ter uma população estimada em 150.000 habitantes. León-Portilla (1998: 30) apresenta dados mais modestos: uma área de 20 km² com uma população de 50.000 habitantes. Com uma arquitetura bem desenvolvida, a cidade era dividida, no sentido norte-sul, pela grande Avenida dos Mortos que cruza com outra avenida no sentido leste-oeste e que

dividia a cidade em duas zonas distintas. Na zona norte ficava um grande recinto quadrado conhecido como cidadela no qual se situa o templo de Quetzalcoatl, a monumental Pirâmide do Sol e no extremo sul, a Pirâmide da Lua.

A obsidiana abundante no solo era utilizada na fabricação de lâminas, facas, pontas de flechas e dardos, utensílios domésticos e na escultura. Esses produtos eram largamente comercializados em toda a Mesoamérica. A zona sul tinha uma zona religiosa, um conjunto de prédios administrativos e um grande mercado. Nos quadrantes formados pelo cruzamento das duas avenidas centrais estavam distribuídos numerosos conjuntos residenciais cercados, semelhantes aos condomínios modernos, em que as portas e janelas davam para um pátio aberto central, sistema que permitia iluminação, liberdade e privacidade a um só tempo. As habitações mais ricas ficavam mais próximas da Avenida dos Mortos.

Os teotihuacanos não deixaram documentos escritos de sua origem e história. Sua grandeza só é conhecida pela grandeza e perfeição de sua arquitetura, e pela riqueza de suas pinturas, de sua cerâmica e das esculturas e ferramentas de obsidiana, mas os informantes de Sahagún fornecem, em seus relatos, a versão indígena da origem dos teotihuacanos e da fundação de Teotihuacan.

Sobre sua origem, esses informantes na compilação de León-Portilla (1983) afirmam que os primeiros povoadores teriam chegado pela orla marítima do Golfo do México, na altura da atual cidade de Tampico e teriam se estabelecido, por um breve tempo, num lugar mítico que chamavam Tamoanchan que nunca foi localizado e que daí teriam seguido até Teotihuacan. A afirmação dos indígenas de que alguns sábios que permaneceram em Tamoachan tiveram que reinventar *la cuenta de los destinos, los anales, la cuenta de los años y el libro de los sueños* (León-Portilla, 1983: 27), indica

que antes mesmo de fundar Teotihuacan, esse povo já tinham desenvolvido seu sistema calendárico e de escrita em livros ou códices. Na narrativa indígena, a fundação de Teotihuacan está ligada ao mito das idades e na Cidade dos Deuses, em tempos remotos, foram criados por meio do sacrifício de dois deuses, o quinto sol e a lua que iluminam a humanidade no tempo presente. Também alí teriam os deuses se sacrificado para que o sol pudesse se movimentar e possibilitar a vida dos homens. Esse mito seria utilizado, posteriormente, como fundamento para o estabelecimento dos rituais sacrificiais da cultura náhuatl com a alegação de que assim como os deuses se sacrificaram para dar vida aos seres humanos, estes deviam contribuir com seu sangue para manter a vida do sol. Sobre o desenvolvimento da cultura em Teotihuacan, a tradução da narrativa fornecida por León-Portilla (1983: 25) informa que:

En seguida se pusieron en movimiento,
 todos se pusieron em movimiento:
 los niños, los viejos,
 las mujercitas, las ancianas.
 Muy lentamente, muy despacio se fueron,
 allí vinieron a reunirse en Teotihuacán.
 Allí se dieron las órdenes,
 allí se estableció el señorío.
 Los que se hicieron señores
 fueron los sabioslos conocedores
 de las cosas ocultas,
 los poseedores de la tradición.
 Luego se establecieron allí los principados...

Y toda gente hizo [allí] adoratorios [pirámides],
 al Sol y a la Luna,
 después hicieron muchos adoratorios menores.

A mesma narrativa fornece, ainda, informações sobre a importância que tinha para esse povo a crença na continuação da vida após a morte. Para eles a vida não apenas continuava mas a morte significava a passagem para uma forma de vida melhor já que os mortos se tornavam deuses:

Y lo llamaron Teotihuacán,

porque era el lugar
 donde se enterraban los señores.
 Pues según decían:
 “Cuando morimos,
 no en verdad morimos,
 porque vivimos, resucitamos,
 seguimos viviendo, despetamos.
 Esto nos hace felices.”

.....

Por esto deciam los viejos,
 quién ha muerto, se ha vuelto un dios.
 Decían: “se hizo allí dios,
 quiere decir que murió.”

Os relatos desses informantes confirmam a presença do deus Quetzalcóatl na origem da cultura mexicana. Após a criação do quinto sol, é ele quem assume a tarefa de recriar os seres humanos aproveitando os ossos dos seres de outras idades e vai até Mictlan, a região dos mortos, em busca do material precioso. Quando, apesar da oposição de Mictlantecuhтли, consegue se apoderar dos ossos e moe-los, coloca-os em um vaso especial, onde verte seu sangue e lhes dá a vida. Em seguida, o deus se lança na busca do alimento necessário à manutenção da vida humana, o milho, que se torna, também, alimento dos deuses.

Assim, Quetzalcoatl, é não só o criador dos seres humanos que lhes dá a vida por meio de seu sangue, mas também é o provedor e mantenedor da vida de suas criaturas. Pelo mesmo nome do deus, é reverenciada a figura de um sacerdote – às vezes referido como príncipe – que zelava pelo culto prestado ao deus:

Eran cuidadosos de las cosas de dios
 solo un dios tenían,
 lo tenían por único dios,
 lo invocaban,
 le hacían súplicas,
 su nombre era Quetzalcóatl.

El guardián de su dios,
 su sacerdote,
 su nombre era también Quetzalcóatl.
 Y eran tan respetuosos de las cosas de dios,
 Que todo lo que lês decía El sacerdote Quetzalcóatl
 lo cumplían, no lo deformaban. (León-Portilla, 1983: 28)

León-Portilla (1983: 28-29) ressalta a aparente contradição da afirmação nesse relato de que Quetzalcoatl era o único deus reverenciado por esse povo uma vez que várias representações de outros deuses foram encontradas em Teotihuacan. Mas o mesmo autor sugere a solução da contradição ao lembrar a interpretação de alguns sábios nahuas. Segundo esses sábios ou tlamantinime, as múltiplas divindades eram apenas símbolos dos quatro elementos naturais – água, terra, fogo e ar – que, por sua vez, seriam manifestações do poder de um único ser supremo.

Toltecas – Os informantes de Sahágun, de acordo com León-Portilla (1983) afirmam que, ante a ruína de Teotihuacán, parte de seus habitantes se dispersaram e se estabeleceram em Tula fundando a civilização tolteca:

Primero vinieron allí,
donde se dice *Tollantzinco* [Tulancigo, Hidalgo].
Em seguida pasaron a *Xicocotitlan*,
donde se dice *Tollan* [Tula]

Os toltecas impressionam os historiadores e arqueólogos pela grandeza de suas criações arquitetônicas, pirâmides e palácios monumentais, esculturas e pinturas murais extraordinárias somadas à riqueza e variedade de sua ourivesaria e de suas cerâmicas. Entretanto, o que mais chama atenção no estudo dessa civilização é a constatação da consciência que os toltecas possuíam do valor de sua herança cultural e da necessidade preservar esse legado bem como de preservar a memória ou história de seus feitos.

León-Portilla (1980) destaca dois termos da língua náhuatl que evidenciam essa consciência. O primeiro é *tlopializtli* que traduz a ação de preservar algo e tem seu significado explicado pelo cronista Tezozómoc (apud León-Portilla, 1980: 15):

En verdad estas palabras son *to-pializ (tli)*, “lo que nos compete preservar”; así nosotros también, para nuestros hijos, nietos, los que tienen nuestra sangre y color, los que saldrán de nosotros, para ellos lo dejamos, para que ellos, cuando ya nosotros hayamos muerto, también lo guarden...

O segundo termo é *toltecayotl* que pode ser traducido como toltequidade e se refere à essência e conjunto da cultura tolteca: artes arquitetura, escritura, educação, música, astronomia, religião. No mesmo texto referido anteriormente sobre um breve tempo em que os primeiros povoadores permaneceram em Tamoanchan, os informantes de Sahágún relatam que, ao partirem, os sábios levaram os códices, os instrumentos e as obras de arte. Esse relato demonstra a consciência de um legado cultural que teriam herdado dos mais antigos povoadores do golfo do México, anteriores à fundação de Teotihuacan e se referem a esse legado como *toltecáyotl*:

Em seguida se fueron los portadores de los dioses,
 Los que llevaban a cuestras los envoltorios,
 Dicen que les iba hablando su dios.
 Y cuando se fueron,
 se dirigieron hacia El rumbo Del rostro Del sol,
 se llevaron la tinta negra e roja,
 los códices y las pinturas,
 se llevaron la *toltecáyotl*,
 todo se llevaron,
 los libros de cantos y las flautas.

O conceito de toltequidade seria, portanto, anterior à fundação de Teotihuacan e à fundação de Tula e as duas civilizações teriam uma raiz comum, de modo que os primeiros povoadores de Teotihuacan poderiam, segundo León-Portilla, (1983: 32), ser designados como toltecas antigos enquanto os moradores de Tula poderiam ser chamados de toltecas modernos. Os poucos sábios que ficaram tiveram que reinventar ou recriar o acervo cultural, mas se preocuparam em preservar o culto a Quetzalcoatl, as antigas instituições e outros valores da antiga cultura. E com o passar do tempo o conceito de toltequidade adquiriu tanta força que o vocábulo

toltécatl que designava o habitante de tula teve sua significação ampliada, adquirindo o significado de homem refinado, sábio ou artista em oposição a *popoloca* que designava povos considerados bárbaros, sem refinamento, que não compartilhavam dessa herança cultural (León-Portilla, 1980: 18).

Também entre os toltecas é referida a existência de um grande sacerdote com o nome de Quetzalcoatl que se empenhava em preservar a pureza do culto tradicional ao deus cujo nome adotara.

Tula se tornou o centro civilizador de vários grupos nômades de caçadores vindos do norte, em sua maioria pertencentes à língua náhuatl, mas sofreu também a influência do espírito guerreiro desses povos e o sacerdote Quetzalcoatl teve que lutar contra os que tentavam introduzir modificações como os sacrifícios humanos na antiga religião.

A divergência entre o sacerdote e seus inimigos que León-Portilla (1983: 35) descreve como um drama religioso culminou na fuga de Quetzacoatl que abandonou Tula, em direção ao Oriente, acompanhado de um grupo de seguidores que acabaram por se dispersar entre os lagos do vale do México dando início a novas povoações de língua nahuatl e de raiz cultural tolteca. O afastamento do sacerdote Quetzacoatl deu origem ao mito de que um dia ele regressaria para salvar seu povo e reestabelecer o antigo modo de vida e de culto e essas discórdias internas de cunho religioso tiveram como consequência a ruína de Tula em meados do século XI d. C. Diante da ruína e do abandono de Tula, coube a outros a missão de guardar e proteger o legado cultural, o tesouro do conhecimento e das criações poéticas e artísticas – *toltecáyotl* – para que pudesse florescer em época e lugar mais propício. Legado que o cantor mexicano metaforiza em *cantos e flores*:

Los toltecas escribían em sus libros de pinturas,

pero el libro llegó a su fin.
 Tu corazón por entero se acerca
 a las artes y creaciones de los toltecas: la *toltecáyotl*.
 Yo tampoco viviré aquí para siempre.
 ¿Quién de mí se aduenará?
 ¿A donde tendré que marcharme?
 Soy un cantor:
 allí estaré de pie, Allá voy a recogerlos,
 mis flores, mis cantos, llevo a cuestas,
 los pongo ante el rostro de la gente...

Os astecas ou mexicas – Segundo Florescano (1990), a visão deslumbrante do luminoso e fértil vale do México fez com que os membros de uma tribo nômade vinda do Norte, o reconhecesse como o lugar indicado por seu deus como sua morada. Ali, se estabeleceram, mas o deslumbramento inicial foi obscurecido por se reconhecerem como invasores de uma terra antiga e como um povo sem rosto, culturalmente inferior aos povos que os antecederam e que, mesmo dominados pelas armas, resistiam em aceitá-los. A torturante convivência com essas sociedades de cultura superior fez com que se esforçassem obsessivamente para assimilar os conhecimentos e os símbolos culturais das antigas civilizações até fazê-las por próprias, e construísem para si a imagem arquetípica de suas origens e de sua fulgurante ascensão ao primeiro lugar entre todas as nações da Mesoamérica como um povo messiânico, escolhido para manter a energia do cosmo por meio do sacrifício de corações humanos.

Assim, ao fazerem a narração da origem de seu próprio povo, os informantes de Sahagún, se preocuparam primeiro em dar uma explicação do nome do seu povo – mexica – relacionando-o com o nome de seu deus e, mais uma vez, também de seu sacerdote *Mecitli* ou *Mexitl*. Embora se identificassem como o último dos grupos chichimecas que haviam chegado das grandes planícies do norte, destacaram em seu relato, o vínculo cultural com povos de tempos remotos, os antigos criadores de

cultura em Tamoachan, Teotihuacán, Cholula e Tula Xicocotitlan, que haviam deixado uma marca profunda e uma herança valiosa na região do altiplano e adjacências e a quem deviam a raiz de seu modo de existir – *yuhcatiliztli*. Suas narrativas poéticas, os *Melahuacuícatl* demonstravam uma primeira forma de consciência histórica, embora essa consciência apareça sempre ligada a uma interpretação religiosa como a narração da peregrinação do povo azteca guiados pelo deus Huitzilopochtli em busca de um lugar prometido.

A tribo azteca, teria partido de Aztlán no ano de 1116 (Ce-técpatl, 1 pedernal) por designio do deus Huitzilopochtli. Após longa peregrinação, sempre guiados pelos sacerdotes que lhes comunicavam as orientações da divindade, chegaram ao vale do México. Em seu relato os informantes de Sahagún descrevem seus antepassados como um povo sem cultura e desprezado pelos povos que os precederam no vale mexicano:

Al venir,
cuando fueron siguiendo su camino,
ya no fueron recibidos en ninguna parte.
Por todas partes eran reprendidos.
Nadie conocía su rostro.
Por todas partes les decían:
- “¿Quiénes sois vosotros?
¿De donde venís?”

Así en ninguna parte pudieron establecerse,
solo eran arrojados,
por todas partes eran perseguidos... (León-Portilla, 1980: 79)

Ao chegarem a Culhuacán, humildemente suplicaram ao rei Coxcoxtli permissão para se estabelecerem em suas terras. No intuito de se livrar daquele povo desconhecido, os culhuacanos lhes permitiram ficar em Tizapán, confiando em que muitos morreriam picados pelas serpentes que abundavam na região e que os sobreviventes fugiriam para longe dali, mas os aztecas transformaram as serpentes em alimento e, assim,

permaneceram por algum tempo em Tizapán. A proximidade com os toltecas de Culhuacán e a admiração que já tinham pela cultura tolteca fez com que os aztecas procurassem ardorosamente *toltequizar-se* por meio da aquisição de conhecimento e buscando, aparentar-se com eles. Mas após conseguir que Achitómetl, o novo senhor de Culhuacán lhes desse sua filha com a promessa de que ela seria adorada como deusa, os aztecas a sacrificaram por ordem de Huitzilopochtli e tiveram que fugir da ira dos culhuacanos até o interior do lago Texcoco, onde finalmente, em 1325, encontraram na pequena ilha de México-Tenochtitlan o sinal prometido por seu deus para reconhecer o lugar onde deveriam se estabelecer – a águia sobre um cacto (nopal) que crescia sobre uma pedra, devorando uma serpente:

Llegaron entonces
allá donde se yergue el nopal.
Cerca de las piedras vieron con alegría
cómo se erguia um águila sobre aquel nopal.
Alli estaba comiendo algo
lo desgarraba al comer

Cuando El águila vio a los aztecas,
inclinó su cabeza. (códice matritense da Real Academia de La História, *apud*
León-Portilla, 1983: 44):

Na *Crônica Mexicana* (1598), Hernando Alvarado Tezozómoc também descreve a origem dos aztecas e sua peregrinação em busca de uma terra prometida por Huitzilopochtli, sua divindade:

La benida de estos mexicanos muy antiguos, la parte que ellos binieron, tierra y casa antigua llaman oy día Chicomoztoc, que dize Casa de siete cueuas cabernasas; segundo nombre llaman Aztlan, que es dezir Asiento de la garça. Tenían las lagunas de su tierra, Aztlan, un cu y en ella el templo de Huitzilopochtli, ydolo dios de ellos, y su mano una flor blanca con la propia rrama del grandor de una rrosa de Castilla, de largor de más de una bara en largo, que llaman ellos aztaxochitl, de suaue olor. Antiguamente ellos se xatauan llamarse aztlantlaca; otros les llamaron aztecas mexitin, que este nombre de mexitin es dezir mexicano, como más claro dezir al lagar manatial de la uba, así mexi, como si del magué saliera manatial, y por eso son ellos agora llamados mexicanos, como antiguamente se nombrauan mexica, chichimeca (mexicano, serranos, montañeses), y agora por el apellido de esta tierra y çiudad de Mexico Tenuchtitlan. El tiempo que en ella llegaron, biniendo huyendo desbaratados de los naturales yndios de Culhuacan, su bezino, que agora es a dos leguas de su

çiudad, persuadidos del demonio Huizilopochtli, llegaron a la dha ciudad, que es agora Mexico Tenuchtitlan, porque el día que llegaron en esta laguna mexicana en medio della estaua y tenía un sitio de tierra y en él una peña y ençima de ella un gran tunal; y en la ora que llegaron con sus balsas de caño y carrizo hallaron en el sitio la dha piedra y tunal y al pie dél un hormiguero, y estima ençima del tunal una águila comiendo y despedaçando una culebra; y así tomaron el apellido y armas y diuisa, el tunal y águila, que es tenuchca o tenuchtitlan, que oy se nombra así. Y al tiempo que llegaron a esta çiudad abían andado y caminado muchas tierras, montes, lagunas, rrios, primeramente las más de las tierras y montes que oy abitan en Chichimecas, que es por Sancta Barbola, Minas de Sant Andrés Chalchihuites y Guadaluaxara, Xuchipila, hasta Mechuacan, y otras muchas prouinçias y pueblos. Y en las partes que llegauan, si les pareçía tierra fértil, abundosa de montes y aguas, hazían asiento quarenta años y en partes treinta, otras beinte y diez, y en otras tres y dos y un año, hasta en tanta diminución q de beinte días, y luego alçauan el sarzo por mandato de su dios Huitzilupochtli, les hablaua y ellos rrespondían y luego a su mandato, les dezía: "Adelante, mexicanos, que ya bamos llegando al lugar", diziendo: "Ca ça achitonca tonnenemican [1v] mexia". (Tezozómoc, 1598, Cap. 1).

Tão logo reconheceram o lugar indicado por Huitzilopochtli, ali se estabeleceram e fundaram Tenochtitlán, a cidade que seria a capital do futuro império. E ainda determinados a toltequizarem-se os aztecas suplicaram a Naúhyotl, que então governava Culhuacan, que permitisse que seu filho os governasse. Embora temesse que fizessem ao seu filho o que tinham feito com a filha de Achitómetl, Naúhyotl permitiu e Acamapichtli se tornou o primeiro *tatloani* ou senhor que governou por 21 anos sofrendo a opressão dos tepanecas de Azcapotzalco que exigiam pesados tributos dos recém-chegados que, por sua vez, adotaram uma atitude de subserviência, submetendo-se às exigências de seus vizinhos. Essa situação humilhante foi abrandada nos governos de Huitzilihuitl que se casou com uma filha de Tezozómoc, senhor de Azcapotzalco e de Chimalpopoca, seu filho que era amado por seu avô.

Após a morte de Tezozómoc, Maxtlatzin, seu filho e sucessor, intensificou a perseguição ao povo azteca e ordenou o assassinato do terceiro tlatoani azteca, Chimalpopoca. Itzcóatl lhe sucedeu e diante da perseguição implacável dos tepanecas, estava disposto a se render totalmente à tirania de seus inimigos quando ocorreu a

intervenção de Tlacaélel, um homem extraordinário que seria responsável pela mudança do pensamento e da história dos aztecas.

Diante da dramática perspectiva de total submissão a Maxtlatzin, Talcaélel passou a exortar os aztecas a reagirem e a lutarem. Iniciada a guerra, fez aliança com o sábio Nezahualcóyotl, príncipe de Texcoco cujo pai fora assassinado pelos tepanecas, e venceram totalmente a seus antigos opressores.

Aclamado como herói e respeitado por todos, Tlacaélel nunca quis ser mais do que *cihuacóatl*, conselheiro de Itzcóatl e de seu sucessor Montecuhzoma Ilhuicamina. Embora recusasse o título e as honrarias de governante, atuou como se governante fosse uma vez que o rei Itzcóatl *no hacia más que lo que Tlacaélel le aconsejaba* (León-Portilla, 1983:44). E como conselheiro, promoveu uma reforma política, social, histórica e religiosa. Demonstrando ter consciência do valor da história como instrumento de dominação, ordenou com apoio dos governantes mexicas, que fossem queimados os antigos códices e livros de pinturas dos povos vencidos e dos próprios aztecas nos quais eram representados como um povo que carecia de cultura e de importância, para forjar uma nova consciência histórica da qual os aztecas pudessem se orgulhar. Nos novos livros criados com o propósito de fundamentar sua nova grandeza, buscaram relacionar a história dos aztecas com os toltecas e com outros povos poderosos. No campo religioso utilizou o antigo mito tolteca do nascimento do sol para implantar uma visão mística e guerreira do mundo. *Huitzilopochtli*, o Beija Flor Azul, é o deus sol e segundo a lenda, seus irmãos (astros e estrelas) planejaram a morte de sua mãe, Coatlicue (a Terra) quando ela estava grávida, mas Huitzilopochtli nasceu, lutou contra seus irmãos, matou alguns, afugentou outros e atirou a cabeça de sua irmã para o céu, transformando-a na Lua. Após vencer seus irmãos e dominar a terra durante o dia, a cada por-do-sol ele penetrava no reino da morte e para renascer a cada nova manhã

tinha que novamente guerrear e afugentar os astros da noite. Tlacaélel buscou elevar Huitzilopochtli ao mesmo plano das divindades criadoras dos toltecas e atribuiu ao seu povo o título de *povo do Sol*. Mas, de acordo com o antigo mito das idades, o quinto sol – que governava a vida dos aztecas, a exemplo das idades anteriores, também deveria desaparecer e segundo a interpretação do mito elaborada por Tlacaélel a única maneira de evitar a morte do sol e o fim de seu mundo, seria fortalecê-lo oferecendo-lhe a energia vital que mantém a vida dos seres humanos. Para isso introduziu entre os aztecas a prática das *guerras floridas* com povos vizinhos de língua e cultura náhuatl com a finalidade de obter vítimas para os sacrifícios. Assim, o povo azteca foi dotado da importante missão de alimentar o sol com o sangue e o coração das vítimas sacrificiais para tornar possível seu triunfo na luta permanente contra os poderes das trevas. Esse misticismo guerreiro que Tlacaélel incutiu em seu povo motivou os mexicas nas batalhas e se tornou um dos fatores responsáveis pela grandeza do império azteca. De acordo com León-Portilla (1980: 45), o conselheiro real também promoveu reformas no campo político, jurídico e econômico, distribuiu terras e títulos, reorganizou o exército fez alianças com outros reinos e iniciou uma série de conquistas que fez o império azteca se estender até Chiapas e Guatemala. E é assim que Chimalpain Cuauhtlehuantzin descreve o homem que mudou a história de seu povo:

Fue Tlacaélel quien levantándose,
 combatió primero, e hizo conquistas.
 Y así solo vino a aparecer,
 porque nunca quiso ser gobernante supremo
 em la ciudad de México-Tenochtitlan,
 pero de hecho a ella vino a mandar,
 vivió em la abundancia y la felicidad.

.....
 Ninguno tan valeroso,
 como el primero, el más grande,
 el honrado em el reino,
 el gran capitán de la guerra,
 el muy valeroso Tlacaélel,
 como se verá em los Anales.
 Fue él también quien supo hacer

de Huitzilopochtli el dios de los Mexicanos,
persuadiéndolos de ello. (Chimalpain, 1889, apud León-Portilla, 1980: 44, 45,
46).

Os astecas se destacaram na fabricação de papel fabricado com a casca da figueira brava que era batida até se transformar em lâminas e usavam a escrita pictórica, muito complexa, que consistia em desenhos de objetos e figuras e ainda a escrita hieroglífica em símbolos e sons. Tinham um calendário baseado no ano solar de 365 dias semelhante ao dos maias e conhecimentos de astronomia que ainda assombram os cientistas. Dominavam técnicas de tecelagem, artesanato, ourivesaria e arquitetura. Desenvolveram técnicas avançadas de construção como maquetes, palanques, rampas de transportes, represas, aquedutos que cortavam a cidade como estradas por onde transitavam barcos e que compunham um sofisticado sistema de irrigação destinado à agricultura além de um eficiente sistema de esgoto e de aproveitamento dos dejetos utilizados como adubo.

A agricultura desempenhava um papel importante na economia asteca e eles cultivavam milho, feijão, tomate, pimenta, abóbora, algodão, tabaco e cacau, cujas sementes eram consideradas como símbolo de riqueza e poder e serviam como moedas. O comércio era intenso. O mercado da praça central de Tenochtitlán recebia milhares de pessoas diariamente que compravam, vendiam e trocavam os mais variados produtos.

A sociedade era organizada em classes formadas por nobres, soldados, comerciantes e trabalhadores. Valorizavam a educação e possuíam escolas militares, religiosas e profissionais para as diversas classes sociais. Construíram grandes templos, pirâmides cheias de escadas, ruas pavimentadas e grandes arcos de pedra.

Os astecas se tornaram uma das civilizações mais magníficas do continente – um império com quinhentas cidades e quinze milhões de habitantes que dominava a área

que ia do golfo do México até o oceano Pacífico, mas não tinham fronteiras fixas e seus exércitos não tinham a função de controlar os territórios dominados ou tributários que apenas tinham que pagar impostos em forma de ouro em pó, artigos de luxo, cacau e algodão, podendo manter seus costumes, sua religião e sua forma de governo. Devido a essa característica, a civilização pode ser considerada mais como uma confederação de cidades-estados do que um império.

Priorizavam a comunicação com o mundo e em especial com os deuses. Em detrimento da comunicação entre os homens, era valorizada a palavra dos deuses recebida por meio de presságios, interpretada e anunciada pelos sacerdotes que se referiam sempre a um bom ou mau acontecimento porvir. O deus de maior devoção era Huitzilpochtli *Colibri Azul*, deus do sol do meio dia, seguido por Coaticlue, mãe de Colibri Azul; Tezcatlipoca, deus da noite; Tlaloc, deus da chuva e Quetzacoatl, deus da sabedoria. Costumavam adotar e cultuar os deuses dos povos que subjugavam e preservavam os ritos dos mesmos. Ao lado do templo de Colibri Azul, um monumento magnífico com 30 metros de altura, foi construído outro templo para os deuses dos povos subjugados. Os ritos desses povos eram preservados e suas divindades adotadas pelos conquistadores astecas. Dividiam o tempo em ciclos de 52 anos ao fim dos quais tudo deveria recomeçar e se repetir, não havendo, portanto, lugar para acontecimentos inéditos e não anunciados em sua concepção de mundo. Acreditavam sempre que o mundo poderia acabar ao fim de cada ciclo e no fim de cada um desses períodos, construía um novo templo sobre o templo anterior para agradecer aos deuses o fato de o mundo não ter acabado.

A nova filosofia do povo do sol, não apagou alguns aspectos da cultura tolteca que já estavam arraigados entre os povos de cultura nahuatl sintetizados na expressão *in xóchitl, in cuícatl* – flores e cantos – que era aplicada a todos os

aspectos da vida: A arte, a música e a poesia ao representarem o pensamento, os sentimentos, a alegria, a tristeza, a dor e mesmo a morte, deviam ser floridas. As palavras, mesmo nas conversas corriqueiras do dia a dia, deviam ser floridas e glifo (ideograma) que simbolizava a palavra tinha a forma de uma voluta florida traduzindo a ideia de que a linguagem deveria ser rebuscada, bela, florida. O próprio Tlacaélel, não desmereceu o valor dessa visão florida do mundo. Após vencer os tepanecas, o conselheiro persuadiu Itzcóatl a enviar mensageiros a Cuitláhuac com a exigência de que enviassem suas filhas a Tenochtitlán para que cantassem e bailassem para os aztecas e que enviassem flores e jardineiros que as cultivassem. Como assinala León-Portilla (1980: 90) destaca-se nesse episódio, o propósito de obter, mesmo pela guerra, o legado cultural – as flores e os cantos – dos povos vizinhos, sem olvidar que essas mesmas guerras afirmavam esses valores com a denominação de *guerras floridas*.

León-Portilla destaca ainda o fato de que a convivência com alguns povos aliados (como os texcocanos) e não aliados (como os tlaxcaltecas e os de Huexotzinco que eram forçados a participar das guerras floridas) cujos pensadores e poetas se empenhavam em fazer renascer a visão do mundo transmitida por Quetzalcoatl fez com que, a par da visão místico guerreira apregoada por Tlacaélel, florescesse a visão espiritualista que apregoava a arte e a poesia como o único caminho para a comunhão com os deuses. Entre os principais pensadores e defensores dessa visão espiritualista destaca-se Nezahualcóyotl, poeta e sábio que governava Texcoco e que, na ocasião em que Tlacaélel fez queimar os antigos códices e livros de pinturas, conseguiu preservar os códices que estavam sob seu poder e se dedicou ao estudo do pensamento e da religiosidade dos toltecas. Segundo Caso (1983: 18), o rei poeta defendia a ideia da adoração a um único deus invisível – *Tloque Nauaque* ou *Ipanemohuani* – aquele por

quem todos vivem, que está colocado no ponto mais alto sobre os céus e do qual depende todas as coisas. Seu filho Nezahualpilli, também poeta, deu continuidade aos esforços de seu pai para preservar a antiga doutrina. Também Tecayehuatzin, rei de Huexotzinco, que era forçado à prática da guerra florida pelos aztecas, repudiava o misticismo guerreiro imposto por Tlacaélel e proclamava o caráter pacífico de seu povo descrevendo sua cidade como a casa da música, dos livros de pinturas e das mariposas:

El timbal, la concha de tortuga
se destacan en tu casa,
permanecen en Huexotzinco.
Ali está Tecayehuatzin,
el señor Quecéhuatl,
alli tañe la flauta, canta,
en su casa de Hexotzinco.
Escuchad:
Hacia acá baja nuestro padre el dios.
Aqui está su casa,
donde se encuentra el tamboril de los tigres,
donde han quedado los cantos
al son de los tímboles.

Como se fueran flores,
alli se despliegan los mantos de quetzal
en la casa de las pinturas.
Ali se venera en la tierra e el monte,
así se venera al único dios.
Como dardos floridos se levantan tus casas preciosas.
Mi casa dorada de las pinturas,
¡también es tu casa, único dios!

Apesar da contaminação de conceitos cristãos facilmente reconhecidos nas narrativas dos informantes de Sahágun, é possível observar o esmero da linguagem e essa visão florida do mundo, por exemplo, nos *huehuehtlahtolli*, discursos como esse em que um pai admoesta a filha sobre o modo de se portar na vida adulta com palavras transbordantes de ternura:

Aquí estás, mi hijita, mi collar de piedras finas, mi plumaje, mi hechura humana, la nacida de mí. Tú eres mi sangre, mi color, en ti está mi imagen. Ahora recibe, escucha: vives, has nacido, te ha enviado a la tierra el Señor Nuestro, el Dueño del cerca y del junto, el hacedor de la gente, el inventor de los hombres. Ahora que ya miras por ti misma, date cuenta. Aquí es de este modo: no hay alegría, no

hay felicidad. Hay angustia, preocupación, cansancio. Por aquí surge, crece el sufrimiento, la preocupación.

[...] Se dice que la tierra es lugar de alegría penosa, de alegría que punza. Así andan diciendo los viejos: "Para que no siempre andemos gimiendo, para que no estemos llenos de tristeza, el Señor Nuestro nos dio a los hombres la risa, el sueño, los alimentos, nuestra fuerza y nuestra robustez y finalmente el acto sexual, por el cual se hace siembra de gentes".

[...] Todo esto embriaga la vida en la tierra, de modo que no se ande siempre gimiendo. Pero, aun cuando así fuera, si saliera verdad que sólo se sufre, si así son las cosas en la tierra, ¿acaso por esto se habrá de estar siempre con miedo? ¿Hay que estar siempre temiendo? ¿Habrá que vivir llorando?

[...] Pero, ahora, mi muchachita, escucha bien, mira con calma: he aquí a tu madre, tu señora, de su vientre, de su seno te desprendiste, brotaste.

Como si fueras una yerbita, una plantita, así brotaste. Como sale la hoja, así creciste, floreciste. Como si hubieras estado dormida y hubieras despertado.

Mira, escucha, advierte, así es en la tierra: no seas vana, no andes como quiera, no andes sin rumbo. ¿Cómo vivirás? ¿Cómo seguirás aquí por poco tiempo? Dicen que es muy difícil vivir en la tierra, lugar de espantosos conflictos, mi muchachita, palomita pequeñita. Sé cuidadosa, porque vienes de gente principal, descendes de ella, gracias a personas ilustres has nacido. (León-Portilla, 2011: 148,149)

Ou, ainda na forma também terna, na delicadeza das metáforas da linguagem rebuscada com que aconselha o filho à humildade e à dignidade próprias da nobreza:

Hijo mio muy amado y muy querido, nota lo que te diré: Nuestro señor te ha traído en esta hora y lugar donde te quiero hablar acerca de lo que debes guardar todos los días de tu vida.

[...] mira que seas avisado porque este mundo es muy peloigroso, dificultoso, desasosegado, cruel y muy trabajoso. Por esta causa los viejos con mucha razon dijeron que no se escapa nadie de las bajadas y subidas de este mundo, de los torvellinos y tempestades que en él hay: muy enganoso es el mundo, sí, riese de unos, gózase con otros, búrtese de todos; todo esta lleno de mentiras, no hay verdad en él, y de todos escarnece.

[...] Quiérote decir hijo lo que te conviene mucho notar y poner por obra, que es cosa digna de ser estimada y guardada como oro en paño, y como piedras preciosas en cofre, porque lo dejaron como tal los viejos y viejas: los canos y ancianos, nuestros antepasados, que vinieron a este reino y señorío, conversaron entre la gente de este pueblo y tuvieron dignidad y principados. [...] nota bien lo que te digo, muy amado y muy estimado hijo, que no te ensoberbezcas, ni te altivezcas, si por ventura fueras tomado para alguno de los oficios ya dichos, (quizás Dios te llamará para alguno de ellos) ó te quedarás sin ninguno, y vivirás como hombre comum y popular; si fueres llamado y elegido para algunode dichos oficios, otra y otra vez te encargo, que no presumas de ti, ni te estimes por grande, valeroso y principal, porque esto es cosa con que Dios mucho se enoja. (Sahagun, 1829: 132-138).

A poesia – flor e canto (in xóchitl, in cuícatl) – tinha um papel muito importante na cultura nahuatl e os poetas ou *cuicapicque* – forjadores de cantos – eram príncipes, sábios e sacerdotes que buscavam entender e explicar a origem e o sentido da vida, bem como expressar sua inquietação diante da morte e da divindade. Os poemas ou cânticos eram preservados na memória e em inscrições com desenhos e signos fonéticos e possuíam a forma de um permanente diálogo com a divindade, com o mundo, com outros poetas ou com o próprio coração. Havia vários subgêneros de poesia:

Os *Teotlatolli* eram considerados como palavras divinas sobre a origem do mundo e sobre os deuses e incluía os mitos cosmogônicos como o dos cinco sóis ou eras, já citados anteriormente:

Se refería, se decía
 que así hubo ya antes cuatro vidas,
 y que ésta era la quinta edad.
 Como lo sabían los viejos,
 en el año 1-Conejo
 se cimentó la tierra y el cielo. Y así lo sabían,
 que cuando se cimentó la tierra y el cielo,
 habían existido ya cuatro clases de hombres,
 cuatro clases de vidas.
 Sabían igualmente que cada una de ellas
 había existido en un Sol (una edad).
 Y decían que a los primeros hombres
 su dios los hizo, los forjó de ceniza.
 Esto lo atribuían a Quetzalcóatl,
 cuyo signo es 7-Viento,
 él los hizo, él los inventó.

Os *Teocuícat* eram cânticos de louvor aos deuses como Tloque Nahuaque ou Ometeotl, o deus que agregava em si a essência da masculinidade e da feminilidade criadora, também chamado *in Tonan, in Tota, Huehueteotl*, Mãe nossa, Pai nosso, Velho Deus:

En el lugar del mando,
 en el lugar del mando gobernamos:
 es el mandato de mi Señor principal.
 Espejo que hace aparecer las cosas.
 Ya van, ya están preparados.
 Embriágate, embriágate,
 obra el dios de la dualidad.
 El inventor de hombres,

el espejo que hace aparecer las cosas.

O canto que se segue também era dedicado a esse deus dual, criador e mantenedor da vida que recebia ainda os nomes de *Moyocoyatzin*, aquele que inventou a si mesmo e *Ipalnemohua*, o dador da vida:

Comienzo a cantar:
 levo a la altura el canto de aquel por quien todo vive.
 Canto festivo ha llegado:
 viene a alcanzar
 al Sumo Árbitro: oh príncipes,
 tómense en préstamo valiosas flores.
 Ya las renueva:
 ¿cómo lo haré?
 Con sus ramos adórneme yo:
 yo volaré: soy desdichado por eso lloro.
 Breve instante a tu lado,
 oh, por quien todo vive:
 verdaderamente tú marcas el destino al hombre,
 ¿puede haber quién se sienta sin dicha en la tierra?
 Con variadas flores engalanado está enhiesto tu tambor,
 oh, por quien todo vive; con flores, con frescuras te dan placer los príncipes:
 Un breve instante en esta forma
 es la mansión de las flores del canto.
 Las bellas flores del maíz tostado
 están abriendo allí sus corolas:
 hace estrépito,
 gorjea el pájaro sonaja de quetzal,
 del que hace vivir todo:
 flores de oro están abriendo su corola.

Os *Yaocúcatl* eram cantos guerreiros em que descreviam a significação sagrada das guerras floricas e em que eram louvados os feitos dos heróis:

Desde donde se posan las águilas,
 desde donde se yerguen los tigres,
 el Sol es invocado.
 Como un escudo que baja,
 así se va poniendo el Sol.
 En México está cayendo la noche,
 la guerra merodea por todas partes,
 ¡Oh Dador de la vida!
 se acerca la guerra.
 Orgullosa de sí misma
 se levanta la ciudad de México-Tenochtitlan.
 Aquí nadie teme la muerte en la guerra.

Ésta es nuestra gloria.
 Éste es tu mandato.
 ¡Oh, Dador de la vida!
 Tenedlo presente, oh príncipes,
 no lo olvidéis.
 ¿Quién podrá sitiar a Tenochtitlan?
 ¿Quien podrá conmover los cimientos del cielo...?
 Con nuestras flechas,
 con nuestros escudos,
 está existiendo la ciudad
 ¡México-Tenochtitlan subsiste!

Os *Melahuacuícatl* eram narrativas poéticas que narravam a história da formação de um povo e que demonstravam uma primeira forma de consciência histórica, embora essa consciência apareça sempre ligada a uma interpretação religiosa como a narração da peregrinação do povo azteca guiados pelo deus Huitzilopochtli em busca de um lugar prometido:

O gênero *Xopancuícatl* consistia em cânticos dedicados à vida, à alegria e à beleza do mundo. A natureza – flores, pássaros, montes e bosques – é tema recorrente.

Consulto con mi propio corazón:
 "¿Dónde tomaré hermosas fragantes flores? ¿a quién lo pregun-
 [taré? ¿Lo pregunto, acaso, al verde colibrí reluciente, al esmeraldino pájaro
 mosca? ¿lo
 pregunto, acaso, a la áurea ma-
 [riposa? Sí, ellos lo sabrán: saben en dónde abren sus corolas las bellas [olientes
 flores.
 Si me interno en los bosques de abetos verde azulados,
 o me interno en los bosques de flores color de llama,
 allí se rinden a la tierra cuajadas de rocío, bajo la irradiante luz
 [solar, allí, una a una, llegan a su total perfección.

Os *Xochicuícatl* – cantos floridos dedicados à amizade e à nobreza humana – eram geralmente recitados em reuniões de sábios e poetas que acreditavam a amizade era um dos sentimentos mais prazerosos e duradouros em meio à fugacidade da vida e que os cantos floridos entoados junto com os amigos permaneceriam vivos mesmo depois que morressem.

Fruto de uma dessas reuniónes é o diálogo *flor e canto*, no palácio do príncipe de Huexotzinco, Tecayehuatzin, que saúda seus convidados – Ayocuan, Aquiauhtzin, Cuauhtencoztli, Motenehuatzin, Xayacámach, e Tlapalteuccitzin – devidamente acomodados s sobre esteiras debaixo de frondosas árbores e os conclama ao deleite do canto:

¿Dónde andabas, oh poeta?
 Apréstese ya el florido tambor,
 ceñido con plumas de quetzal,
 entrelazadas con flores doradas.
 Tú darás deleite a los nobles,
 a los caballeros águilas y tigres.

.....
 Aquí en Huexotzinco he convocado
 [esta reunión. Yo el señor Tecayehuatzin, he reunido a los príncipes:
 piedras preciosas,
 plumajes de quet-[zal.
 Sólo con flores circundo a los nobles.

Assim, ao sabor de xícaras de chocolate ou apreciando os efectos do tabaco, cada um dos participantes expresa poeticamente seu conceito Sobre a origem das flores e dos cantos:

Del interior del cielo vienen
 las bellas flores, los bellos cantos.
 Los afea nuestro anhelo,
 nuestra inventiva los echa a perder, a no ser los del príncipe chichimeca Te-
 [cayehuatzin. ¡Con los de él, alegraos!

Sobre a amizade:

La amistad es lluvia de flores preciosas.
 Blancas vedijas de plumas de garza,
 se entrelazan con preciosas flores rojas:
 en las ramas de los árboles,
 bajo ellas andan y liban
 los señores nobles (Ayocuan)

Sobre a vanidade da vida:

¿Qué podrá hacer mi corazón?
 En vano hemos llegado,
 en vano hemos brotado en la tierra.

Sobre a relação dos poetas com os deuses:

Las flores y los cantos de los príncipes,
 ¿hablan acaso al Dador de la vida?
 Vuestro hermoso canto:
 un dorado pájaro cascabel,
 lo eleváis muy hermoso.
 Estáis en un cercado de flores.
 Sobre las ramas floridas cantáis.
 ¿Eres tú, acaso, un ave preciosa del
 [Dador de la vida? ¿Acaso tú al dios has hablado?
 Habéis visto la aurora,
 y os habéis puesto a cantar.

.....

El Dador de la vida se hace presente en las flores y los cantos. Sólo el
 dios, escucha ya aquí,
 ha bajado del interior del cielo,
 viene cantando.
 Ya le responden los príncipes,
 que llegaron a tañer sus flautas.

Sobre o valor da poesia como único valor verdadeiro para embelezar, alegrar e para dar sentido e perenidade à vida ou, ainda, como possibilidade de permanência da memória do homem sobre a terra:

¿Sólo así he de irme como las flores que perecieron?
 ¿Nada quedará en mi nombre?
 ¿Nada de mi fama aquí en la tierra?
 ¡Al menos flores, al menos cantos!

.....

Gocemos, oh amigos,
 haya abrazos aquí.
 Ahora andamos sobre la tierra florida.
 Nadie hará terminar aquí
 las flores y los cantos,
 ellos perduran
 en la casa del Dador de la vida.

As flores e os cantos são ainda apresentados como tendo efeitos alucinógenos capazes de trazer o esquecimento das dores e sofrimentos, como dons dos deuses, como caminho para alcançar a divindade ou, simplesmente, como pretexto para a reunião entre amigos:

Todos de allá han venido,

de donde están en pie las flores.
 Las flores que trastornan a la gente,
 las flores que hacen girar los corazones,
 han venido a esparcirse,
 han venido a hacer llover guirnaldas de flores,
 flores que embriagan. ¿Quién está sobre la estera de flores?

.....
 flores y cantos deleitan al hombre
 y acercan al Dador de la vida.

.....
 Oh, Dador de la vida,
 con flores eres invocado.
 Nos humillamos aquí,
 te damos deleite
 en el lugar de los floridos atabales,
 ¡señor Atecpanécatl!

.....
 Y ahora, oh amigos,
 oíd el sueño de una palabra:
 Cada primavera nos hace vivir,
 la dorada mazorca nos refrigera,
 la mazorca rojiza se nos torna un collar.
 ¡Sabemos que son verdaderos
 los corazones de nuestros amigos!

Os *Incocuícatl* eram composições que demonstravam profunda reflexão filosófica de poetas como Nezahualcóyotl e tinham como tema os questionamentos e a angústia do homem diante da dor, do sofrimento, da transitoriedade da vida e da inevitabilidade da morte como esse poema de Nezahualcóyotl:

Yo Nezahualcóyotl lo pregunto:
 ¿Acaso de veras se vive con raíz en la tierra?
 Nada es para siempre en la tierra:
 Sólo un poco aquí.
 Aunque sea de jade se quiebra,
 Aunque sea de oro se rompe,
 Aunque sea plumaje de quetzal se desgarrar.
 No para siempre en la tierra:
 Sólo un poco aquí.

.....

Como una pintura
 Nos iremos borrando.
 Como una flor,

Nos iremos secando
 Aquí sobre la tierra.
 Como vestidura de plumaje de ave zacuán,
 De la preciosa ave de cuello de hule,
 Nos iremos acabando
 Nos vamos a su casa.

Ou de Tecayehuatzin:

El río pasa, pasa:
 nunca cesa.
 El viento pasa, pasa:
 nunca cesa.
 La vida pasa...
 nunca regresa.

A expectativa de una continuidad após a morte,

Abandonados con la tristeza,
 quedamos aquí en la tierra,
 ¿En dónde está el camino
 que lleva a la región de los muertos,
 al lugar de nuestro descanso,
 al país de los descarnados?
 ¿Acaso en verdad se vive,
 allí a donde todos vamos?
 ¿Acaso lo cree tu corazón?
 Él nos esconde
 en un arca, en un cofre,
 el Dador de la Vida,
 el que amortaja a la gente.
 ¿Acaso allí podré contemplar,
 podré ver el rostro
 de mi madre, de mi padre?
 ¿Se me darán en préstamo allí
 algunos cantos, algunas palabras?
 Allí tendré que bajar,
 nada es lo que espero:
 nos dejaron,
 acompañados con la tristeza

 ¿Se llevan las flores a la región de la muerte?
 ¿Estamos allá muertos o vivimos aún?
 ¿Dónde está el lugar de la luz pues se oculta el que da la vida?"

 Acaso de nuevo volveremos a la vida?
 Así lo sabe tu corazón:
 Sólo una vez hemos venido a vivir. (Tlapalteuccitzin)

A indecidibilidade da divindade

Con flores escribes, Dador de la Vida,
 con cantos das color,
 con cantos sombreas
 a los que han de vivir en la tierra.
 Después destruirás a águilas y tigres,
 sólo en tu libro de pinturas vivimos,
 aquí sobre la tierra.
 Con tinta negra borrarás
 lo que fue la hermandad,
 la comunidad, la nobleza.
 Tú sombreas a los que han de vivir en la tierra.

.....

Nadie en verdad
 Es tu amigo,
 ¡oh Dador de la vida!
 Sólo como si entre las flores
 Buscáramos a alguien,
 Así te buscamos,
 Nosotros que vivimos en la tierra,
 Mientras estamos a tu lado.
 Se hastiará tu corazón.
 Sólo por poco tiempo
 Estaremos junto a ti a tu lado.

A dúvida sobre o carácter da divindade e impressão de que a própria vida não passa de um sonho:

El Dador de la vida se burla:
 solo un sueño perseguimos,
 oh amigos nuestros,
 nuestros corazones confían,
 pero él en verdad se burla.

Comovidos gocemos,
 en medio del verdor y las pinturas.
 Nos hace vivir el Dador de la vida,
 él sabe, él determina,
 como moriremos los hombres.
 Nadie, nadie, nadie,
 de verdad vive en la tierra.

.....

Acaso hablamos algo verdadero aquí, Dador de la vida?
 Sólo soñamos, sólo nos levantamos del sueño.
 Solo es como un sueño...

Da necessidade de encontrar um sentido para para a existência:

Por poco tiempo me alegro,
 por breve lapso vive feliz

mi corazón en la tierra.
 En tanto yo exista, yo, Yoyontzin,
 anhelo las flores,
 una a una las recojo,
 aquí donde vivimos.

Sobre a missão ou ofício do poeta:

El cantor: el que alza la voz,
 de sonido claro y bueno,
 da de sí sonido bajo y tiple...

Compone cantos, los crea,
 los forja, los engarza.
 El buen cantor, de voz educada,
 recta, limpia es su voz,
 sus palabras firmes
 como redondas columnas de piedra.
 Agudo de ingenio,
 todo lo guarda en su corazón.
 De todo se acuerda,
 nada se le olvida.

Canta, emite voces, sonidos claros,
 como redondas columnas de piedra,
 sube y baja con su voz.
 Canta sereno,
 tranquiliza a la gente...

El mal cantor: suena como campana rota,
 ayuno y seco como una piedra,
 su corazón está muerto,
 está comido por las hormigas,
 nada sabe su corazón.

Da poesia como único elemento duradouro:

No acabarán mis flores,
 No cesarán mis cantos.
 Yo cantor los elevo,
 Se reparten, se esparcen.
 Aun cuando las flores
 Se marchitan y amarillicen,
 Serán llevadas allá,
 Al interior de la casa
 Del ave de plumas de oro.

.....

Con qué he de irme?

¿Nada dejaré en pos de mí sobre la tierra?
 ¿Cómo ha de actuar mi corazón?
 ¿Acaso en vano venimos a vivir,
 a brotar sobre la tierra?
 ¡Dejemos al menos flores!
 ¡Dejemos al menos cantos!

E a importância de fruição durante o breve tempo da vida:

Pongo enhiesto mi tambor,
 congrego a mis amigos:
 allí se recrean, los hago cantar.
 Tenemos que irnos así:
 recordadlo;
 sed felices,
 oh amigos.
 ¿Acaso ahora con calma,
 y así ha de ser ella?
 ¿Acaso también hay calma
 allá donde están los sin cuerpo?
 Vayamos...
 pero aquí, rige la ley de las flores,
 pero aquí, rige la ley del canto,
 aquí en la tierra.
 Sed felices,
 Atavíais
 oh amigos.

Alegraos con las flores que embriagan,
 las que están en nuestras manos.
 Que sean puestos ya
 los collares de flores.
 Nuestras flores del tiempo de lluvia,
 fragantes flores,
 abren ya sus corolas.
 Por allí anda el ave,
 parlotea y canta,
 viene a conocer la casa del dios.
 Sólo con nuestras flores
 nos alegramos.
 Sólo con nuestros cantos
 parece vuestra tristeza.
 Oh señores, con esto,
 vuestro disgusto se disipa.
 Las inventa el Dador de la vida,
 las ha hecho descender
 el inventor de sí mismo,
 flores placenteras,
 con ellas vuestro disgusto se disipa.

Por fim, vale mencionar os *Cuecuechcuícatl*, cantos impúdicos ou desavergonhados de teor erótico ou burlesco. É fácil compreender que muito pouco desse gênero sobreviveu na mãos dos religiosos espanhóis. Um exemplo raro é o *In chalca cihuacuícatl* ou *Canto de las mujeres de Chalco*, de Aquiauhtzin de Ayapanco, um dos convidados de Tecayehuatzin na já mencionada reunião do diálogo *Flor e canto*. O cronista Chimalpaim relata que esse canto foi apresentado diante de Axayácatl, governante de Tenochtitlan, logo após uma guerra em que os aztecas submeteram a Amecameca.

O canto foi apresentado pela primeira vez com tambores e danças diante do palácio do governante que era desafiado pelos cantores a mostrar se era tão homem diante das mulheres que o provocavam sexualmente quanto fora diante de seus inimigos na guerra. Apesar da intenção de agradar, havia o risco de que Axayácatl se enfurecesse com o tom picaresco da apresentação mas, ao contrário ele se encantou, saiu do palácio, dançou junto com os cantores e exigiu a permanência deles para que os ouvisse sempre que quisesse se alegrar.

A seguir, alguns fragmentos em que se pode observar a conotação erótica e burlesca do Canto das mujeres de Chalco:

Levantaos, vosotras, hermanitas mías,
 vayamos, vayamos, buscaremos flores,
 vayamos, vayamos, cortaremos flores.
 Aquí se extienden, aquí se extienden
 las flores del agua y el fuego, las flores del escudo,
 las que se antojan a los hombres, las que son prestigio:
 flores de guerra.
 Son flores hermosas,
 ¡con las flores que están sobre mí, yo me adorno,
 son mis flores, soy una de Chalco, soy mujer!

 Si en verdad eres hombre, aquí tienes donde afanarte,
 ¿Acaso ya no seguirás, seguirás con fuerza?
 Haz que se yerga lo que me hace mujer,
 consigue luego que mucho de veras se encienda.
 Ven a unirte, ven a unirte: es mi alegría.
 Dame ya al pequeñín, el pilón de piedra
 que hace nacer en la tierra.

Quieres mamar en mis pechos,
 casi en mi corazón.
 Quizás tú mismo estropearás
 lo que es mi riqueza, la acabarás;
 yo, con flores color de ave de fuego,
 para ti haré resonar mi vientre,
 aquí está:
 a tu perforador hago ofrenda.

.....

Sabrosa es tu semilla,
 tú mismo eres sabroso.¡

.....

¿Acaso no eres un águila, un ocelote,
 tú no te nombras así, niño mío?
 ¿Tal vez con tus enemigos de guerra no harás travesuras?
 Ya así, niño mío, entrégate al placer.
 ¿De qué modo me lo haces, compañero de placer?
 Hagámoslo así juntos,
 ¿acaso no eres hombre?
 ¿qué es lo que te confunde?

.....

He venido a dar placer a mi vulva florida,
 mi boca pequeña.
 Deseo al señor, al pequeño Axayácatl.
 Mira mi pintura florida, mira mi pintura florida: mis pechos.
 ¿Acaso caerá en vano, tu corazón, pequeño Axayácatl?
 He aquí tus manitas,
 ya con tus manos tómate a mí.
 Tengamos placer.

Os maias – Os primeiros habitantes da região que pertenceria à cultura maia e que abrange as florestas tropicais das atuais Guatemala, Belixe, Honduras, El Salvador, Campeche, Chiapas, Quintana Roo, Tabasco e a Península de Yucatán (sul do atual México) foram grupos de otónacas que percorriam o território caçando, pescando e recolhendo o que a natureza lhes oferecia. Aproximadamente no século IX a. C. teve início um lento processo de fixação do homem na terra que adquiriu um ritmo mais acelerado a partir da descoberta da cultura do milho e graças à influência dos olmecas. Entre os séculos IV e IX d. C., época conhecida como antigo império dos maias, os habitantes se aglutinaram na região central da península formando as cidades de Chizén Itzá, Uaxactun e Tikal ao norte do lago Petén Itzá. Nesse período receberam influência

da cultura Izape que, por sua vez sofria a influência dos olmecas que habitavam o México e dos chorreras que habitavam o Equador.

Em 987 d. C. chegaram ao Yucatán *homens estranhos vindos do norte* que se impuseram aos habitantes locais. Eram os toltecas procedentes de Tolan cujo chefe Kukulcan (=serpente emplumada) seria o mesmo príncipe Quetzalcoatl que abandonara Tula com seus seguidores. Os toltecas foram responsáveis por grandes transformações no modo de viver e de pensar dos antigos habitantes, transformaram Chizén Itzá em um novo centro religioso e fundaram Mayapan que se tornaria a capital dos maias.

Na mesma época chegou à península os Xiues, outra tribo vinda do México, que fundaram Uxmal completando as três cidades-estado que formaram a confederação maia: Chizen Itzá, Mayapan e Uxmal.

Semelhantemente ao que ocorrera em Tolan, Kukulcan- Quetzalcoatl teria se retirado e após sua partida estabeleceu-se a guerra entre as cidades-estados que resultaria na decadência do Yucatan, na erradicação da influência tolteca e do culto a Kukulcán-Quetzalcoatl. Com a ajuda de tropas mercenárias Mayapan derrotou Chizén Itzá, centralizou o poder e trouxe reféns os governantes das outras cidades-estado. Mas esses líderes comandaram uma revolta que culminou com um incêndio em Mayapan e na morte dos governantes. A península, então foi dividida em vários reinos que lutavam permanentemente entre si. À desagregação política somaram-se alguns eventos calamitosos como alguns furacões em 1464 e epidemias em 1480. O impacto causado por esses eventos sobre o corpo social e sobre o sistema produtivo teve como consequência uma maior decadência política e social, a debilitação do organismo humano e um grande surto de peste em 1516.

Os maias nunca chegaram a formar um império unificado, fato que favoreceu a invasão e domínio de outros povos vizinhos. As cidades formavam o núcleo de decisões e

práticas políticas e religiosas da civilização e eram governadas por um estado teocrático. A zona urbana era habitada apenas pelos nobres (família real), sacerdotes (responsáveis pelos cultos e conhecimentos), chefes militares e administradores do império (cobradores de impostos). Os camponeses, que formavam a base da sociedade, os artesãos e os trabalhadores urbanos faziam parte das camadas menos privilegiadas e tinham que pagar altos impostos, mas os artesãos gozavam de uma posição privilegiada em relação aos outros trabalhadores devido à delicadeza do seu trabalho com vasos, pratos e estatuetas de terra cozida que eram decorados e muito apreciados e ainda se destacavam na fiação de tecidos com o uso de tintas na preparação de tecidos e roupas. Tal como os astecas, os maias não utilizavam o ferro e seus instrumentos de trabalho eram feitos de pedra, sílex e obsidiana. Na ourivessaria, conseguiam cinzelar o ouro e o cobre e elaborar jóias em jade.

A economia era baseada na agricultura do cacau, do feijão, de tubérculos e, principalmente, do milho que aprenderam a cozinhar, assar, fazer farinha e pipoca. Dominavam técnicas avançadas de irrigação e praticavam o comércio de mercadorias dentro da confederação e com os povos vizinhos.

Nas guerras, utilizavam arcos, maças e bombas de vespas. Após as batalhas os prisioneiros eram sacrificados ou escravizados.

A arquitetura era bem desenvolvida e construíram cidades cercadas por muralhas e ligadas por estradas, templos, palácios e pirâmides colossais. A pirâmide construída na planície de Chizen Itzá, na península de Yucatán, podia ser vista a vários kms de distância. Tikal era ligada a Uaxactún por uma estrada de 55 km possuía um grande número de monumentos, pirâmides, estelas, as mais belas esculturas em madeira da região maia e era circundada por uma selva tão vasta quanto a amazônica e com grande

biodiversidade. Destacam-se ainda Mayapan, Uxmal, Palenque, El Caracol e Copán, entre outras.

Apesar das dissensões internas, os cocomes, itzaes e tutul xiues adoravam os mesmos deuses – às vezes com nomes diferentes – imaginavam o mundo da mesma maneira e partilhavam algumas tradições.

O maior dos seus deuses era *Hunab Ku*, que diziam ser um deus vivo e verdadeiro, do qual dependiam todas as coisas e que, por ser incorpóreo, não tinha figura nem se podia figurar. *Itzamná*, senhor dos céus, às vezes considerado como filho de Hunab Ku era uma divindade benéfica associada ao sol e à lua e pode ter sido um herói cultural deificado. Chaac, o deus da chuva era a divindade mais popular e venerada principalmente nas terras áridas do norte do Yucatan. Era associado à chuva, ao raio, ao trovão e ao relâmpago e dividia-se ainda em quatro deidades associadas aos quatro pontos cardeais e simbolizadas por quatro cores: o leste, vermelho; o norte, branco; o oeste, negro e o sul, amarelo. Yum Kax, deus do milho e senhor dos campos, dos bosques e da agricultura era considerado como um dos deuses mais importantes e benévolos, uma vez que o milho era a base da alimentação e, portanto, a vida de todos dependia dele. Kukulcán ou Gugumax, a serpente emplumada, equivalente maia de Quetzalcoatl, era o deus do vento, do planeta Vênus e, às vezes, era associado também ao raio e, segundo a tradição exerceu um papel importante nas diversas etapas da criação da humanidade. Ah Puch, a morte, era a mais importante das deidades melévolas. Acreditavam no mito dos sóis ou idades, que o mundo já fora destruído várias vezes e que ainda o será novamente. Inventaram o uso da sauna que utilizavam como meio de purificação. Geralmente sacrificavam aos deuses pequenos animais e aves, mas em ocasiões especiais realizavam sacrifícios humanos preferencialmente de crianças que acreditavam serem mais puras. A religião era muito importante para eles e

suas crenças se refletiam na vida cotidiana, na arquitetura e em suas expressões artísticas. Um dos rituais mais importantes era o jogo de bola no qual os jogadores procuravam reproduzir o movimento dos astros, principalmente do sol, em seu percurso anual.

Devido ao alto grau de interação e difusão cultural que caracterizou a Mesoamérica, os povos que a habitaram se influenciaram mutuamente e compartilharam muitos avanços e conhecimentos tornando difícil a tarefa de definir onde esses se originaram. Assim, embora não tenham sido os primeiros a elaborar um sistema de escrita ou de calendário, por exemplo, os maias desenvolveram muito a matemática, inventaram as casas decimais, um sistema numérico de base 20 e desenvolveram e utilizaramo conceito de zero muitos séculos antes dos europeus, o que lhes permitia trabalhar com cálculos de centenas de milhões. Graças a um impressionante conhecimento da astronomia, elaboraram um sistema de calendário com diversas contagens de tempo: o calendário civil – *Haab* – muito eficiente e complexo que estabelecia os 365 dias (18 meses ou divisões de vinte dias + cinco dias *uayeb*) do ano e que regulava as cerimônias religiosas coletivas, a vida cotidiana e os eventos públicos; um calendário sagrado – *Tzolkin* – de 260 dias (20 meses de 13 dias); a roda calendária que estabelecia a coincidência do Haab e do Tzolkin a cada 52 anos; a conta larga de 5200 anos; a conta lunar de 18 meses lunares; a conta venusiana de 584 dias e a conta dos senhores da noite – *b'olon ti k'u* – de 9 dias, o ciclo dos nove deuses ou senhores do submundo.

Também previam os eclipses do sol, fizeram diagramas precisos dos movimentos da Lua e dos planetas e determinaram as fases de Vênus com erro de apenas um dia em seis mil anos.

Os maias também demonstraram consciência do conceito de cultura, de seu valor e da importância de preservar sua herança cultural. O termo *itzá* ou *itzaes* era referente dos

fundadores de Chizen Itzá e também dos sábios iniciados fundadores de sua herança cultural a quem se referiam como mestres e sacerdotes dotados da capacidade de compreender a linguagem divina e a quem eram revelados todos os acontecimentos da vida passada e futura dos homens, aqueles que tinham sabedoria, que conheciam as estrelas e que sabiam medir o tempo. Em oposição estava o termo dzules, referente aos bárbaros ou estrangeiros.

No afã de preservarem sua cultura, os maias elaboraram um sistema de escrita formado por aproximadamente 800 glifos pictográficos, logográficos e fonéticos que foi o único da América pré-colombiana capaz de representar completamente o idioma falado por meio do qual puderam registrar os montantes dos impostos e das colheitas, as datas, as vitórias militares, os acontecimentos e as realizações importantes, o conhecimento acumulado, as datas e também suas criações poéticas e religiosas.

Os maias veneravam os livros que para eles era a expressão da palavra dos deuses. Os textos eram lidos nos rituais e nas cerimônias religiosas e são atualmente considerados como anônimos, uma vez que seus autores eram considerados como simples transmissores dos desígnios dos deuses e não reivindicavam sua autoria.

A maior parte do material disponível foi escrita nas pedras mais duradouras do templo uma vez que os textos escritos em tiras de tecido ou papel de casca de árvore (*ficus*), cobertos por uma película de cal sobre a qual eram pintados os caracteres e desenhadas as ilustrações, foram quase todos queimados pelos missionários espanhóis.

Entre os textos remanescentes da cultura maia destacam-se o Popol-Vuh, os livros de Chilam Balam, o Memorial de Solalá, Rabinal Achi e Los cantos de Dzitbalché. As narrativas geralmente trazem nomes distintivos dos povos em que apareceram e foram escritos por indígenas maias no período de colonização em línguas maias com caracteres latinos. Alguns textos são traduções ou compilações de textos hieroglíficos

pré-hispânicos, outros contêm narrativas do período de colonização, quase todos são contaminados por conceitos cristãos e por dados da história bíblica que eram acrescentados aos textos originais por seus autores no intuito de agradar às autoridades e aos padres missionários.

Popol-Vuh - O Popol Vuh ou Livro do Conselho é o livro mais conhecido da historiografia e da mitologia maia quiche e narra as várias criações do mundo e o mito dos sóis ou idades. Sua autoria é atribuída a nobres e cultos maias cristianizados que conheciam sua versão oral e, após a conquista, o escreveram no idioma quiché usando o alfabeto latino. No exemplar que consegui adquirir, sua autoria é atribuída pelo tradutor ao nobre quiche Popol-Vinac, cristianizado como Diogo Reynoso.

Embora narre a criação do mundo sob a perspectiva da tradição maia, a obra apresenta em alguns trechos a contaminação de valores cristãos e do discurso bíblico. Também devido à influência dos colonizadores, alguns deuses aparecem em posições de importância que não correspondem à posição original que ocupavam na tradição dos indígenas:

Este es el principio de la antiguas historias de este lugar llamado Quiché. Aquí escribiremos y comenzaremos las antiguas historias, el principio y origen de todo lo que se hizo en la ciudad de Quiché, por las tribus de la nación quiché.

Y aquí traeremos la manifestación, la publicación y la narración de lo que estaba oculto, la revelación por Tzacol, Bitol, Alom, Qaholom, que se llaman Hunahpú-Vuch, Hunahpú-Utiú, Zaqui-Nimá-Tziís, Tepeu, Gucumatz, u Qux Cho, u Qux Paló, Ah Raxá Lac, Ah Raxá Tzel, así llamados. Y [al mismo tiempo] la declaración, la narración conjuntas de la Abuela y el Abuelo cuyos nombres son Ixpiyacoc e Ixmucané, amparadores y protectores, dos veces abuela, dos veces abuelo, así llamados en las historias quichés, cuando contaban todo lo que hicieron en el principio de la vida, el principio de la historia.

Esto lo escribiremos ya dentro de la ley de Dios, en el Cristianismo, lo sacaremos a luz, porque ya no se ve el Popo Vuh, así llamado, donde se veía claramente la venida del otro lado del mar, la narración de nuestra oscuridad, y se veía claramente la vida.

Na parte que corresponde à primeira idade é descrita uma fase de preexistência dos deuses em que reinava a calma, o silêncio e a imobilidade até que Tepeu, o criador e Gugumatz (Quetzalcoatl) decidem criar o mundo e tudo o que nele está presente – os homens, a natureza e os animais:

Esta es la relación de cómo todo estaba en suspenso, todo en calma, en silencio; todo inmóvil, callado, y vacía la extensión del cielo.

Esta es la primera relación, el primer discurso. No había todavía un hombre, ni un animal, pájaros, peces, cangrejos, árboles, piedras, cuevas, barrancas, hierbas ni bosques: sólo el cielo existía.

No se manifestaba la faz de la tierra. Sólo estaban el mar en calma y el cielo en toda su extensión.

[...]

Llegó aquí entonces la palabra, vinieron juntos Tepeu y Gucumatz, en la obscuridad, en la noche, y hablaron entre sí Tepeu y Gucumatz. Hablaron, pues, consultando entre sí y meditando; se pusieron de acuerdo, juntaron sus palabras y su pensamiento.

Entonces se manifestó con claridad, mientras meditaban, que cuando amaneciera debía aparecer el hombre.

Entonces dispusieron la creación y crecimiento de los árboles y los bejucos y el nacimiento de la vida y la creación del hombre. Se dispuso así en las tinieblas y en la noche por el Corazón del Cielo, que se llama Huracán.

[...]

Primero se formaron la tierra, las montañas y los valles; se dividieron las corrientes de agua, los arroyos se fueron corriendo libremente entre los cerros, y las aguas quedaron separadas cuando aparecieron las altas montañas.

Así fue la creación de la tierra, cuando fue formada por el Corazón del Cielo, el Corazón de la Tierra, que así son llamados los que primero la fecundaron, cuando el cielo estaba en suspenso y la tierra se hallaba sumergida dentro del agua.

De esta manera se perfeccionó la obra, cuando la ejecutaron después de pensar y meditar sobre su feliz terminación.

Primeiro são criados as plantas e os animais que, por se mostrarem incapazes de adorar seus criadores, foram amaldiçoados e condenados a servirem de alimento:

Luego hicieron a los animales pequeños del monte, los guardianes de todos los bosques, los genios de la montaña, los venados, los pájaros, leones, tigres, serpientes, culebras, cantiles [víboras], guardianes de los bejucos.

Y dijeron los Progenitores: - ¿Sólo silencio e inmovilidad habrá bajo los árboles y los bejucos? Conviene que en lo sucesivo haya quien los guarde.

Así dijeron cuando meditaron y hablaron en seguida. Al punto fueron creados los venados y las aves. En seguida les repartieron sus moradas a los venados y a las aves.

- Tú, venado, dormirás en la vega de los ríos y en los barrancos. Aquí estarás entre la maleza, entre las hierbas; en el bosque os multiplicaréis, en cuatro pies andaréis y os sostendréis-- . Y así como se dijo, se hizo.

Luego designaron también su morada a los pájaros pequeños y a las aves mayores:

- Vosotros, pájaros, habitaréis sobre los árboles y los bejucos, allí haréis vuestros nidos, allí os multiplicaréis, allí os sacudiréis en las ramas de los árboles y de los bejucos -. Así les fue dicho a los venados y a los pájaros para que hicieran lo que debían hacer, y todos tomaron sus habitaciones y sus nidos.

De esta manera los Progenitores les dieron sus habitaciones a los animales de la tierra. Y estando terminada la creación de todos los cuadrúpedos y las aves, les fue dicho a los cuadrúpedos y pájaros por el Creador y el Formador y los Progenitores:

- Hablad, gritad, gorjead, llamad, hablad cada uno según vuestra especie, según la variedad de cada uno -. Así les fue dicho a los venados, los pájaros, leones, tigres y serpientes.

- Decid, pues, vuestros nombres, alabadnos a nosotros, vuestra madre, vuestro padre. ¡Invocad, pues, a Huracán, Chipi-Calculhá, Raxa-Calculhá, el Corazón del Cielo, el Corazón de la Tierra, el Creador, el Formador, los Progenitores; hablad, invocadnos, adoradnos! - les dijeron.

Pero no se pudo conseguir que hablaran como los hombres; sólo chillaban, cacareaban y gramaban; no se manifestó la forma de su lenguaje, y cada uno gritaba de manera diferente.

Cuando el Creador y el Formador vieron que no era posible que hablaran, se dijeron entre sí: - No ha sido posible que ellos digan nuestro nombre, el de nosotros, sus creadores y formadores. Esto no está bien -, dijeron entre sí los Progenitores.

Entonces se les dijo: - Seréis cambiados porque no se ha conseguido que habléis. Hemos cambiado de parecer: vuestro alimento, vuestra pastura, vuestra habitación y vuestros nidos los tendréis, serán los barrancos y los bosques, porque no se ha podido lograr que nos adoréis ni nos invoquéis. Todavía hay quienes nos adoren, haremos otros [seres] que sean obedientes. Vosotros aceptad vuestro destino: vuestras carnes serán trituradas. Así será. Esta será vuestra suerte-. Así dijeron cuando hicieron saber su voluntad a los animales pequeños y grandes que hay sobre la faz de la tierra.

Depois foi criado o primeiro homem, feito de lodo que se desmanchava e que por ser destituído de entendimento e, portanto, também incapaz de adorar os deuses, foi destruído:

Así, pues, hubo que hacer una nueva tentativa de crear y formar al hombre por el Creador, el Formador y los Progenitores.

- ¡A probar otra vez! Ya se acercan el amanecer y la aurora; hagamos al que nos sustentará y alimentará! ¿Cómo haremos para ser invocados, para ser recordados sobre la tierra? Ya hemos probado con nuestras primeras obras, nuestras primeras criaturas; pero no se pudo lograr que fuésemos alabados y venerados por ellos. Probemos ahora a hacer unos seres obedientes, respetuosos, que nos sustenten y alimenten -. Así dijeron.

Entonces fue la creación y la formación. De tierra, de lodo hicieron la carne [del hombre]. Pero vieron que no estaba bien, porque se deshacía, estaba blando, no tenía movimiento, no tenía fuerza, se caía, estaba aguado, no movía la cabeza, la cara se le iba para un lado, tenía velada la vista, no podía ver hacia atrás. Al

principio hablaba, pero no tenía entendimiento. Rápidamente se humedeció dentro del agua y no se pudo sostener.

Y dijeron el Creador y el Formador: - Bien se ve que no podía andar ni multiplicarse. Que se haga una consulta acerca de esto, dijeron.

Entonces desbarataron y deshicieron su obra y su creación. Y en seguida dijeron: - ¿Cómo haremos para perfeccionar, para que salgan bien nuestros adoradores, nuestros invocadores?- Así dijeron cuando de nuevo consultaron entre sí.

Na narração da segunda idade, os deuses aconselhados pelos advinhos Ixpiyacoc e Ixmucané, resolvem fazer um novo homem de madeira e esses homens se multiplicaram e se espalharam pela terra, mas também foram incapazes de invocar os deuses criadores e por isso foram destruídos em dilúvio. Alguns sobreviveram e se tornaram macacos:

Y al instante fueron hechos los muñecos labrados en madera. Se parecían al hombre, hablaban como el hombre y poblaron la superficie de la tierra.

Existieron y se multiplicaron; tuvieron hijas, tuvieron hijos los muñecos de palo; pero no tenían alma, ni entendimiento, no se acordaban de su Creador, de su Formador; caminaban sin rumbo y andaban a gatas.

Ya no se acordaban del Corazón del Cielo y por eso cayeron en desgracia. Fue solamente un ensayo, un intento de hacer hombres. Hablaban al principio, pero su cara estaba enjuta; sus pies y sus manos no tenían consistencia; no tenían sangre, ni substancia, ni humedad, ni gordura; sus mejillas estaban secas, secos sus pies y sus manos, y amarillas sus carnes. Por esta razón ya no pensaban en el Creador ni en el Formador, en los que les daban el ser y cuidaban de ellos.

Estos fueron los primeros hombres que en gran número existieron sobre la faz de la tierra.

En seguida fueron aniquilados, destruidos y deshechos los muñecos de palo, recibieron la muerte.

Una inundación fue producida por el Corazón del Cielo; un gran diluvio se formó, que cayó sobre las cabezas de los muñecos de palo. Así fue la ruina de los hombres que habían sido creados y formados, de los hombres hechos para ser destruidos y aniquilados: a todos les fueron destrozadas las bocas y las caras.

Y dicen que la descendencia de aquellos son los monos que existen ahora en los bosques; éstos son la muestra de aquellos, porque sólo de palo fue hecha su carne por el Creador y el Formador.

Y por esta razón el mono se parece al hombre, es la muestra de una generación de hombres creados, de hombres formados que eran solamente muñecos y hechos solamente de madera.

Na terceira idade é relatada a epopéia dos gêmeos Hunahpú e Ixbalanque que, por incomodarem os senhores do Inframundo são transformados em peixes e, por fim se lançam em uma fogueira e se transformam no Sol e na Lua.

Na quarta idade são criados os homens de milho que demonstraram percepção do mundo e de si e louvaram os deuses criadores. Por isso permaneceram, embora como mortais para que não ameaçassem a soberania dos deuses e deram origem aos povos que habitavam a Mesoamérica:

A continuación entraron en pláticas acerca de la creación y la formación de nuestra primera madre y padre. De maíz amarillo y de maíz blanco se hizo su carne; de masa de maíz se hicieron los brazos y las piernas del hombre. Únicamente masa de maíz entró en la carne de nuestros padres, los cuatro hombres que fueron creados.

[...]

Se dice que ellos sólo fueron hechos y formados, no tuvieron madre, no tuvieron padre. Solamente se les llamaba varones. No nacieron de mujer, ni fueron engendrados por el Creador y el Formador, por los progenitores. Sólo por un prodigio, por obra de encantamiento fueron creados y formados por el Creador, el Formador, los Progenitores, Tepeu y Gucumatz. Y como tenían la apariencia de hombres, hombres fueron; hablaron, conversaron, vieron y oyeron, anduvieron, agarraban las cosas; eran hombres buenos y hermosos y su figura era figura de varón.

Fueron dotados de inteligencia; vieron y al punto se extendió su vista, alcanzaron a ver, alcanzaron a conocer todo lo que hay en el mundo. Cuando miraban, al instante veían a su alrededor y contemplaban en torno a ellos la bóveda del cielo y la faz redonda de la tierra. Las cosas ocultas [por la distancia] las veían todas, sin tener primero que moverse; en seguida veían el mundo y asimismo desde el lugar donde estaban lo veían.

Grande era su sabiduría; su vista llegaba hasta los bosques, las rocas, los lagos, los mares, las montañas y los valles. En verdad eran hombres admirables Balam-Quitze, Balam-Acab, Mahucutah e Iqui-Balam.

Entonces les preguntaron el Creador y el Formador : - ¿Que pensáis de vuestro estado? ¿No miráis. ¿No oís? ¿No son buenos vuestro lenguaje y vuestra manera de andar? ¡Mirad, pues! ¡Contemplad el mundo, ved si aparecen las montañas y los valles! ¡Probad, pues, a ver!, les dijeron.

Y en seguida acabaron de ver cuanto había en el mundo. Luego dieron las gracias al Creador y al Formador : - ¡En verdad os damos gracias dos y tres veces! Hemos sido creados, se nos ha dado una boca y una cara, hablamos, oímos, pensamos y andamos; sentimos perfectamente y conocemos lo que está lejos y lo que está cerca. Vemos también lo grande y lo pequeño en el cielo y en la tierra. Os damos gracias, pues, por habernos creado, ¡oh Creador y Formador!, por habernos dado el ser, ¡oh abuela nuestra! ¡Oh nuestro abuelo!, dijeron dando las gracias por su creación y formación.

Acabaron de conocerlo todo y examinaron los cuatro rincones y los cuatro puntos de la bóveda del cielo y de la faz de la tierra.

Aqui, também se coloca a questão do saber, ou do conhecimento humano considerado excessivo e que incomoda ou afronta a divindade:

Pero el Creador y el Formador no oyeron esto con gusto. - No está bien lo que dicen nuestras criaturas, nuestras obras; todo lo saben, lo grande y lo pequeño - dijeron. Y así celebraron consejo nuevamente los Progenitores : - ¿Qué haremos ahora con ellos? ¡Que su vista sólo alcance a lo que está cerca, que sólo vean un poco de la faz de la tierra! No está bien lo que dicen. ¿Acaso no son por su naturaleza simples criaturas y hechuras [nuestras]? ¿Han de ser ellos también dioses? ¿Y si no procrean y se multiplican cuando amanezca, cuando salga el sol? ¿Y si no se propagan? - Así dijeron.

- Refrenemos un poco sus deseos, pues no está bien lo que vemos. ¿Por ventura se han de igualar ellos a nosotros, sus autores, que podemos abarcar grandes distancias, que lo sabemos y vemos todo?

Esto dijeron el Corazón del Cielo, Huracán, Chipi-Caculhá, Raxá-Caculhá, Tepeu, Gucumatz, los Progenitores, Ixpiyacoc, Ixmucané, el Creador y el Formador. Así hablaron y en seguida cambiaron la naturaleza de sus obras, de sus criaturas.

Entonces el Corazón del Cielo les echó un vaho sobre los ojos, los cuales se empañaron como cuando se sopla sobre la luna de un espejo. Sus ojos se velaron y sólo pudieron ver lo que estaba cerca, sólo esto era claro para ellos.

Así fue destruida su sabiduría y todos los conocimientos de los cuatro hombres, origen y principio [de la raza quiché].

Así fueron creados y formados nuestros abuelos, nuestros padres, por el Corazón del Cielo, el Corazón de la Tierra.

Na seqüência, a narrativa conta como os deuses criaram esposas para os quatro primeiros homens e como a partir desses quatro primeiros casais se originaram pequenas e grandes tribos que formaram o povo quiché – Tepeu, Oloman, Coah, Quenech, Tamub, Ilocab, Tecpán, Rabinales, Cacchiqueles, Tziquinahá, Zacahib, entre outras. Também é narrado o desenvolvimento dessas tribos, suas crenças, seus deuses e ainda o alvorecer cultural simbolizado pelo aparecimento do quinto sol, da lua e das estrelas e a alegria desses povos com esse despertar do conhecimento.

Memorial de Solalá - Pouco conhecido, Los Anales de los Xahil, Memorial de Tecpán-Atitlán, Memorial de Solalá ou Anales de los Cakchiqueles complementa a narração mítica do Popol-Vuh e oferece uma narração minuciosa da formação do povo Caqchiquel que habitava a região da Guatemala e possui indiscutível valor histórico. A narrativa foi transmitida e conservada oralmente durante séculos antes de ser transcrita e preservada pelos membros da linhagem Xahil. A obra é composta por antigos relatos

míticos dos antepassados, por testemunhos de indígenas convertidos, pela narração histórica de fatos acontecidos na região e informações sobre a genealogia dos governantes e principais:

Aquí escribiré brevemente las palabras de nuestros primeros Padres de nuestros antepasados de quienes nacieron los hombres de antaño antes que fuesen habitadas la llanuras, cuando solo existían los conejos, los pájaros, se cuenta cuando habitaron las colinas las llanuras estos nuestros primeros Padres nuestros antepasados venidos del lugar de la Abundancia, oh hijos míos.

Aquí escribiré las palabras de nuestros primeros Padres, (de) nuestros antepasados, El primero llamado Volcán, El outro llamado Ventisquero. He aquí se cuenta las palabras que dijeron: “De allende el mar vinimos del lugar llamado Lugar de la Abundancia em donde fuimos procreados, fuimos engendrados, por nuestros antepasados, nuestros padres, oh hijos nuestros”; (así) deciam antaño los padres, los antepasados, llamados Volcán, Ventisquero, venidos de Lugar de La Abundancia, los dos varons de quienes nacimos nosotros los Xahil [(los de lãs) Mansiones Del Baile (ritual)]. Anales de los Xahil, Universidade Nacional Autónoma del México, 1993, p. 3,4.

Os livros de Chilam Balam - Segundo Barrera Vázquez (1984: 9), os livros de Chilalm Balam foram escritos após a conquista espanhola e são constituídos de textos heterogêneos: alguns textos de caráter religioso puramente indígena provenientes de fontes orais ou dos antigos livros ou códices, outros com contaminação da influência cristã; textos de caráter histórico como a série de 13 katunes ou simples apontamentos de ocorrências particulares sem importância; textos médicos com ou sem influência europeia; textos cronológicos e astrológicos contendo tabelas de séries de katunes com seus equivalentes cristãos, explicações acerca do calendário indígena e almanaques com predições cotejadas ou não com o Tzolkin; astronomia de acordo com as idéias europeias do sec XV; rituais; textos literários e uma mistura de textos sem classificação. Chilam – el que es boca, oráculo – era o título outorgado à classe sacerdotal que interpretava os livros e a vontade dos deuses e Balam – jaguar ou bruxo – era o nome de família do mais famoso dos chilames que viveu em Maní pouco antes da conquista e que, segundo as crônicas, se tornou famoso por predizer a vinda dos estrangeiros e de

uma nova religião. Embora sejam referidos 18 livros de Chilam Balam, apenas oito estão disponíveis para estudo e são conhecidos pelos nomes das localidades da qual procedem: El Chilam Balam de Chumayel, de Tizimín, de Káua, de Ixil, de Tekax, de Nah, de Tusik e o códice Pérez, um conjunto de fragmentos de vários livros compilados por D. Juan Pío Pérez por volta de 1840.

Devido ao conceito maia de períodos cíclicos e de que os acontecimentos de um período se repetiriam na mesma data em outros períodos, as predições tónicas ou katónicas se apresentavam em rodas cíclicas em que se misturam as predições anteriores às conquistas com as posteriores.

Apenas um exemplo de profecia de uma roda profética de uma dobra de katunes:

10 Ahau

Termina el 12 Ahau Katun para que se asiente el 10 Ahau. Ésta es la palabra, lo que manifiesta la carga de sus años: Lahun Chablé, Diez-hoja-es-camosa, es el asiento del Katun 10 Ahau.

Lahun Chaan, Diez-poderoso, es su rostro. Cit Bolón Ua, Decidor-grandes-mentiras, su rostro em el cielo. Cit Bolón Ua, Decidor-grandes-mentiras, El Ah Kin, sacerdote-del-culto-solar, que ata los palos al juntar las cuatro partes del cielo. Años estériles em que no habrá pan; de frutos del árbol ramón y jica-ma silvestre serán su pan y su agua. Malo su aspecto, malo su imperio em el cielo; malos los Halach Uini-ques, Jefes, y sus subditos. Hambre es su carga: Entrará el pecado em el mundo al sonar los atabalas, al sonar las sonajas agitadas por los cuatro Bacabes, Vertedores, cuando rasguñen las espaldas las ceibas de la tierra, cuando hagan salir por completo la lengua al que le corten el resuello. Verdad será que la Estera estará arrollada y que entonces vendrá la mácula sobre lo que reste de bueno em el mundo. Hunab Ku, unica-deidad, sabe las cosas.

Ésta es la carga, el rostro del Katun 10 Ahau, así dice el Chilam Balam, Brujo-Intérprete; tristeza habrá em el reinado de la carga de sus años por obra y deseo de Hunab Ku, Unica-deidad.

Rabinal Achí - Segundo Puentes (2007: 79), El Rabinal Achí ou Danza del Tun é uma obra teatral da cultura maia achí preservada pela tradição oral que tem como tema o sistema religioso das civilizações mesoamericanas e que, desde o século XIII até os nossos dias, é posta em cena na comunidade de Rabinal, na Guatemala. A peça revela uma escrita corporal em que se articula a dança a música e a poesia e retrata, na história do teatro, o momento de indistinção entre o rito e as artes de representação.

Segundo Raynaud, (apud Puentes2007: 82), o Rabinal Achí é a única peça do antigo teatro ameríndio que chegou até nós sem a influência da cultura cristã e sem que se pudesse descobrir em seu formato ou conteúdo *la más mínima traza de una palabra, de una idea, de un hecho, de origen europeo*. O sistema religioso em que a obra estava inserida não sofreu censura e o rito sacrificial é apresentado de forma explícita. A única interferência apontada por Puentes (2007: 84,85), se verifica no processo de substituir a expressão cênica pela escritura alfabética que alterou fundamentalmente a dimensão específica da arte de representação na qual o corpo espacializa uma partitura de gestos, sons e movimentos por meio de técnicas concretas de condutas.

A obra, ainda de acordo com Puentes (2007: 83), põe em cena um conflito de poder entre grupos quiche e focaliza o rito sacrificial do ser humano comum nas guerras floridas e representa um episódio em que os indígenas de Rabinal vencem os de Quiché e sacrificam um de seus guerreiros identificado como El varón de los Queché que havia invadido seu território.

Era crença comum entre os indígenas que as pedras, as montanhas e as flores eram entidades vivas que abrigavam a sabedoria dos deuses (Eliade, 2002: 34,35) e que, portanto, o território que a comunidade ocupava era o espaço de manifestação da divindade, ponto de equilíbrio entre o mundo superior e o inferior. Sua invasão era uma forma de agressão capaz de desestabilizar a ordem do universo e de prejudicar o relacionamento do homem com o sagrado e de perturbar o bom andamento da vida coletiva. Assim, a punição sacrificial do invasor era um modo de reparação da violação do espaço de atuação da divindade por meio da qual podia ser restaurada a harmonia (Girard, 1983: 16).

Durante o rito sacrificial que espetaculizava o corpo humano, os participantes alcançavam estados de alta concentração e de alteração da consciência por meio de estímulos sonoros, visuais e auditivos. O ritmo dos tambores associado à emissão do som primordial que deu origem ao universo, a música, as palavras floridas, os cantos e a dança tinham o efeito de provocar o desprendimento sensorial necessário para o estado de transe (Puentes, 2007: 84) que era exacerbado pelo consumo de substâncias alucinógenas. Na obra, o som do *tun* o grande tambor sagrado em consonância rítmica e melódica com outros instrumentos de percussão e de sopro marca o começo e o fim da encenação.

Diferentemente do modelo linear das obras teatrais europeias, a encenação do Rabinal Achí se inicia em uma situação dramática de máxima tensão e em seguida, retrocede no tempo para expor os motivos da situação inicial numa estratégia recorrente da composição de narrações orais antigas.

No início da representação o capitão Rabinal Achí e seus guerreiros coluna em movimentos de serpentina que se transforma numa dança de roda com Rabinal Achí no centro. O combate se inicia no momento em que o Varão Quiché irrompe no círculo e dança em seu centro movendo sua lança como se quizesse ferir o príncipe. Os motivos pelos quais o Varão de los Quiché será sacrificado e o modo como é conduzido pelo Varão de Rabinal até a morte sacrificial sob a acusação de ter colocado novos limites em seu território invadindo o território de seus vizinhos é narrado em um discurso poético e rico em figuras retóricas e em recursos rítmicos, como se pode observar na forma como o Varão de Quiché se dirige ao seu algoz:

¡Salid pronto Rey perforador, Rey lancero! Que desde esta primera vez acabaré
venciendo tu orgullo, tu Hazaña, Rey Chacachib, Rey Zamanib Del territorio de

Rabinal. Así digo ante El cielo, ante La tierra. Aunque todavía He de hablarte más. ¡Cielo y tierra Sean contigo, guerrero capitá Rabinal Achí!

Ou na forma também respeitosa e na linguagem florida com que o príncipe Rabinal

Achi se dirige ao guerreiro vencido:

¡Valiente guerrero cawek de la nación quiche! ¿Tal vez seas tu quien me ayude, seas tu mi Hermano mayor, o tal vez seas tu mi hermanito? ¿Acaso me desanime al verte, al saber que estabas junto a la gran fortaleza, junto a la gran muralha? Entonces eres tu quien imitaba el aullido del coyote, imitaba el maullido del gato montés, imitaba los aullidos de la comadreja, del tigre junto al gran castillo amurallado, esperando conducir nuestros jóvenes vasallos, del gran castillo, de la gran muralla; quienes alimentan de miel madura, de miel tierna al gobernante de mi nación, el gran Rey Jobtoj, mientras entaltecías tu valentia guerrera incitándonos alertar los doce jefs y reyes de cada ciudad, de cada fortaleza. ¿No manifestaron diciéndonos?: ¡Presenten los doce valientes, los doce guerreros a atender pronto sus órdenes! Porque dejaron perdidos, abandonados a nuestros vasallos, sin encontrarel camino ni La entrada, han dejado vacío, silenciosa, solitaria el palácio, La fortaleza. Solamente nueve o diez de ellos retornaron al castillo, La fortaleza, por ello pedimos investigar a los jóvenes vasallos. Porque no hemos tomado de SUS arvejas, SUS frijoles, SUS frijoles tiernos. ¿No fue lo que encomendaron los reyes e gobernantes? ¿Hasta donde llega tu gallardía, tu valentia? ¿No derrotaste a los nuebes pueblos, a los nuebe gobernantes mayas, com tu valentia em C'otom, cerca Del conocido Tikiram? Puesto que tu pagarás aqui a La faz Del cielo, a La faz de La tierra. Por ello encomiéndate a tus montañs, a tus valles, porque aqui será vencido tu orgullo guerrero, aqui a La faz Del cielo, a La faz de La tierra, Quizá durante el día, durante La noche bajas a tus montañas, a tus valles. Em efecto, aqui desfalecerás, desaparecerás a La faz Del cielo, a La faz de La tierra. Así He de anunciar ante mi gobernante, ante mi nación, em La gran fortaleza, em La gran muralha. Así He dicho al cielo, a La tierra. Anque He de hablarte más. ¡Cielo y tierra Sean contigo, cawek de La nación quiche!

Los cantares de Dzitbalché - A poesia, segundo Ligorred (1988: 75, 76), se difunde de forma mais íntegra que as narrativas – sujeitas a variações e versões – e que por isso, tem a função de perpetuar a memória, a imaginação, a originalidade e a beleza da cultura à qual pertence e teria alcançado um desenvolvimento singular na cultura maia. Entretanto, muito pouco ficou documentado desse gênero literário e o principal documento da poesia em língua maia são os Cantares de Dzítbalché, de grande valor literário e histórico, que contêm quase tudo que restou da antiga poesia lírica maia. Trata-se de uma coleção de quinze textos atribuídos ao poeta Ah Bam. Alguns possuem

características dos poemas líricos e, originalmente, eram acompanhados com danças e músicas tocadas em instrumentos como flautas, trombetas, apitos, gongos, tambores e matracas. Outros, embora também sejam considerados como cânticos, são descrições de rituais com características mais próximas da narrativa. Alguns desses cânticos retratam idéias religiosas, fragmentos e descrições de rituais, conceitos filosóficos e ainda outros podem ser classificados como cantos de amor.

Entre os cânticos de teor religioso destacam-se as orações *Al Gran señor Ah Kulel* e *El canto del pobre huérfano sin madre* e um hino dedicado ao nascer do sol *Para el viajero en el camino al amanecer*:

Vine, vine ante tu alto madero [del sacrificio]
a merecer de ti tu alegría Bello Señor mio,
porque tu das lo que no ES malo,
lãs buenas cosas que está bajo tu mano.
Tienes buena e redentora palabra.

Yo veo lo que es bueno y lo que es malo aqui en la tierra.
dame tu luz mi verdadero Padre;
pon mucho entendimiento en mi pensar
y en mi in inteligencia para que pueda reverenciarte cada día...

Verdaderamente yo te imploro Bello padre de los cielos.
Grande eres em tu asiento en las alturas.
Por eso yo te reverencio Bello Único Dios.
Tú das el bien lo mismo que el mal aquí sobre La tierra.
Yo te llamo... (Cantares de Dzitbalché, Canto 2)

Entre os cânticos rituais constam rituais de iniciação feminina, rituais de final de períodos e rituais de sacrifício por flechamento contendo orientações aos participantes que entre cantos e danças disparavam flechas contra o coração de um prisioneiro amarrado a uma coluna no meio da roda dos bailadores:

Espiador, espiador de los árboles,
A uno, a dos
Vamos a cazar a orillas de la arboleda,
Em danza ligera hasta tres.

[...]

Bien aguzadao hás la punta de tu flecha,
bien enastada hás la cuerda de tu arco;
puesta tienes buena resina de *catsim* em las plumas
del extremo de la vara de tu flecha.

[...]

Da três ligeras vueltas
alrededor de la columna pétrea pintada,
aquella donde atado está aquel viril
muchacho, impoluto, virgen, hombre.
Da la primera; a la segunda coge tu araco,
ponle su dardo.

Apúntale al pecho; no es necesario
que pongas toda tu fuerza para
asaetarlo, para no
herirlo hasta lo hondo de sus carnes
y así pueda sufrir
poço a poço, que así lo quiso
el Bello Señor Dios.

A la segunda fuelta que dês a esa
Columna pétrea zaul, segunda vuelta
Que dieres, fléchalo outra vez.

Eso habrás de hacerlo sin

Dejar de danzar, porque

Así lo hacem los Buenos

Escuderos peleadores hombres que

Se escogen para dar gusto

A los ojos del Señor Dios. [Cantares de Dzitbalché, canto 13]

Ou como o *X-Kolom-Che* que expressa as respeitosas palavras que eram dirigidas às vítimas portadoras de mensagens aos deuses e que demonstram o a apreciação poética e o profundo sentido religioso do ritual:

Endulza tu ánimo, bello hombre;
tú vas a ver el rostro de tu Padre en lo alto.
No habrá de regresarte aquí sobre la tierra
bajo el plumaje del pequeño Colibrí
o bajo la piel . . . del bello Ciervo,
del Jaguar, de la pequeña Mérula
o del pequeño Paují.

Date ánimo y piensa solamente en tu Padre; no
tomes miedo; no es malo lo que se te hará.

Bellas mozas te acompañan en tu
paseo de pueblo en pueblo . . .

. . . No tomes miedo;

pon tu ánimo en lo que va a sucederte.

Ahí viene el gran Señor Holpop; viene
 con su Ah-Kulel; así también el Ahau
 Can Pech, ahí viene; a su vera
 viene el gran Na-con Aké;
 ahí viene el Batab H . . .
 Ríe, bien endúlcese tu ánimo,
 porque tú eres a quien se ha dicho
 que lleve la voz de tus convecinos
 ante nuestro Bello Señor,
 aquel que está puesto aquí sobre la tierra
 desde hace ya muchísimo. [Cantares de Dzitbalché, Canto 1]

Alguns cantos faziam parte de rituais de iniciação feminina e tinham como temas recorrentes o amor, a beleza feminina e a pureza da flor. Como exemplos de Cânticos de amor podem ser citados um pequeno trecho do primeiro canto:

Besaré tu boca
 entre las plantas de la milpa.
 Belleza blanca,
 tienes, tienes que despertar.

O cântico de alegria do ritual florido do amor:

Alegría cantamos
 porque vamos al Recibimiento de la Flor.
 Todas las mujeres mozas, [tienen en] pura risa
 y risa sus rostros, en tanto que saltan sus corazones
 en el seno de sus pechos.

¿Por qué causa?
 Porque saben que es porque darán
 su virginidad femenil a quienes ellas aman.

¡Cantad La Flor!
 [...]
 Vamos, vamos, vámonos jóvenes; así
 daremos perfecto regocijo
 aquí en Dzitil Piich, Dzitil Balche. [Cantares de Dzitilbalche, canto 4]

E o cântico do amante que deseja que todos contemplem a beleza da amada:

Preciso es que seais vista
 cómo sois bella cual
 ninguna, aquí en el asiento
 de Dzitbalché, pueblo. Os amo
 bella Señora. Por esto
 quiero que seais vista en verdad
 muy bella, porque
 habréis de pareceros a la humeante
 estrella; porque os deseen hasta

la luna y las flores de los campos.
 Pura y blanca blanca es vuestra ropa,
 doncella.
 Id a dar la alegría de vuestra risa;
 poned bondad en vuestro corazón, porque
 hoy
 es el momento de la alegría de todos los
 hombres
 que ponen su bondad en vos. [Cantares de Dzitilbalche, canto 15].

3.3 Povos que habitavam o Caribe

“Já sabeis como se diz que os cristãos passam aqui, e tendes conhecimento do que aprontaram para os senhores fulano e fulano e fulano, e para aquelas gentes do Haiti; o mesmo vêm fazer aqui. Sabeis talvez por que o fazem?” Disseram: “não, é somente porque são por natureza cruéis e maus”. Acrescenta ele: “Não o fazem apenas por isso, senão porque têm um deus a quem eles adora e prezam muito, e para conseguí-lo de nós, para adorá-lo, procuram subjugar-nos e matar-nos”.

Bartolommé de las Casas

Os aruaques ou arawak são povos da família linguística aruaque que, partindo da região da fronteira entre Brasil e Venezuela, se espalharam para a Flórida, Bolívia, Brasil, Argentina e para as ilhas do Caribe. Os *tainos* pertenciam à nação arawak e habitavam as Bahamas, as Grandes Antilhas e as pequenas Antilhas do Norte, no Caribe e foram os primeiros indígenas a terem contato com os europeus. Viviam em vilas que chegavam a contar centenas de casas construídas ao redor de uma *plaza* destinada a eventos sociais e religiosos como os *areítos* que consistiam em músicas e danças cerimoniais e os *batey*, jogos de bolas de borracha disputados por equipes de dez a trinta jogadores e que também tinham caráter ritual, pois esse povo acreditava que sua prática favorecia boas colheitas e o nascimento de crianças saudáveis. Sua economia era baseada na caça, na

pesca, na agricultura e no comércio. Eram excelentes navegadores e cultivavam milho, mandioca, batata doce, alho, abacaxi, papaia, tabaco e algodão utilizado na confecção de roupas e redes. Sua língua faz parte da família linguística maipureana que abrange todo o Caribe e ainda o norte da América do Sul.

A arte dos tainos era bem desenvolvida e expressava sua cosmovisão. Os objetos rituais como mesas, vasos, panelas, cachimbos, cinturões para o jogo de bola e assentos cerimoniais eram decorados com desenhos que aludiam à concepção que tinham sobre a vida e sobre o mundo. Praticavam a pintura corporal e fabricavam joias, brincos, colares, ornamentos para o nariz, ornamentos labiais e cocares de plumagem colorida. Fabricavam ainda instrumentos musicais, cerâmicas, cestas, tigelas e cuias de argila. Demonstravam habilidade no trabalho com pedra, mármore e madeira. Bons carpinteiros entalhavam bancos de quatro pés, em forma de espreguiçadeira, utilizados pelos sacerdotes e caciques. Construía canoas grandes e bem elaboradas com as quais viajavam entre as ilhas, estabelecendo, assim, uma eficiente rede de relações comerciais. Suas casas eram feitas de madeira e cobertas de palha com piso térreo e com pouca ornamentação interna, mas suficientemente fortes para resistir aos furacões comuns na região.

A sociedade era bem organizada e se dividia em três classes: Cada vila era governada por um cacique ou chefe cujo status era herdado da linhagem materna. A classe intermediária era a dos *nitáinos*, subchefes, nobres e *bohiques* (sacerdotes e curandeiros) e a classe trabalhadora, chamada de *naborias* e formada pelos agricultores, construtores, marceneiros, artesãos ceramistas e outros.

Seus mitos explicavam a fundação do mundo e a origem dos seres humanos, dos animais e dos vegetais mais importantes para a sua subsistência como o milho, a

mandioca e o tabaco. Sua religião era de tradição xamânica e *Yucahu Bagua Maórocoti* era o invisível e supremo criador de todas as coisas e, também, o espírito do aipim ou *yuca*, alimento básico desse povo. Atabey, a mãe das águas, também considerada como a metade feminina de Yucahu, era associada aos rios e às chuvas necessárias para a irrigação do aipim (Koning, 1992, p. 23). Cultuavam, ainda, Maboya, uma divindade noturna muito temida por eles e a quem traziam oferendas e sacrifícios para que não destruísse suas colheitas. O foco principal de sua religião, entretanto eram os *zemís*, deuses e espíritos cujos poderes eram incorporados em imagens sagradas que personificavam as forças espirituais que segundo criam, habitavam os rios, cavernas, pedras e outros elementos da natureza ao seu redor. Ofertavam-lhe mandioca, bebidas e tabaco para que os protegessem das guerras, das doenças, dos furacões e de outras calamidades.

Seus inimigos tradicionais eram os caraíbas das Antilhas Menores, povo (segundo Koning, 1992, p. 23) com cultura menos sofisticada que a dos tainos e que também praticavam a agricultura (mandioca, batata doce, feijão, tabaco), a pesca e a caça. Suas vilas eram pequenas e centralizadas no *carbet*, casa dos homens, que era utilizada como local de encontros nos quais era falada uma língua exclusiva dos homens, o que fez com que alguns observadores acreditassem que homens e mulheres falavam línguas diferentes. Sua arte era incipiente se comparada com a dos tainos, sua cerâmica não era decorada e só fabricavam utensílios básicos. Trabalhavam bem o vime, utilizavam o algodão para confeccionar redes e joias e praticavam também o comércio marítimo, razão porque suas canoas eram muito valorizadas. Como os tainos, sua religião seguia as tradições xamânicas em que plantas, animais e outros elementos da natureza eram infundidos com os espíritos dos ancestrais. Não confeccionavam imagens como os *zemís* dos tainos, mas utilizavam manequins de pedra e de madeira fabricados e vestidos

por eles para representar Mabouya (maus espíritos) e Akamboue (bons espíritos) além de desenhos zoomórficos e geométricos entalhados em petróglifos, e rochas da região.

Ao contrário, pois, do que Colombo divulgou em seu diário, os índios tão mal observados por ele, tinham fé, possuíam organização social eficaz e dominavam as técnicas de trabalho necessárias à sua subsistência, ao seu prazer e ao culto de seus deuses. Fatores que de nada serviram para protegê-los da ganância e da falta de escrúpulos de seus novos *amigos*. Embora desenhasse pictogramas nas cavernas, os tainos não chegaram a desenvolver um sistema próprio de escrita. Portanto, suas histórias, mitos e conhecimentos eram transmitidos oralmente e o que ficou conhecemos de sua antiga cultura se deve aos escritos de Ramón Pané, um frei Jerônimo que, a pedido de Colombo, aprendeu a língua dos tainos, escutou suas histórias e seus cânticos e registrou em sua *Relación acerca de las antigüedades de los indios* (1932) o que apreendeu da riqueza cultural desses povos. Na *Relación*, encontramos mitos e lendas sobre a origem dos tainos, sobre o estado dos mortos, sobre a criação do mar, sobre os *cemís* e outras divindades. Como exemplo, transcrevo a lenda da criação do mar:

Cómo Dicen que Fue Hecho el Mar

Hubo un hombre llamado Yaya, del que no saben el nombre, y su hijo se llamaba Yayael, que quiere decir hijo de Yaya. El cual Yayael, queriendo matar a su padre, éste lo desterró, y así estuvo desterrado cuatro meses; y después su padre lo mató, y puso los huesos en una calabaza, y la colgó del techo de su casa, donde estuvo colgada algún tiempo. Sucedió que un día, con deseo de ver a su hijo, Yaya dijo a su mujer: “Quiero ver a nuestro hijo Yayael”. Y ella se alegró, y bajando la calabaza, la volcó para ver los huesos de su hijo, De la cual salieron muchos peces grandes y chicos. De donde, viendo que aquellos huesos se habían transformado en peces, resolvieron comerlos. Dicen, pues, que un día, habiendo ido Yaya a sus conucos, que quiere decir posesiones, que eran de su herencia, llegaron cuatro hijos de una mujer, que se llamaba Itiba Cahubaba, todos de un vientre y gemelos; la cual mujer, habiendo muerto de parto, la abrieron y sacaron fuera los cuatro dichos hijos, y el primero que sacaron era caracaracol, que quiere decir sarnoso, el cual caracaracol tuvo por nombre (Deminán); los otros no tenían nombre (PANÉ, 1932: Cap. IX).

3.4 Tawantinsuyo, o império Inca

Entonces vino la Palabra; vino aquí de los Dominadores, de los Poderosos del Cielo, en las tinieblas, en la noche: fue dicha por los Dominadores, los Poderosos del Cielo; hablaron: entonces celebraron consejo, entonces pensaron, se comprendieron, unieron sus palabras, sus sabidurías. Entonces se mostraron, meditaron, en el momento del alba; decidieron construir al hombre, mientras celebraban consejo sobre la producción, la existencia, de los árboles, de los bejucos, la producción de la vida, de la existencia, en las tinieblas, en la noche, por los Espíritus del Cielo llamados Maestros Gigantes.

Popol-Vuh

O império inca, sociedade que se desenvolveu nas encostas dos Andes nas terras hoje ocupadas pelo Peru, Colômbia, Equador, Bolívia e norte do Chile e da Argentina. O poder tanto político como religioso se concentrava na pessoa do imperador *Sapa Inca*, considerado como filho do deus-Sol *Inti* e como guardião dos bens do Estado, em especial da terra que se dividia em três partes: a terra do deus-Sol, reservada aos sacerdotes; a terra do Inca, reservada à família real; e a terra para a população distribuída de forma igualitária a cada família para garantir o seu sustento. Possuíam uma hierarquia social muito rígida e com leis que controlava rigorosamente a vida da população e determinavam o tempo de semear, o tempo de colher e até os dias para ir ao mercado e de se divertir. A posição de imperador era hereditária e cabia ao filho eleito como mais apto para ocupá-la e que, para perpetuar sua linhagem divina, após ser escolhido devia se casar com sua irmã que recebia o título de *Qoya*.

A diversidade cultural era uma particularidade do império inca, formado pela anexação política e econômica de muitos povos diferentes cada qual com seu idioma, que podiam manter sua tradição religiosa e seus costumes desde que pagassem tributos e adotassem

oficialmente o idioma quéchuá e a veneração pelo deus Inti. Embora tivessem um exército muito bem treinado e organizado, a conquista de novas terras para o império era feita, sempre que possível, sem o uso de violência. Ao planejar anexar uma nova região, o imperador analisava as informações trazidas por espiões sobre as condições econômicas, militares e políticas da mesma e, em seguida, enviava embaixadores para convencer os governantes a se unirem ao império de forma pacífica, com ricos presentes e com a garantia de que manteriam suas condições de nobreza e de governantes. Uma vez firmado o acordo era estabelecida a tributação e os serviços que deveriam ser prestados. A nova região era prontamente ligada às outras regiões do império por um eficiente serviço postal formado pelos *chasquis*, mensageiros que veiculavam mensagens e notícias entre as cidades num circuito de 125 milhas por dia. Algumas vezes era promovida a mudança de populações conquistadas para que se integrassem no sistema de estradas e pontes que percorria todo o território inca e que foi idealizado para facilitar o transporte de bens e víveres durante a guerra e para promover a unidade do império por meio do intercâmbio cultural e da troca de informações entre suas cidades.

O bom relacionamento entre a nobreza imperial e os líderes das regiões conquistadas era fortalecido por meio de alianças matrimoniais e pela igualdade de direitos estabelecidos pela forma de governo desenvolvida pelos incas que garantia a todos o acesso à terra e um eficientíssimo sistema agrícola, base de sua economia, que exigia o cultivo de cada pedaço de terra. Cultivavam batatas, milho, amendoim, arroz, mandioca, abóbora, cacau, tomate, pimenta, pimentões e ervas para temperos. Nas encostas mais íngremes eram construídos terraços em forma de degraus construídos com paredes de pedras e patamares de terra vegetal em que eram plantadas as espécies apropriadas a cada altitude: nas partes mais altas a batata, a coca e outros produtos resistentes ao frio;

nas partes intermediárias, o feijão e o milho; e na parte baixa, a pimenta e as frutas e assim, em algumas épocas do ano, a montanha parecia uma grande escada verde. Fertilizavam a terra com adubo de aves marinhas e contavam com um sistema de irrigação formado por canais e aquedutos tão eficiente que surpreendeu os europeus e cuja técnica ainda não foi superada e é utilizada até a atualidade. Dois terços da produção eram estocados pelo governo para serem distribuídos em períodos de escassez e graças à eficiência do sistema adotado era possível alimentar uma população de mais de 20 milhões de pessoas de forma satisfatória. Sua alimentação era ainda composta da carne de alguns animais e de frutas como framboesa, mamão, fruta de conde, abacate, caju, jambo, etc.

Domesticavam alguns animais como lhamas, alpacas, vicunhas, cabras perus, galinhas e coelhos e cultuavam a águia, o jaguar e a serpente.

A construção de estradas, de pontes, de túneis, de palácios, de templos e de fortalezas de admirável arquitetura atesta o notável desenvolvimento dos incas, considerando-se mais uma vez o conceito europeu de desenvolvimento. Desenvolveram um eficiente sistema de correios que permitia uma contínua comunicação entre a capital e as mais longínquas províncias.

Além do deus-Sol Inti, os incas adoravam diversos deuses, geralmente associados a outros elementos da natureza como a Lua, a terra, a chuva e o raio. Como os astecas, respeitavam os deuses dos povos que dominavam, mas impunham o culto a seus deuses principais. Suas divindades recebiam oferendas que incluíam sacrifícios humanos. A relação com os deuses, à semelhança das relações humanas, baseava-se na troca de favores e esperava-se dos deuses que retribuíssem as oferendas em forma de proteção, de chuva ou de boas colheitas.

As artes produzidas pelos incas eram relacionadas ao cotidiano, aos rituais religiosos e à ciência. Entre elas destaca-se o trabalho com a cerâmica e a observação dos diferentes estilos, formas, cores, desenhos e técnicas utilizados em sua produção que possibilita o conhecimento das diferentes fases do desenvolvimento do império incaico e a contribuição das diversas culturas que fizeram parte de sua formação. Trabalhavam o barro, a pedra, o cobre, a prata e o ouro que moldavam de forma semelhante aos astecas, pelo método da cera perdida. Também dominavam técnicas avançadas de artesanato têxtil e como, graças ao cultivo do algodão e à criação de lhamas e alpacas, dispunham de farta matéria prima, produziam ricos e variados tecidos e mantas que destacavam pelas cores vivas.

Na medicina conseguiram desenvolver uma técnica cirúrgica conhecida como trepanação que até hoje é utilizado para aliviar a pressão intracraniana causada por hemorragias ou acúmulo de fluídos devidos a ferimentos severos. Achados arqueológicos demonstram o desenvolvimento e aperfeiçoamento desses procedimentos cirúrgicos uma vez que os crânios com datação mais antiga não apresentam sinais de consolidação óssea, indicativo da não sobrevivência do paciente após a cirurgia enquanto achados de datação mais recente apresentam crescimento ósseo em volta da abertura sugerindo elevadas taxas de sobrevivência dos pacientes. Também demonstraram elevado grau de conhecimento farmacológico com a utilização de inúmeras plantas no tratamento das enfermidades como o quinino que era utilizado com eficácia no tratamento da malária e a utilização das folhas de coca como analgésico e como energético.

A educação era um fator muito importante na sociedade inca. Os filhos dos *hatunrunas*, homens comuns recebiam educação familiar transmitida de geração a geração e caso os pais falhassem em sua missão e os filhos mostrassem má conduta em seus atos civis, os

pais eram severamente punidos às vezes até mesmo com a morte. Os filhos dos nobres recebiam educação formal nos *Yachayhuasis* ou Casas do Saber, fundados em Cusco pelo Inca Roca, sucessor de Cápac Yupanqui, onde os *amautas*, sábios ou mestres, ensinavam aos filhos da nobreza inca normas morais e religiosas, davam instruções sobre a política e as formas de governo do império. E também história, ciências matemáticas, conhecimentos sobre a terra e ainda sobre a cosmovisão andina. Tinham um complexo sistema de registro numérico decimal chamado *quipu* em que as informações eram registradas em cordões de tamanhos diferentes e com diversos nós presos a um cordão principal. As informações podiam ser identificadas pela cor do cordão, pela quantidade e pela posição dos nós. Segundo Josef (1989: 23) a par de registros sobre a guerra e sobre a história, os amautas também conservaram nos *quipus* a lírica, as farsas, as fábulas realistas e o *taqui* ou dança coletiva. Rivara (1991: 5) destaca que esse sistema de registro e de transmissão do conhecimento não pôde ser apreendido cabalmente pelos conquistadores.

A música e a dança dos incas tinham caráter ritual e estavam presentes nas grandes festas cerimoniais, nas festas agrícolas, nas cerimônias guerreiras e eram utilizadas também como expressão do sentimento amoroso. Os instrumentos musicais eram de sopro (flautas de diversos tamanhos, formatos e matérias: *quena*, *píncullo* e *antara* ou *zampona*) *pututo*, *quepa*, *manchaypuito* e instrumentos de percussão (*tinya*, tambor pequeno e *huáncar*, tambor grande), e ainda instrumentos idiófonos como os *cascabeles*, *sacchas*, e *sonajas* fabricados com ossos, metais, pedras, canas, argila, caracóis marinhos, couro de animais, pele do ventre do inimigo vencido etc.

Também na literatura os incas se mostraram produtivos e criaram numerosas obras líricas, épicas e dramáticas com temas referentes a funerais, guerras, núpcias e outros eventos quase sempre ligados a rituais rotineiros nessa cultura. As narrativas eram

transmitidas oralmente uma vez que não chegaram a elaborar um sistema de escrita e, graças ao trabalho de compilação de alguns cronistas da colonização, é-nos possível conhecer alguns desses textos. Entre os textos considerados como de origem pré-hispânica, destaca-se *Apu Ollantay*, um drama de autoria anônima que, segundo Josef (1989: 32) permite entrever o espírito e os recursos cênicos dos indígenas. O texto foi conservado oralmente até ser adaptado e escrito originalmente no idioma quéchua e posteriormente em espanhol e em outras línguas. A obra é escrita em versos com liberdade métrica em que predominam octassílabos alternados com endecassílabos; liberdade de rima com predominância de rimas imperfeitas e de versos brancos; e dividida em três atos ou quinze cenas.

Os personagens principais são: Ollanta, general rebelde enamorado pela filha do Inca Pachacútec, Cusi Ccoyllur; Piqui Chaqui, amigo de Ollanta; Huillac Uma, sacerdote; Rumi Ñahui, general da corte imperial; Orcco Huaranca, chefe dos rebeldes; Ima Súmac, filha de Ollanta e de Cusi Ccoyllur; Pitu Salla, amiga de Ima Súmac; e Túpac Inca Yupanqui, herdeiro de Pachacútec.

A saga do general plebeu que se apaixonou perdidamente pela filha do soberano é narrada numa linguagem poética rica em imagens e plena de musicalidade, caracterizada pela mistura harmoniosa do arrebatamento lírico com a serenidade da reflexão filosófica, da eloquência cerimoniosa comum aos povos americanos com a concisão dos provérbios e da expansividade metafórica do jovem apaixonado com a linguagem circunspecta dos nobres. A pretensão do jovem plebeu de se unir à jovem pertencente à dinastia do Sol é considerada como uma profanação e Ollanta, embora tenha sua vida poupada por ser um herói estimado pelo povo e pela corte, é expulso da cidade e parte para o exílio com o amigo, ameaçando voltar com destruição e vingança. Enquanto Ollanta se une aos revoltosos chefiados pelo general Orcco Huaranca, se

declara como novo soberano e organiza suas tropas para avançar contra Cuzco, sua amada padece prisioneira em uma horrível caverna e sua filha Ima Súmac, acompanhada pela amiga Pitu Salla, vaga desconsolada pelas galerias e jardins do palácio sem saber que os lamentos que escuta e que lhe causam tanta angústia sejam de sua mãe e que lhe dizem estar morta. O general Rumi Ñahui, é enviado pelo soberano inca com a missão de aniquilar os revoltosos, mas seu exército é vencido numa emboscada. Após ser severamente repreendido por Túpac Yupanqui, sucessor de Pachacútec, o general se disfarça com andrajos e falsas feridas, e consegue penetrar no castelo de Ollanta e abrir as portas para suas tropas que conseguem aprisionar Ollantay. Entretanto, Ima Súmac descobre a verdade sobre sua mãe e graças à sua intercessão, Túpac-Yupanqui, liberta a irmã cativa, perdoa a rebelião de Ollanta, o nomeia como *curaca* de Cusco e faz com que ele se possa viver feliz ao lado da esposa e da filha.

Reproduzo aqui, apenas o canto de amor que Ollanta dedica à sua amada:

OLLANTA

(Canta.)

¡Ay, Ccoyllur, brilhante estrella,

De la zarífica altura!

¿Corresponde a tu hermosura

Esta mi triste canción?

Que huyan tus penas e angustias

Para que así estes contenta

Y libre de la tormenta

Que el pesar hacer sentir.

¡Si te He perdido, el juicio

Perderé com amargura!

¡Si te doy la sepultura

También deberé morir! (OLLANTAY, 1998: 28/29).

3.5 Povos que habitavam o Brasil

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei,

com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço.

Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado em garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, deveis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas. Ao lado deles ponde ainda um leito de algodão feito com rede de pescaria e suspensa no ar. E acrescentai o fruto chamado ananás, que mais tarde descreverei que é um dos melhores da terra.

Esse o aspecto comum dos selvagens. Para imaginá-lo sob outro aspecto, tirai-lhe todos esses adornos, untai-o com resina e cobri-lhe todo o corpo, braços e pernas, com pequenas plumas picadas, à maneira de uma crina pintada de vermelho, e vereis como fica lindo assim, todo coberto de penugem.

Finalmente sob um novo aspecto ainda podemos dizer que, deixando-o seminu, calçado e vestido com as nossas frisas de cores, com uma das mangas verdes e outra amarela, apenas lhe falta o cetro de palhaço.

Acrescentai-lhe agora na mão o *maracá*, colocai-lhe na cintura o penacho de plumas denominado *araroyé* e ao redor das pernas os guizos feitos de frutos e o vereis trajado para a cerimônia da dança, do salto, da bebida e da cabriola como adiante o mostrarei.

Jean de Léry

Segundo Guidon (1992: 52), o Brasil foi colonizado desde épocas bastante remotas e todo o território atualmente considerado como brasileiro já estava ocupado desde há 12 mil anos e, como nesse trabalho adotei a teoria da ocupação a partir do Estreito de Bering com a direção norte → sul, continuo o estudo das civilizações seguindo o mesmo sentido, a partir dos povos que habitaram a região amazônica para, em seguida, abordar alguns povos que habitaram a região litorânea e a região central do nosso país. Esses povos não desenvolveram nenhum sistema de escrita e não deixaram documentos sobre a sua história e cultura antes do *descobrimento*. Assim, o que sabemos sobre eles deve-se aos relatos e crônicas dos primeiros exploradores que aqui chegaram e ao trabalho de pesquisadores e arqueólogos que conseguem reconstituir parte da história e aspectos culturais desses povos por meio de pinturas em paredes de cavernas, objetos, instrumentos e fragmentos em sítios arqueológicos. Nas pinturas rupestres são frequentes as representações de figuras humanas em cenas de dança, guerra e caça e

representações de animais principalmente daqueles que costumavam caçar. No sítio arqueológico de São Raimundo Nonato, por exemplo, encontram-se pinturas rupestres representando cenas de caça a vários animais como tatus, onças e veados; em Seridó, no Rio Grande do Norte, as pinturas rupestres representam danças rituais e cenas do cotidiano; na região arqueológica da Bahia se encontram representações de preguiças, tatus gigantes, ursos e cavalos; e as pinturas encontradas nas paredes de uma gruta mostram as fases lunares, as conjuções da Lua com Vênus e o percurso da Via Láctea numa demonstração surpreendente do conhecimento astronômico do povo que habitou essa região a cerca de 30 mil anos.

Calcula-se que na época da *descoberta*, aproximadamente cinco milhões de nativos habitavam o território atualmente considerado como brasileiro e que eram divididos em inúmeras tribos que são classificadas pelos pesquisadores de acordo com o tronco linguístico e com a região a que pertenciam: Aruaques e Caraíbas (na região amazônica), Tupi Guarani (no litoral), Jê ou Tapuias (na região central). Segundo Hemming (1998: 101), além desses quatro troncos linguísticos, havia outras famílias linguísticas próximas às fronteiras do atual território brasileiro como os xirianá e tucano no noroeste, pano e paezan no oeste, guaicura e charrua no sul. Embora diferissem em alguns aspectos, essas culturas se assemelhavam em muitos outros e, por economia textual, farei inicialmente uma descrição dos aspectos convergentes para, em seguida, me ocupar dos aspectos divergentes.

Viviam da caça, da pesca, do cultivo de mandioca, cará, feijão, milho e batata doce e da coleta de palmitos e de frutos que a natureza fornecia em abundância como açaí, araçá, cajá, pequí, sapoti, umbu, maracujá, goiaba, mangaba, tucumã, ingá, siriguela, abacaxi, aracati, cambucá, jaboticaba, cupuaçu, bacaba e vários tipos de pinhas.

Reconheciam sua dependência dos ciclos da natureza e procuravam viver em harmonia com os elementos naturais. O trabalho e o manejo dos recursos naturais não visavam o lucro ou a acumulação de bens, mas a manutenção do grupo e tanto o trabalho como o os bens auferidos por ele eram divididos de forma igualitária de acordo com o sexo e a idade. Os homens tomavam as decisões mais importantes, exerciam a função de curandeiros, se ocupavam com guerra, com a execução dos prisioneiros, com a proteção das mulheres, crianças e idosos e com os serviços mais pesados como a derrubada das árvores, a construção das habitações e a preparação do solo para o plantio.com a caça e com a pesca. Eram responsáveis também pela caça, pela pesca, pela obtenção do fogo e da lenha, pela fabricação das canoas, das armas, dos instrumentos de trabalho e dos adornos corporais. As mulheres eram responsáveis pelo trabalho agrícola, ajudavam na pesca e na coleta de alimentos, cuidavam das crianças pequenas, dos animais e do preparo das vítimas para a cerimônia de sacrifício. Fiavam algodão, teciam as redes, trançavam cestos, faziam tapetes, criavam objetos de cerâmica processavam a mandioca para a extração do tucupi e da farinha, fabricavam o azeite de coco, preparavam os alimentos e o cauim. As crianças, de acordo com a idade, se ocupavam em espantar os pássaros das plantações, em cuidar dos irmãos menores e participavam das colheitas.

Também não ambicionavam o poder e não existia uma hierarquia rígida na organização social. O papel de chefe era exercido pelo cacique apenas em ocasiões de guerra e o pajé tinha o poder de influenciar os membros da comunidade como sacerdote, curador e conselheiro sem que isso lhe garantisse maior autoridade ou privilégios.

Habitavam em aldeias formadas por cabanas ou ocas, algumas de grandes proporções – chegavam a 40 metros de comprimento, 20 metros de largura e quase oito metros de altura – em que moravam várias famílias. A construção dessas habitações envolvia toda

a comunidade. A estrutura era composta de troncos de árvores, madeira e taquaras e a cobertura era feita de folhas de palmeira ou palha. Não possuíam janelas, mas tinham sempre duas ou mais portas para garantir uma boa ventilação. Obviamente, havia uma grande variedade de modelos e tipos de habitações de acordo com a necessidade ou com a habilidade ou gosto de cada tribo. Alguns grupos construía ocas com paredes duplas e com um espaço entre elas que permitia uma boa ventilação e tornava o ambiente bastante agradável em qualquer estação. Nos lugares mais frios cavavam buracos e construía moradias subterrâneas.

Utilizavam a pedra para fazer objetos de uso diário, instrumentos de trabalho, de caça, de pesca, de guerra entre os quais se destacam pratos, pontas de flechas, arpões e machados. As armas possuíam características identitárias que variavam de tribo para tribo em detalhes como o comprimento, tipo de madeira, cabeça e plumagem das flechas, perfil dos arcos, tipos de venenos e estilos de tacape.

A expressão artística e criativa dos índios, ainda de acordo com Hemming (1998: 108-110) era voltada, em grande parte, para o adorno pessoal e consistia na pintura do corpo em que predominavam o preto do jenipapo e o vermelho do urucum, mas também eram usados o branco e o amarelo. Cada povo possuía um padrão ou estilo próprios de pintura corporal como elemento de identificação tribal. A arte plumária, graças à imensa variedade de espécies de aves da região, era muito diversificada e sofisticada. As tribos usavam diferentes e elaboradas combinações de penas para fazer adornos para a cabeça, braceletes, peitorais e ainda como enfeites de suas armas e instrumentos. Outros materiais muito utilizados eram as contas, conchas e sementes usadas na preparação de objetos ornamentais como colares, tiaras e cinturões. E ainda, máscaras cerimoniais dos pajés feitas de palha, de abóbora e de casca de árvores. Também usavam a pedra para

fazer representações artísticas de seres humanos, animais, aves e peixes. Alguns desses objetos eram utilizados como talismãs ou amuletos de boa sorte como as rãs verdes chamadas de *muiraquitãs* que costumavam levar pendurados ao pescoço. Com ossos fabricavam instrumentos musicais como flautas e apitos e ainda colares e enfeites. Com as fibras de plantas e plumas teciam redes, cestos, tangas, mantos e cocares. Alguns povos usavam botoques polidos de jadeíta verde nas bochechas e nos lábios inferiores, outras tribos usavam discos de madeira nos lóbulos das orelhas e nos lábios inferiores.

Eram amantes da música e da dança que praticavam nas festas de plantação e de colheita, nas cerimônias de guerra e nos ritos de passagem. Tão grande era esse amor pela música que, de acordo com Wittmann (2011: 26), dizia-se que os índios permitiriam a entrada de inimigos em suas aldeias e até poupariam da morte os guerreiros capturados, caso soubessem cantar e tocar. Na fabricação de seus instrumentos ou *coisas para fazer música* eram utilizados madeiras, fibras, pedras, cerâmica, cabaças, guizos, sementes, crânios, ossos, chifres, peles e até cascos de animais. Os mais conhecidos são as flautas de um ou de vários tubos feitas de ossos ou de madeira, a buzina, o chocalho, o apito, o bastão de marcar ritmo e alguns tambores de pele ou de madeira bem mais raros e que podem ter sido introduzidos pelos primeiros colonizadores.

Entre os materiais remanescentes que nos revelam um pouco da vida, da história e do grau de desenvolvimento técnico e artístico desses povos destacam-se as peças de cerâmica que ao longo dos séculos nos falam da cultura, da cosmovisão e da expressão artística daqueles que sofreram a catastrófica interferência dos europeus em sua história e no seu desenvolvimento.

Região Amazônica – A bacia amazônica é a região que forneceu material mais farto sobre a arte ceramista. Era habitada e disputada por três dos principais grupos linguísticos – tupi, arauaque e caraíba – e foi palco das culturas mais sofisticadas do Brasil, segundo com Hemming (1998: 101). De acordo com Magalhães (2008), era habitada, entre os séculos V e XIV, por sociedades organizadas compostas de grandes populações que desenvolveram técnicas muito elaboradas na modelagem da cerâmica e foram responsáveis pela produção dos mais elaborados conjuntos de objetos cerâmicos conhecidos nas Américas. As mais conhecidas dessas culturas são: a cultura Santarém ou Tapajônica, na região do rio Tapajós, a cultura Maracá e a cultura Aristé ou Cunani na região do Amapá e, a mais conhecida dessas sociedades, a cultura marajoara que ocupou a Ilha de Marajó entre os séculos V e XIV e cuja arte ceramista alcançou um raro nível artístico e grande influência cultural. Os objetos bem elaborados e sofisticados, em sua maioria eram destinados a rituais e demonstravam o domínio de técnicas decorativas que incluíam pintura preta e vermelha sobre fundo branco, bordas ocas, modelagem, incisão e excisão. As formas eram bem delineadas, os motivos eram variados e sua simbologia era incomum. Os objetos mais simples serviam como utensílios domésticos para servir alimentos e bebidas, os objetos mais elaborados eram utilizados em festas religiosas e nas urnas funerárias eram colocados os ossos previamente descarnados e limpos para serem enterrados sob a casa da família do morto.

A arte ceramista era ocupação das mulheres e o domínio de suas técnicas era preservado por meio de rituais femininos específicos. Na decoração dos objetos eram utilizados ideogramas, caracteres e motivos antropomorfos, zoomorfos (lagartos, escorpiões e serpentes) e símbolos predominantemente femininos que evidenciam uma posição de destaque das mulheres nas tradições religiosas dessa cultura. Os signos, cuidadosamente

elaborados, se combinavam e se repetiam como uma forma embrionária de escrita ou narrativa referente à cosmogonia.

Outro aspecto que demonstra a importância da mulher na cosmogonia marajoara foi a elaboração de tangas côncavas encontradas quase sempre como acompanhamento funerário de mulheres importantes, mas que certamente eram utilizadas em outras ocasiões já que foram encontradas peças com sinais de uso contínuo. Essas tangas não são encontradas em nenhuma outra cultura das Américas ou do mundo e são singulares também em sua elaboração uma vez que ainda não foram encontradas duas delas com a mesma decoração. Foram identificados dois tipos de tangas: um tipo simples coberta apenas por uma tinta de cor avermelhada que pertenceriam a moças jovens e outro tipo mais elaborado de mulheres mais idosas, toda pintada de branco e posteriormente decorada com símbolos vermelhos ou pretos que se referiam à história de cada uma. A singularidade dessas tangas pode denotar ainda a identificação individual e o status do grupo familiar de sua possuidora.

Os marajoaras também demonstraram considerável conhecimento de engenharia e devido aos constantes alagamentos da ilha, construíam terraços ou morros artificiais por meio de aterro, conhecidos como *tesos* que chegavam a atingir 200 metros de comprimento, 30 metros de largura e até 12 metros de altura nos quais eram erguidas as aldeias que chegavam a abrigar mil pessoas e onde, nas épocas de enchentes, eram cultivados alguns alimentos como a mandioca. Esses *tesos* serviam também como centros cerimoniais e neles eram enterradas as urnas funerárias com os ossos de seus mortos. O contato permanente e a troca de produtos e conhecimentos entre as populações das diversas aldeias permitiram, ainda segundo Magalhães (2008), o incremento populacional, a produção em larga escala e uma relação geopolítica

interétnica que resultou em um padrão cultural compartilhado de modo que as sociedades marajoaras, embora tivessem uma organização social e política independente, desenvolveram uma cosmogonia compartilhada que evoluiu não só no tempo, mas também no território sociocultural de cada uma delas.

Região litorânea – Para Hemming (1998:101), é possível que os tupi sejam originários dos contrafortes dos Andes ou do planalto do médio Paraguai e Paraná e tenham executado um processo de gradativa invasão da costa brasileira rumo ao norte. Outras tribos da cultura tupi, entretanto, teriam se originado na região amazônica e de lá se expandido em direção ao litoral expulsando seus mais antigos habitantes, ocupando toda a costa brasileira e formando várias nações que se combatiam mutuamente e que, segundo Metraux (s.d.), na ocasião da descoberta, ocupavam quase toda a extensão da costa oriental do continente americano desde a embocadura do Amazonas até a foz do Rio da Prata. Essas nações pertenciam ao mesmo tronco linguístico conhecido como tupi-guarani e, embora cada uma tivesse seu próprio nome – tupinikim, tupinambá, guarani, potiguara, tamoio, tabajara, temiminó, caeté, carijó etc. – eram geralmente chamadas de tupinambá, designação das nações tupi estabelecidas no Rio de Janeiro, na Bahia e no Maranhão, que, embora extintas, ficaram mais conhecidas devido ao maior contato que tiveram com os viajantes e missionários que registraram em suas crônicas informações preciosas de sua vida e de seus costumes.

A guerra era o fundamento da cultura dos tupinambá que não concebiam destino mais honroso para um homem do que morrer na guerra ou ser devorado por seus inimigos. Os prisioneiros eram tratados com respeito, andavam livremente pela aldeia e até podiam se casar com mulheres da aldeia. Nunca eram vigiados, pois uma fuga era uma

desonra inconcebível e aquele que se acovardasse em fuga nunca seria aceito em sua aldeia de origem, mas totalmente desprezado ou até mesmo morto.

Desenvolveram uma agricultura incipiente, principalmente de mandioca, que era um dos alimentos básicos de sua dieta, pelo sistema de queimada, que consistia em queimar e adubar com as cinzas o terreno para o plantio. A caça, a pesca e a coleta abundante de frutas e raízes complementavam sua dieta. Usavam uma grelha acima do solo para cozinhar a carne, o peixe e também para defumar e conservar esses alimentos.

Fabricavam instrumentos cortantes com pedras, ossos afiados, dentes, lascas de bambus e conchas. Também fabricavam panelas e potes de cerâmica ou de cabaça. Traçavam cestas e peneiras e usavam o algodão para tecer cordas, redes de dormir e tiras para carregar as crianças.

Desenvolveram o *tipiti*, feito de palha trançada, para exprimir a mandioca ralada e extrair seu suco que contém o ácido cianídrico, substância venenosa que chamavam de *maniaca*. Quando fervido, deixava de ser venenoso e recebia o nome de *tucupi*. Quando deixado em descanso, decantava um pó fino que era removido, lavado várias vezes em água limpa e posto a secar para produzir o polvilho com que faziam a tapioca e outras iguarias. Também possuíam técnicas, que mantinham em segredo, para extrair de algumas plantas o curare, veneno poderoso que utilizavam em suas flexas.

Em sua cosmologia a divindade principal era Monan, astro sem principio e sem fim, criador do céu, da terra, dos homens, dos pássaros e de todos os animais existentes. O mar, a chuva e os rios só teriam sido criados após o aniquilamento dessa primeira criação, devido a causas não especificadas no mito, por um incêndio seguido de um dilúvio. Outra divindade importante é Maire, descendente de Irin-Magé, único sobrevivente do dilúvio, que é descrito com o poder transformador que teria ordenado o

mundo, dando feições a homens, animais, plantas e a todas as outras coisas com figuras, formas e cores diferentes, de acordo com as regiões.

Outra divindade da cosmologia tupi muito cultuada pelos índios brasileiros é Jurupari, filho e embaixador do Sol, nascido, segundo a lenda oriunda do povo aruaque, de uma virgem engravidada pelo sumo de uma fruta que comia. Jurupari teria criado os ritos de iniciação e as principais regras sociais e religiosas que regem as tribos.

Entre os mitos de heróis civilizadores Metraux (s.d.: 43) destaca Maire-Monan, que instaurou práticas consideradas sagradas como a tonsura, a depilação e o chatamento dos narizes dos recém-nascidos. Também ensinou a distinguir os vegetais úteis dos nocivos e a utilizar as plantas na medicina. Numa festa, é desafiado a saltar sobre três fogueiras. Consegue saltar a primeira, mas na segunda tem o corpo consumido pelas chamas, sua cabeça explode produzindo o trovão, algumas labaredas se transformam no raio e ela se evapora, sobe aos céus e se transforma em estrela. Outro herói de civilizador destacado pelo autor é Sommay ou Sumé, pai dos gêmeos Ariconte e Tamendonare que provocaram o dilúvio, ensinou o modo de plantar e de colher a mandioca que se constituiu como a base da alimentação desses povos. Devido à rejeição de alguns dos seus ensinamentos, Sumé teria partido para outras terras, com a promessa de retornar, segundo algumas versões da lenda.

Os guarani formavam uma grande nação do tronco tupi que ocupavam as terras férteis do Paraná e o leste do Paraguai. Muito dóceis, aceitaram com facilidade a fórmula jesuíta das grandes reduções sustentadas por plantações extensivas e se transformaram nos discípulos perfeitos para os jesuítas. A espiritualidade é o elemento fundamental da cultura *guarani*, cuja divindade principal é *Nhanderu etc.* O conhecimento era transmitido de uma geração a outra pela tradição oral e os cantos, as rezas e as

solenidades na casa de reza, eram importantes momentos de prática oratória e de socialização. Outro aspecto fundamental na cultura deste povo e de sua cosmovisão se manifesta no *ogwati*, o caminhar incessante em busca de *Yvy Maraëy*, a Terra sem Mal, um lugar de abundância livre de todos os males, guiados pelos *karai*, líderes espirituais ou xamãs, os sabedores dos cantos e das danças e operadores do discurso cosmológico. Para os guarani, a Terra sem Mal não é apenas o lugar mítico de fartura e bem estar, mas também um espaço-tempo subjetivo de aproximação com a divindade e que abre a possibilidade de salvação de um cataclisma apocalíptico por vir. Essa busca fez com que realizassem numerosas e extensas migrações através da América do Sul e ocupassem um enorme território desde o Amazonas até o extremo sul do continente. As migrações se realizavam também, segundo Pompa (2002: 101) devido a condições e implicações sociais devidas a escassez de alimentos ou necessidade de expansão territorial. Atualmente, segundo Nunes (2013: 21), a mobilidade ainda é um importante elemento da vida cotidiana e da cosmovisão guarani e tanto o *ogwaty* como o critério para escolher os lugares para a fixação dos grupos, estão sempre relacionados aos discursos míticos e a motivos ecológicos. O local escolhido, *tekoa* será aquele que for considerado adequado para viver o *teko*, o modo específico do viver guarani também *nhandereko*, nosso modo de ser, que tem como referência o modo de vida dos antepassados.

Grandes amantes da música, de acordo com Montardo (2009: 11), os *guarani*, ainda cultivam a crença de que não há possibilidade de vida na Terra se eles deixarem de cantar e de dançar em seus rituais que são sempre noturnos, pois, segundo um dos seus mitos, o Sol, o *pa'i kuara*, canta e toca seus instrumentos durante o dia mas durante a noite, os homens são os responsáveis por tocar, cantar e dançar, para manter o mundo, a vida na terra.

Hábeis ceramistas e cesteiros, eles se deslocavam em grupos familiares mais ou menos extensos e retiravam da floresta tudo o que necessitavam para a sua existência, desde a coleta de frutos e ervas medicinais, passando pela construção de casas e preparação de armadilhas para a caça. Também sabiam cultivar e explorar a Terra para obter produtos como o milho, a mandioca, e diversos legumes.

Região central – A região do sertão é apresentada pelos cronistas com imagens que se opõem – espaço vazio e lugar de riquezas miríficas, reino da barbárie e selvageria e paraíso da liberdade. Os povos que habitavam a região do interior do Brasil pertenciam ao grupo Macro-jê (carijó, kariri, aymeré, canindé, timbira, guaitacá, tarairiú, entre outros) e eram chamados genericamente de tapuia termo que designava os povos que não falavam tupi e que eram considerados como mais bravos, violentos e selvagens pelos tupi e pelos primeiros colonizadores.

Alguns construíam casas e formavam aldeias, cultivavam alguns legumes, não praticavam o canibalismo nem matavam seus prisioneiros, mas apenas os escravizavam (mais tarde passaram a vendê-los para os portugueses). Outros – a maioria – eram nômades que viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres e não construíam moradias. Fabricavam suas armas e instrumentos, teciam suas redes e também eram amantes da música, da dança, dos jogos, dos enfeites, das pinturas corporais e praticavam diferentes rituais por ocasião da puberdade dos meninos, dos matrimônios etc.

Segundo Raminelli (2005: 27-30), enquanto para os tupi a vingança era a motivação para os rituais de antropofagia, os tapuia tinham uma motivação mais nobre para essa prática que, entre eles, era um ato de amor. Seus inimigos também eram esquartejados e comidos sem cerimônia e a prática ritualística era reservada para a morte de familiares. Entre os Tairairus, por exemplo, quando uma criança nascia, depois de

cortado com um caco afiado o cordão umbilical era cozido para que a mãe o comesse juntamente com a placenta e, em caso de aborto, imediatamente o feto era devorado, pois acreditavam que as entranhas de onde veio – o corpo da mãe – era um túmulo melhor que a terra. Assim, comiam seus cônjuges, pais, irmãos, filhos e amigos como sinal de afeto e fidelidade. Para eles não havia sepultura mais digna para os entes queridos do que seus próprios corpos e consideravam coisa infame permitir que os vermes da terra os devorassem. Depois de chorarem a perda do falecido, retalhavam o corpo, colocavam em uma panela e convidavam os parentes para o evento. As cerimônias de canibalismo funerário eram acompanhadas de muito pranto e muitos gritos de pesar pela morte. Tal era o cuidado que tinham em não deixar de abrigar seus familiares em seus corpos que os ossos eram cuidadosamente guardados até a data de outro festim solene quando eram queimados, reduzidos a pó e dissolvidos em água que seria bebida por todos.

Vivendo em regiões de mais difícil acesso e sem possuir objetos de interesse comercial, não se interessaram pelos objetos e pelos alimentos dos estrangeiros e foram considerados pelos jesuítas e cronistas como mais selvagens e ferozes que os povos tupi, desinteressados incapazes de aprendizado, de trabalho ou de conversão ao cristianismo. Graças a essa irredutibilidade e aparente pobreza, não mereceram grande perseverança ou dedicação por parte dos jesuítas para catequizá-los e também dos cronistas, de modo quase nada se conhece de sua cultura ancestral. Mas escaparam do extermínio que se abateu sobre os mansos e dóceis tupi e puderam manter sua liberdade, seu modo de vida e sua cultura, sendo reconhecidos reconhecidos como mais robustos, mais fortes e longevos que aqueles.

Do exposto no panorama traçado, confirma-se não só a afirmação de Gambini (2000: 159) sobre a capacidade demonstrada pelos primeiros habitantes do nosso continente de

solucionar as grandes questões humanas e de se desenvolver culturalmente, como fica evidente a maneira respeitosa com que dominados e dominadores conviviam com a alteridade. Também fica evidenciada a seriedade com encaravam o relacionamento com a divindade e que se patenteia em cada aspecto da vida privada ou comunitária. Essa religiosidade extremada e a facilidade de aceitar novas divindades em seu panteão somadas ao princípio da hospitalidade e à expectativa do retorno de alguns heróis civilizadores foram, a meu ver, fatores que, se não determinaram, favoreceram a catástrofe advinda com os europeus.

4. O ENCONTRO E AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES NA EUROPA

É coisa maravilhosa que aquilo que o homem muito deseja e assenta com firmeza na sua imaginação, tudo o que ouve e vê toma em favor do que lhe apraz.

Frei Bartolomé de Las Casas

Cristóvão Colombo, Pero Vaz de Caminha e Américo Vespúcio partiram para o desconhecido com diferentes objetivos, diferentes interesses e diferentes graus de compromisso com os reis que patrocinaram suas expedições e essas diferenças causaram um interessante contraste entre seus relatos. Os acontecimentos narrados fazem parte de um momento histórico marcado pelo paradoxo da simultânea conciliação e confrontação de pensamentos e de valores observáveis em todas as manifestações artísticas, filosóficas, científicas, históricas e literárias. O que eles vivenciam é a materialização de fábulas e de mitos e suplanta tudo o que já fora imaginado. A descoberta de um novo mundo e de novos homens radicalmente diferentes implica em uma crise de identidade na cultura europeia, na necessidade de conviver com a alteridade e na procura de novas formas de expressão capazes de *traduzir* a novidade de uma realidade que se mostra fantástica. Verifica-se uma crise nos gêneros discursivos e os relatos deixam à mostra a busca por um novo modo de relacionar o sujeito e o mundo. A radicalidade da experiência demanda a recorrência ao mito, única lógica possível para a sua compreensão (FREITAS, 1990: 87), ao mesmo tempo em que leva seus experimentadores a inscrever seus relatos na ordem do discurso documental, científico capaz de convencer seus leitores da veracidade do que é narrado. Seus textos se caracterizam, portanto, pelo desejo de garantir uma verdade textual por meio da

tradução imitativa do real. Contraditoriamente, subjacente a esse estatuto de verdade pretendido pelos cronistas, se revela elementos de ficcionalidade que conferem um caráter ambíguo aos relatos.

A diversidade de interesses e objetivos dos navegantes condiz com a forma diferenciada com que esses cronistas vivenciaram a experiência da descoberta de um novo mundo e levou-os a narrarem-na cada um a seu modo. Essa diferenciação profunda valoriza alguns pontos em comum que encantam e fascinam o leitor. E, nos casos aqui estudados, verifica-se que a imagem do Outro, como afirma Limberti (2012: 39-40) é o resultado do arranjo entre as impressões que se tem do objeto a partir de um imaginário e do conjunto de experiência e estado de alma do observador.

A visão do novo continente deslumbrou-os a tal ponto que os levou a se distanciarem da linguagem meramente informativa e recorreram à linguagem poética, à linguagem da maravilha, dos superlativos e das metáforas para descrevê-lo. O primeiro olhar sobre os habitantes do continente também foi de deslumbramento e, para Bastos (2011: 17), no maravilhamento desse primeiro olhar sobre a nova terra e sua gente estão as fontes primárias de inúmeros mitos fundadores da brasilidade. Mas, o encontro com seres humanos tão radicalmente diferentes de si, causou também um estranhamento que resultou na dificuldade em descrever seres que lhe pareciam, no mínimo, incongruentes, forçando-os a buscar, dentro de seus códigos de valores e de linguagem, correspondências entre os contrastes que se apresentavam por vezes como presença de valores europeus contrapostos à ausência desse valor entre os indígenas (bem vestidos // nus, evangelho// falta de religião, ordem // desordem) e outras vezes como ausência do valor entre os europeus e presença do mesmo entre os indígenas como a descrição da beleza da uma índia feita por Caminha (parágrafo 38) como sendo tão bem feita e tão

redonda, e sua vergonha tão graciosa, que faria vergonha às mulheres europeias a ausência de tais predicados. Ler esses textos e observar os pontos de divergência e de convergência nessa diversidade de olhares permite ao leitor participar da experiência da viagem, da surpresa e da estranheza causadas pelo encontro com o Outro com o privilégio de poder observar os fatos a partir de múltiplos ângulos e traz também uma dificuldade que exige o estabelecimento de uma relação de diferença em relação a homens de época tão distante e que vivenciaram uma experiência tão radical a fim de buscar a compreensão possível da lógica a partir da qual esses cronistas pensaram o descobrimento de um Novo Mundo e de outra modalidade de civilização.

Segundo Todorov (2007: 4-6) o encontro entre os europeus e os primitivos americanos foi o mais surpreendente, extremo, radical e exemplar de nossa história. De fato, a visão do Outro causou considerável impacto nos europeus e as narrativas em estudo demonstram o espanto dos descobridores ao se depararem com os índios desnudos e pintados nas praias do Novo Mundo. Suas narrativas não deixam dúvidas de que o mundo descoberto era um lugar de fartura, de riqueza, de beleza e de perfeição só comparável ao Paraíso terrestre, habitado por povos também belos que viviam em harmonia e em estado de pureza e inocência. Seria razoável imaginar que aqueles que se lançavam ao mar com a professada intenção de proclamar a todos os povos as boas novas do reino de Cristo, ao encontrar um mundo tão semelhante àquele almejado por eles, estaria dispostos a tudo fazer para integrarem-se a esse mundo e mais ainda para preservá-lo. Mas não foi o que ocorreu, pois o não reconhecimento da alteridade no momento do primeiro encontro teve como consequência a ausência do sentimento de fraternidade que supõe um interesse efetivo pelo Outro. A ideologia vigente – principalmente no que se refere aos ensinamentos de Maquiavel – e alguns indícios do que ocorreria depois podem ser observados nos relatos desses cronistas.

4.1. OS RELATOS DE CRISTÓVÃO COLOMBO

Desde a mais tenra infância vivi a vida dos marinheiros, e o faço até hoje. Este ofício leva aqueles que o abraçam a querer conhecer os segredos desse mundo.

Cristóvão Colombo

A ambiguidade é bem visível nos escritos de Colombo, exemplo paradigmático do homem renascentista que luta por afirmar sua individualidade na história. Como objetivos de sua viagem, ele enumera o de traçar uma nova carta de navegação, o de encontrar riquezas, o de evangelizar povos e ainda o de compor um livro em que pudesse narrar tudo o que visse, como se pintasse um quadro por meio do qual o leitor pudesse compartilhar da experiência de viajar e de ver, sem os riscos decorrentes da mesma. No intuito de conseguir o patrocínio de seu empreendimento, ele convencera os reis da Espanha de que era possível chegar ao Oriente partindo em direção contrária e auferir lucros extraordinários por meio do comércio com os povos que esperava encontrar e cristianizar e se lança ao mar convicto de que chegará à suntuosa China descrita por Marco Polo, de quem foi leitor entusiasmado.

No decorrer da viagem demonstra obstinação ao enfrentar os percalços da mesma e recorre à astúcia para aplacar o terror dos marinheiros que, com temor de chegar ao *fim* do oceano e de caírem nas garras dos monstros fabulosos que, segundo imaginavam, estariam à sua espera, ameaçavam amotinarem-se. Para garantir a consecução de seu projeto, o Almirante age de acordo com seus interesses e joga com a verdade e a

falsidade. Na primeira carta¹ enviada aos soberanos espanhóis, ele confessa ter mantido dois diários de bordo: um em que anotava a real distância percorrida e outro em que fazia um falso registro visando acalmar sua tripulação.

Demonstrando uma rara consciência da necessidade de elaborar sua narrativa segundo as conveniências e de interferir no modo de recepção da mesma, ele executa um jogo escriturístico potencializador dos elementos ficcionais, narrando às vezes em primeira, outras vezes em terceira pessoa. Ansioso por cumprir a promessa feita aos reis de Castela, Colombo vê o que deseja ver e encontrar e relata os fatos como desejaria que fossem ou como acredita que agradará aos seus patronos e nem sempre como realmente são impondo um saber prévio sobre aquilo que vê e sobre o que narra. Esse homem contraditório é o primeiro a aportar no continente desconhecido, mas não se dá conta de sua descoberta nem da importância da mesma. Acreditando ter chegado às Índias Orientais, mostra dificuldade para conciliar a realidade encontrada com aquilo que sonhara. Quixotesicamente, interpreta tudo o que vê e o que vivencia de acordo com suas crenças e com o que suas leituras o fazem imaginar ignorando todas as evidências contrárias. Considerando-se – a partir de uma das interpretações possíveis para o seu nome – o portador da luz divina, ele vindica para si e para seus patronos a promessa divina feita ao povo de Israel de que “todo lugar que pisar a planta de vosso pé será vosso” (Josué 1: 3) e, ritualisticamente, toma posse da terra em nome do trono espanhol. Ele nomeia, adamicamente, cada ilha, cada montanha, cada cabo, cada praia e cada rio que encontra e também, equivocadamente, os habitantes do continente que chama de *índios*, designação que permaneceu mesmo após a constatação de que ele não chegara à desejada Índia.

¹Para facilidade de localização e devido ao grande número de edições dos escritos de Colombo, ao citar trechos de seus diários, faço referência apenas à data registrada no diário e faço as citações das cartas pelo nome de seus destinatários.

Todorov (1996:15) afirma uma tripartição – esfera natural, divina e humana – no mundo de Colombo que é observável em sua motivação, em seu comportamento e, claro, em sua narrativa. A força de suas crenças estabelece um dos motivos de sua aventura – o desejo de propagar a fé católica – e a autoridade que fundamentará sua argumentação e sua interpretação e da experiência vivenciada – citações dos autores bíblicos e das autoridades eclesiásticas – e também seu comportamento em relação à diferença cultural dos povos com quem entra em contato. Decorrente, talvez, dessas crenças – que apresentam a natureza como revelação do amor, do poder e da vontade de seu Criador – é a atenção que dá aos elementos e aos fenômenos naturais. Atento às estrelas, à direção dos ventos e a outros elementos naturais, consegue realizar a façanha de atravessar o oceano e chegar a um continente até então desconhecido para os europeus. Na Esfera humana, sua motivação maior era encontrar ouro e outros metais preciosos, além de pérolas, especiarias e tudo que resultasse em riquezas para a realeza espanhola e para si próprio. E os seres humanos só eram vistos em função de sua utilidade para o trabalho escravo, para lhe mostrar o ouro desejado ou para crescimento estatístico da Igreja.

Embora a existências de terras fantásticas no além-mar fizessem parte do imaginário europeu, o encontro desse *Novo Mundo*, para os descobridores, foi a presentificação daquilo “que o olho não viu, o ouvido não ouviu e que nunca subira à imaginação do homem” (I Coríntios 2: 9) referido nas Escrituras Sagradas. A exuberância da flora e da fauna da terra descoberta maravilhou Colombo a ponto de fazê-lo acreditar que havia encontrado o Paraíso perdido e o fez descrever a terra como a “melhor e mais fértil, temperada, plana e boa que tem no mundo”. (Quarta, 17/10/1492):

[...] Esta costa tem muitas árvores bem verdes e muito grandes, [...]. E veio um cheiro tão bom e tão suave das flores e árvores, que era a coisa mais doce do mundo (Sexta, 19/10/1492).

[...] Aqui tem grandes lagunas e, dentro delas e em volta, o arvoredo é uma maravilha, e aqui em toda a ilha está tudo verde e as folhagens lembram o mês

de abril em Andaluzia, e o canto dos passarinhos dá vontade de nunca mais ir embora, e os bandos de papagaios chagam a escurecer o sole há tantas aves e passarinhos e tão diferentes dos nossos, que deslumbra a vista (Domingo, 21/10/1492).

[...] Diz o Almirante que nunca viu coisa mais bonita: cheio de árvores, colorindo as margens de ponta a ponta, lindas e verdes, e diferentes das nossas, com flores e com seus frutos. Muitas aves e passarinhos, a cantar, com a maior doçura (Domingo, 28/10/1492).

Sua admiração pela natureza é patenteada pelas inúmeras referências às belezas do lugar, pelo uso de superlativos, pelo desejo de não sair dali e, a princípio, parece ser uma admiração intransitiva, pois, como afirma Todorov (1996: 25) não demonstra gostar de uma árvore por sua possível utilização no mastro de um navio ou por seu valor comercial, mas única e simplesmente por sua beleza:

[...] Foi uma coisa deslumbrante ver o arvoredo, o frescor das folhagens, a água cristalina, as aves, e a amindade do clima. Diz ele que lhe dava vontade de nunca mais sair dali (Terça, 27/10/1492).

[...] e eu afirmo que esse rio emana do Paraíso terrestre e de terra infinita, pois do Austro até agora não se teve noticia, mas a minha convicção é em forte de que ali, onde indiquei, fica o Paraíso terrestre. (Carta do Almirante aos reis católicos).

Mas o deslumbramento desse primeiro olhar já está contaminado pela cobiça: é um paraíso que ele se propõe a explorar e corromper em busca do ouro e das riquezas fabulosas com que espera recompensar os reis espanhóis. E em tudo que observa acredita encontrar indícios desse ouro e dessas riquezas:

São ilhas verdejantes, férteis e de clima mui brando, e pode conter uma porção de coisas que ignoro, pois não quero perder tempo com escalas destinadas a percorrer tantas ilhas a fim de achar ouro. E, no entanto, estas dão assim indícios pelo que trazem nos braços e nas pernas, e é ouro, porque lhes mostrei alguns pedaços do que tenho. Não posso errar e com a ajuda de Nosso Senhor hei de encontrá-lo onde nasce. (Segunda, 15/10/1492).

E ele não desperdiça tempo em perguntar e procurar o tão almejado ouro e outras preciosidades em cada ilha do arquipélago. Assim é quando vai em direção à ilha

Samoet onde acreditava estar o ouro (Quarta, 17/10/1492), ou às ilhas de Cuba e de Bohio e as que ficavam no meio dessas onde esperava pelo menos encontrar vestígios de ouro e de especiarias.

A aparência física dos índios também o fascina e as primeiras descrições que faz deles, é entusiasmada:

[...] muito bem feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; [...] Eles se pintam de preto e são da cor dos canários, nem negros nem brancos, e se pintam de branco, e de encarnado, e do que bem entendem, e pintam a cara, o corpo todo, e alguns somente os olhos ou o nariz. [...] Todos sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes.[...] É gente muito bonita. [...] Os corpos dos homens muito lindos (Quinta, 11/10/1492).

[...] os cabelos não são crespos, mas lisos e grossos, como cerdas de cavalo, e todos de rosto e cabeça bem mais largos que qualquer geração que tenha visto até agora, com olhos muito bonitos e nada pequenos, e entre eles não já nenhum negro, a não ser da cor dos canários [...]. Todos, sem excessão, têm pernas bem torneadas, e nenhum tem barriga, a não ser muito bem feita (Sábado, 13/10/1492).

Sua nudez o surpreende e é interpretada como sinal de pobreza, pois acreditava que chegando às terras do Grande Cã encontraria um povo riquíssimo em bens materiais e sedentos do conhecimento do Evangelho. Os povos que encontra lhe parecem pobres, já que andam nus e vivem com simplicidade:

[...] Mas me pareceu que era gente que não possuíam nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz inclusive as mulheres.[...] Não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas que pegaram pelo fio e se cortaram por ignorância. Não têm nenhum ferro, as suas lanças são varas sem ferro, sendo que algumas tem no cabo um dente de peixe e outras uma variedade de coisas. (Quinta, 11/10/1492).

O Almirante estranha o modo gentil e hospitaleiro com que o recebem e capta – a seu modo – o sentimento inicial dos nativos em relação aos estrangeiros – “entendíamos que nos perguntavam se tínhamos vindo do céu”.

[...] Porque nos demonstraram grande amizade [...], pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não

pela força, dei a algumas delas uns gorros coloridos e umas miçangas que puseram no pescoço, além de outras coisas de pouco valor, o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha [...] Enfim, tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa vontade (Quinta, 11/12/1492).

Mas essa gente bonita e gentil não parece merecer do Almirante o reconhecimento ou o respeito devido aos legítimos donos daquelas terras. Seu olhar para o homem da terra é distraído e ele mistura a descrição das pessoas e informações sobre seus costumes com a descrição de animais e de objetos sem fazer distinção sobre o valor ou a natureza dos mesmos:

E ainda nesta ilha vi panos de algodão feito mantilhas e as pessoas mais gentis, e as mulheres trazem na frente do corpo um pedacinho de tecido de algodão que mal lhes cobre as partes pudendas. Não me consta que professem alguma religião e acho que bem depressa se converteriam em cristãos, pois têm muito boa compreensão. Aqui os peixes são tão maiores do que os nossos que é uma verdadeira maravilha. Há também baleias. Não vi nenhum bicho, de espécie alguma, em terra só papagaios e lagartos. Outro dia um marinheiro disse que viu uma cobra grande (Terça, 16/10/1492).

Seu olhar só fica atento pra saber de ouro ou diante de coisas que demandem grande habilidade e trabalho como as canoas indígenas:

Vieram até a nau em pirogas, feitas do tronco de uma árvore, como um barco comprido e de um só pedaço, e lavradas que eram uma maravilha, segundo o costume local, e tão grandes q eu algumas continham quarenta ou quarenta e cinco homens, e outras, menores, onde inclusive cabia apenas uma pessoa. Remavam com uma pá semelhante às de forno e correm que dá gosto; e quando emborcam, todos logo se põem a nadar para endireitá-las, esvaziando-as com cabaças que traziam (Sábado, 13/10/1492).

Mas objetos que considera pequenos ou sem valor não merecem dele mais do que uma referência displicente:

Traziam novelos de algodão desfiado, papagaios, lanças e outras ninharias que seria cansativo enunciar, querendo trocar por qualquer coisa que a gente desse (Sábado, 13/10/1492).

O primeiro passo para a compreensão do Outro seria o estabelecimento de um modo de comunicação entre os dois modelos culturais que se defrontavam. O único modo possível no primeiro encontro entre civilizações que se desconheciam totalmente foi o que se estabeleceu: o da comunicação gestual que, evidentemente, era também precário uma vez que, mesmo os gestos apresentavam dificuldades para a compreensão, pois que provinham de pessoas com mentalidades, culturas e códigos linguísticos muito diferentes.

A questão linguística Segundo Todorov (1996) revela muito do modo de pensar e de ver o mundo desse homem singular. Para ele, as palavras correspondem à imagem do ser e das coisas e assim, as pessoas e as coisas devem ter os nomes que lhes convém. Por isso, depois do descobrimento deixa de assinar seu nome como Cristobal e passa a assinar *Christum Ferens*, portador de Cristo, orgulhoso de ter sido o primeiro a abrir as portas do mar oceano para levar o nome de Cristo até as terras longínquas e desconhecidas. Por coincidência, seu sobrenome – Colón – também estava relacionado a seus feitos, significando colonizador e tendo sido ele o primeiro a fundar colônias nessa parte do mundo. Em sua atividade adâmica de nomear os lugares por onde passava, quando não os batizava em homenagem aos membros da família real ou aos santos, fazia-o com a preocupação de nomeá-los segundo sua aparência. Com esse método, batizou como Rio do Ouro um rio em que achou partículas de ouro e como Cabo Belo, Cabo das Palmeiras e Cabo Alto-e-Baixo um cabo que achou realmente

belo, um que era coberto de palmeiras e outro que avançava muito no mar chio de altos e baixos, respectivamente.

Paradoxalmente, ainda segundo Todorov (1996: 29,30), embora conhecesse outras línguas, o Almirante acredita numa língua natural e não reconhece a diversidade de línguas e, assim, diante de uma língua desconhecida ou reconhecia que era uma língua e então se recusava a reconhecer a diferença, ou reconhecia a diferença e recusava seu reconhecimento como língua. A narração dos seus *diálogos* com os naturais da terra é um exemplo precioso da forma arbitrária com que a questão linguística era tratada por ele e da personalidade controvertida do cronista. Em contato com civilizações e com línguas totalmente desconhecidas até então, ele *fala* aos nativos e parece *entender* o que os nativos falam com uma facilidade de causar inveja aos discípulos no pentecostes, quando, evidentemente, muito pouco, ou nada poderia ser efetivamente compreendido em qualquer tentativa de diálogo. Outras vezes, reconhece não entender o que os nativos falam, mas então, nega a existência de uma língua entre eles e decide que deve levar alguns exemplares consigo para a Europa para que “aprendam” a falar.

Eu, comprazendo Nosso Senhor levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas majestades, **para que aprendam a falar** (Quinta, 11/10/1492). [Grifo meu]

Mesmo sem nada entender da fala do Outro e sem ter tido tempo suficiente para observar seus costumes, o Almirante tira rapidamente as conclusões que mais lhe convém. “Me pareceu que não tinham nenhuma religião”, afirma ele ao registrar suas observações sobre os indígenas. E a aparente falta de religião é considerada como um fator positivo em relação às suas intenções missionárias, já que considera a facilidade

com que os nativos repetiam os gestos e a fala dos estrangeiros como uma predisposição para a aceitação da fé cristã:

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos, me pareceu que não tinham nenhuma religião (Quinta, 11/10/1492).

Contraditoriamente, apenas três dias depois, descreve esses mesmos povos sem religião rendendo graças e louvores a Deus e perguntando se os estrangeiros tinham vindo do céu. E chega até mesmo a atribuir aos nativos uma fala, convenientemente traduzida e já com a presunção da resposta da própria pergunta:

Ao amanhecer, mandei enfeitar o bateu da nau e os barcos das caravelas e percorri a ilha pelo comprido, na direção nordeste, para ver o outro lado, que ficava a leste, e também para ver os povoados e avistei logo dois ou três, e as pessoas que vinham todas à praia, clamando por nós e rendendo graças a Deus. Uns nos traziam água; outros, coisas de comer, outros ainda, quando viam que ninguém pretendia se aproximar da terra, lançavam-se ao mar e vinham nadando, e entendíamos que nos perguntavam se tínhamos vindo do céu. E também apareceu um velho na parte inferior do batel e outros, em altos brados, chamavam todos os homens e mulheres:

- Venham ver os homens que chegaram do céu; e tragam-lhes de comer e beber. (Domingo, 14/10/1492).

Embora declare, algumas vezes, a mútua incompreensão entre as partes, com maior frequência, Colombo demonstra a presunção de entender a fala ou atitudes dos nativos gerando alguns equívocos redundantes. No episódio ocorrido na segunda-feira, 03 de dezembro, por exemplo, ele primeiro interpreta equivocadamente como amistosas a atitude e a fala de um índio, depois, entende o equívoco pela atitude e fala de outro índio que trazia consigo e que ele interpreta tão equivocadamente quanto as do primeiro. Finalmente, depois de, aparentemente, ter sido salvo de um perigo pelo índio amigo, demonstra total incompreensão e também ingratidão ao interpretar seu tremor como sinais de covardia:

[...] o Almirante, regressando ao lugar em que haviam ficado os barcos, enviou alguns cristãos ao morro por onde subiram, porque lhes parecia ter visto um grande comeal. Antes que chegassem os emissários, reuniram-se vários índios e vieram até aos barcos onde o Almirante já se tinha recolhido com toda a tripulação ; um deles se adiantou rio adentro, enconstando-se à popa do barco, e começou a falar uma porção de coisas que o Almirante não entendeu. Pensou que estivessem contentes com sua vinda. Viu, porém, que o índio que trazia consigo mudou de expressão e ficou pálido feito cera, tremendo muito, dizendo por meio de gestos que o Almirante devia ir para longe daquele rio, que queriam matá-los e, aproximando-se de um cristão que estava com uma balestra armada na mão, mostrou-a aos índios, e o Almirante entendeu então que estava lhes dizendo que ia matar a todos eles porque aquela balestra atirava longe e sempre acertava. Pegou também uma espada e sacou-a da bainha, mostrando-a e também dizendo a mesma coisa; ao ouvir isso, saíram fugindo, ficando, porém, ainda tremendo, o dito índio, de pura covardia e falta de coração.

A inocência e a hospitalidade dos povos que o encantara no primeiro olhar não é compreendido como resultado de um sistema cultural sofisticado ou de uma experiência religiosa autêntica, nem como valores a serem apreciados, preservados ou adotados, mas como indícios de fragilidade cultural, moral e física. Se não possuem bens a serem comercializados eles mesmos se tornam objetos valorados de acordo com a sua possível utilidade. O olhar do Almirante sobre o Outro é de total negação e ele afirma que os índios “são dóceis e bons **para receber ordens e fazê-los trabalhar, semear e tudo mais que for preciso, e para construir povoados, e aprender a andar vestidos e a seguir nossos costumes**” (Domingo, 16/12/1492) [grifo meu]. E, desrespeitando o direito precípua de cada povo conservar seus costumes, sua liberdade e sua dignidade, manda capturar alguns para levar à Europa propondo a dupla possibilidade de, após “aprenderem a falar”, serem devolvidos ao seu ambiente ou, simplesmente, deixá-los à mercê da vontade dos reis:

[...] é gente muito simples em matéria de armas, como verão Vossas Majestades pelos sete que mandei capturar para levar à vossa presença, para aprender nossa língua e trazê-los de volta, a menos que Vossas majestades prefiram mantê-los em Castela ou conservá-los cativos na própria ilha, porque, bastam 50 homens para subjugar todos e mandá-los fazer tudo o que se quiser. (p. 48)

4.2 O RELATO DE PERO VAZ DE CAMINHA

Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Pero Vaz de Caminha

Embora a expedição de Cabral tivesse o objetivo de encontrar terras e riquezas para o rei de Portugal, esse encargo pertencia ao comandante da frota a quem também competia, juntamente com os outros capitães da frota, anotar os fatos relativos à marinhagem e às singraduras do caminho. Caminha também estava a serviço do rei e de seus interesses, mas o compromisso que assume no preâmbulo de sua carta é o de relatar fidedignamente e o melhor que pudesse os acontecimentos da viagem: “Creia bem por certo que, para aformosentar nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu”² (Parágrafo 2). As estratégias discursivas que utiliza para elaborar sua narrativa e construir uma imagem do índio refletem, segundo Limberti (2012: 30) a adoção das normas sociais e das concepções ideológicas da época. Relatar o que “viu” com a preocupação de fazê-lo “o melhor que puder” expressa seu compromisso com a realidade, a ausência de qualquer intenção literária e o objetivo de utilizar a escrita como tradução imitativa do real. Reserva, entretanto, para si, a liberdade de “contar e falar” o visto conforme “lhe parecesse”. Nessa ressalva está a fenda em que se imiscui o desejo e o prazer.

² Também para facilitar a localização dos trechos citados, menciono como referência os parágrafos da Carta de Caminha.

Destinada ao rei de Portugal, a carta de Pero Vaz de Caminha dava conta do “achamento” de uma terra que aparentemente já era procurada, uma vez que o cronista não demonstra surpresa por sua descoberta, e é menos expansivo em relação às belezas e às riquezas da mesma. O escrivão da frota de Cabral reserva seu entusiasmo poético para descrever os habitantes do continente, mas não deixa de descrever a terra como “muito formosa”:

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós dêste porto houvesmos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes, grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos - terra que nos parecia muito extensa. (Parágrafo 97).

Sobre uma tentativa de diálogo entre o capitão e um indígena que deixa patente a dificuldade de comunicação entre as diferentes civilizações, Caminha declara que “ninguém o entendia, nem êle a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra...” (Parágrafo 58). O afã do ouro estava, portanto, presente. Mas, se de início não foram encontradas riquezas fabulosas, não há porque demorar-se no assunto e o escrivão limita-se a pontuar o fato sem deixar de mencionar os aspectos que lhe parecem positivos como a abundância das águas e a conseqüente fertilidade das terras:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lho vimos. Contudo, a terra em si é de muitos bons ares frescos e temperados, como os de Entre-Doiro e Minho, porque neste tempo dagora assim os achávamos como os de lá. (As) águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por causa das águas que tem. (Parágrafo 98).

Em seu relato, mais breve que o dos outros cronistas em apreço, é possível acompanhar um olhar a princípio observador e cognitivo, que se move, se encanta e se transubstancia em puro deleite. Na figura de seu destinatário – o rei D. Manuel I de Portugal – se

condensa todo o reino de Portugal com sua cultura, sua historia, sua religiosidade e seu imaginário. Falando a *El Rey*, Caminha fala aos olhos de seus compatriotas, aos olhos da Europa e aos olhos dos leitores da posteridade que, pelo seu olhar, podem compartilhar da fruição estética proporcionada pela visão de um novo mundo.

Caminha excede os demais cronistas na admiração e, no entusiasmo com que descreve a beleza dos habitantes da terra “tão limpos e tão gordos e tão formosos, que não pode mais” (Parágrafo 66), descuida do tratamento formal devido ao real destinatário da carta e faz com que o leitor se sinta incluído no cenário, partilhando da emoção de, pela primeira vez, ver e ser visto pelo Outro até então desconhecido:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber. (Parágrafo 18).

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um côto, muito basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como cêra (mas não era cêra), de maneira que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia mingua mais lavagem para a levantar. (Parágrafo 19).

E de observar os diferentes modos de se adornarem:

[...] Neste dia os vimos mais de perto e mais à vontade, por andarmos quase todos misturados: uns andavam quartejados daquelas tinturas, outros de metades, outros de tanta feição (de côres) como em pano de rãs, e todos os beijos furados, muitos com os ossos nêles, e bastantes sem ossos. Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que na cor queriam parecer de castanheiras, embora fossem muito mais pequenos. E estavam cheios de uns grãos vermelhos, pequeninos

que, esmagando-se entre os dedos, se desfaziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas.

Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos. (Parágrafos 69-71).

A intenção de não colocar em sua missiva mais do que vira ou lhe parecera para “alindar” ou “afear” é frustrada pela visão das belas mulheres da terra, totalmente despidas. Fascinado, recorre aos variados significados de algumas palavras para criar o efeito de graça e de poesia:

[...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas, e suas vergonhas, tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam (ou não nos envergonhamos). (Parágrafo 36)

A repetição dos termos “moça” – primeiro como substantivo e depois como adjetivo – e “vergonha” – primeiro como substantivo concreto e em seguida como verbo expressivo de um sentimento – evidenciam a intenção de utilizar os recursos da linguagem de forma elaborada e lúdica que se confirma na forma sutil com que utiliza novamente o termo “vergonha”, mais uma vez com duplicidade de sentido e dessa vez para comparar a beleza e graciosidade das moças brasileiras com a ausência dos mesmos predicados nas mulheres europeias:

[...] E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. (Parágrafo 38).

E, ainda mais uma vez utiliza o vocábulo contrastando-o, agora, com seu antônimo para ressaltar a inocência das índias: “Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma (Parágrafo 56)”.

Não é só a beleza e a nudez das índias que despertam a curiosidade do escrivão. Ele não se vexa de observar as “vergonhas” dos índios nem de expressar admiração pelo aspecto viril das mesmas:

E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. (Parágrafo 27).

E admira-se de que, dispondo de uma alimentação muito simples, possam parecer mais sadios e fortes que os europeus:

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal, que esteja acostumado ao viver dos homens. E não comem senão desse inhame, de que há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. (Parágrafo 85).

Roncari (1995, p. 44) destaca na carta de Caminha sua capacidade de captar e de revelar a tensão resultante do confronto entre duas culturas com diferentes visões de mundo regidas por forças contrastantes e que se estranham mutuamente. E de, mesmo se identificando plenamente com os valores da cultura europeia, permitir que os valores da outra cultura se manifestem e adquiram expressão. Exemplo disto é a descrição que faz do encontro do Capitão com dois homens da terra trazidos ao barco em que o aspecto físico, os enfeites usados pelos nativos e suas atitudes são contrapostos à aparência do capitão e do ambiente pomposamente preparado para impressionar àqueles e são descritos com a mesma ênfase pelo escrivão.

Tal como no primeiro encontro de Colombo com os nativos, é por meio de acenos que se tenta estabelecer a comunicação entre os dois grupos, mas Caminha descreve a questão da comunicação de forma mais coerente que Colombo, reconhecendo a precariedade da mesma, a parcialidade e a arbitrariedade com que eram *traduzidos* ou interpretados os acenos e sinais feitos pelos índios, o que nos permite inferir a

possibilidade de que outros episódios também possam ter sido traduzidos de acordo com a vontade dos assistentes:

Viu um dêles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e meteu-as em volta do braço e acenava para a terra e novamente para o colar do capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, **por assim o desejarmos!** Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lho não havíamos de dar! (Parágrafos 26 e 27) [grifo meu].

Mas a incompreensão não se restringe ao idioma. As reações dos indígenas merecem atenção especial, pois não correspondem às expectativas dos europeus. Diferentemente do encontro de Vasco da Gama com o rei de Melinde narrado no canto II de os Lusíadas, no qual as duas partes, embora opostas por seus idiomas e por suas crenças religiosas, são reguladas pelos mesmos mecanismos e representadas pelos mesmos códigos de interação social. No encontro descrito por Caminha, os mecanismos e os códigos são diferentes. A intenção demonstrada no aparato com que o capitão recepciona os nativos é a de impresioná-los e até surpreendê-los com a ostentação do luxo em contraste com a simplicidade dos hóspedes, mas, conforme Quint & Penjon (1991: 59) são os portugueses que se surpreendem com a atitude dos índios que demonstram não conhecer o valor dessa linguagem figurada que busca expressar valor social por meio do aparato visual e não se impressionam com a ostentação de luxo nem demonstram cortesia, intimidação ou submissão diante da postura autoritária do capitão, pois, ao entrarem, “não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém”. Também rejeitam os alimentos e a água que lhes são oferecidos e estranham os animais que lhe foram mostrados e não retornam. O não reconhecimento da hierarquia por parte dos índios e seu comportamento durante a visita são considerados como indicativos de incapacidade e de animalidade enfatizados pela profusão de frases negativas que desvalorizam o outro e que reduz a nada sua cultura:

Os outros dois, que o Capitão teve nas naus, a que deu o que já se disse, nunca mais aqui apareceram – do que tiro ser **gente bestial**, de **pouco saber** e por isso tão esquiva. (parágrafo 67)[grifos meus].

Essa construção sintagmática, segundo Limberti (2012: 148), é a reiteração de outros termos da isotopia da não-humanidade empregados no parágrafo 65:

Bastará dizer-vos que até aqui, como quer que eles um pouco se amansassem, logo duma mão para a outra se esquivavam, como pardais do cevadoiro.

Mas logo em seguida, observa-se uma mudança do ponto de vista, e o escrivão volta a elogiar a beleza dos corpos e seus atributos físicos mantendo-os, porém, no plano da animalidade:

Porém e com tudo isso andam muito bem curados e muito limpos. E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias monteses, às quais faz o ar melhor cabelo que as mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser. (Parágrafo 67).

Do ponto de vista religioso o discurso do escrivão da frota cabralina é semelhante ao do Almirante – “Nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm (Parágrafo 92)”. – e bem contraditório, pois ele declara que o maior bem que se poderia obter da terra descoberta seria a “salvação” de seus habitantes, e afirma, metaforicamente, que a palavra divina “deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar (Parágrafo 99)”, sugerindo ao rei o envio de clérigos para cuidar de “salvar” pessoas que, por viverem, segundo suas declarações, em estado de inocência não inferior à de Adão antes de pecar (Parágrafo 93), não deveriam, obviamente, necessitar de “salvação”. Demora-se na observação e na descrição do comportamento dos nativos durante a preparação e a celebração da primeira missa e, embora reconheça que o interesse maior deles era observar a técnica e as ferramentas utilizadas pelos que talhavam a cruz conclui que para a cristianização dos nativos só lhes faltava compreenderem a língua europeia. Ao abordar a fertilidade da terra de águas infindas e “tão graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo”, ele enfatiza que se outras

riquezas não fossem encontradas e se a terra descoberta não servisse mais do que como ponto de apoio na rota comercial para Calicute, maior empenho deveria ser feito para “cumprir e fazer” o que Sua Alteza real tanto desejava, a saber, o “acrescentamento da nossa santa fé”:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade (Parágrafo 84).

Apesar do caráter oficial e sua carta, Caminha se permite demonstrações de humor ao narrar mais um episódio de dificuldade de comunicação entre o comandante da frota e um velho índio:

Em seguida o Capitão foi subindo ao longo do rio, que corre rente à praia. E ali esperou por um velho que trazia na mão uma pá de almadia. Falou, enquanto o Capitão estava com ele, na presença de todos nós; mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra.

Trazia este velho o beijo tão furado que lhe cabia pelo buraco um grosso dedo polegar. E trazia metido no buraco uma pedra verde, de nenhum valor, que fechava por fora aquele buraco. E o Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do Capitão para lha meter. Estivemos rindo um pouco e dizendo chalaças sobre isso. E então enfadou-se o Capitão, e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ela valer alguma coisa, mas para amostra. E depois houve-a o Capitão, creio, para mandar com as outras coisas a Vossa Alteza. (Parágrafos 59 e 60).

E ao descrever a aparência de outro índio já de idade, que, segundo o escrivão “andava por galanteria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião (Parágrafo 38)” demonstra não apenas senso de humor, mas também irreverência em relação ao santo da devoção cristã.

A par da beleza dos indígenas, que o fascina, Caminha impressiona-se com sua disposição para a festa e o prazer e descreve uma cena rara e tocante de um real, embora fugaz *encontro* entre as civilizações que se defrontam, no qual as diferenças culturais são quase apagadas:

E além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banda do rio além do rio Diogo Dias, que fora almoxarife de Sacavém, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem, fez-lhes ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que eles se espantavam e riam e folgavam muito. (Parágrafo 62).

A diversidade de estímulos e a oscilação entre valores positivos e negativos tende, pouco a pouco a alterar a posição inicial de superioridade adotada pelo escrivão em relação aos índios e ele expõe o esboço de um projeto de colonização intimamente ligado ao projeto de cristianização que, além de facilitar o primeiro, acrescenta-lhe uma justificativa de nobreza. Caminha faz o registro de que o curto período descrito em sua carta foi suficiente para que alguns indígenas fossem utilizados como pajens por alguns membros da frota; de que sob o piedoso intento de cristianizar os índios, ocultava-se o propósito de “amansá-los” para sua posterior utilização na extração de riquezas; e que a boa disposição dos índios para trocar objetos por “qualquer coisa” que os estrangeiros lhes davam e o fato de se disporem a comer e beber do que lhes davam, possibilitaria sua indução ao vício do álcool e sua posterior exploração em troca da satisfação do mesmo.

Alguns deles traziam arcos e setas e deram tudo em troca de carapuças e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhe dávamos, e alguns deles bebiam vinho, ao passo que outros não o podiam beber. Mas quer-me parecer que, se os acostumarem, o hão de beber de boa vontade! Andavam todos tão bem dispostos e tão bem feitos e galantes com suas pinturas que agradavam. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mil boas vontades, e levavam-na aos batéis. E estavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós entre eles (Parágrafo 81).

E não deixa de constatar a superioridade dos sentimentos que movem os nativos em relação aos sentimentos e intenções do homem branco: “Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, **como se fossem mais amigos nossos do que nós seus**”. (Parágrafo 86) [grifo meu]. Nesse olhar benevolente de Caminha e na representação sedutora que faz do nativo é possível reconhecer o germe do mito do bom selvagem belo e bem disposto vivendo em liberdade em meio à natureza.

O encerramento da carta, segundo Peloso (1996: 30) tem o tom melancólico de uma festa que chega ao fim e o retorno de seus participantes à ordem, aos problemas do mundo real. Mas o deslumbrante e feliz parêntese que se fechava ante a perspectiva da longa e difícil viagem de volta – o próprio Caminha morre durante a viagem – oferece uma possibilidade diversa e surpreendente de valorização do Novo Mundo e de ruptura definitiva com os padrões da velha Europa:

Creio, Senhor, que, com estes dois degredados que aqui ficam, ficarão mais dois grumetes, que esta noite se saíram em terra, desta nau, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui porque de manhã, prazendo a Deus fazemos nossa partida daqui (Parágrafo 96).

A terra do exílio para os degredados usados como cobaias se apresenta como a miragem do paraíso e da liberdade para os grumetes que se evadem e que, com sua conversão inversa, revelam o lado reverso da experiência de confrontação com o Outro que, se trouxe os resultados de expansão econômica política e religiosa almejados por seus idealizadores, levou a civilização europeia – pelo menos uma parte dela – a repensar seus valores e a criar uma nova imagem de si.

4.3 OS RELATOS DE AMÉRICO VESPÚCIO

Algumas vezes me maravilhei com os suaves odores das ervas e das flores e com os sabores daqueles frutos e raízes, tanto que pensava comigo estar no Paraíso terrestre: em meio àqueles alimentos, teria acreditado estar próximo dele. Que diremos da quantidade de pássaros e de suas plumagens, cores e cantos, de quantas espécies e quanta beleza (não quero me alongar sobre isto, pois duvido se me darão crédito)? Quem poderá contar a infinita série de animais silvestres, tanta abundância de leões, onças, gatos - não de Espanha, mas dos antípodas - tantos lobos cervais, babuínos, gatos selvagens de tantas espécies e muitas cobras grandes? E vimos tantos outros animais que acho não haver espaço nem na arca de Noé para tanta variedade.

Américo Vespúcio

Filho de família abastada, o florentino Américo Vespúcio teve formação humanística adquirida na Itália e na França e é um exemplo notável da irredutibilidade do desejo de se inscrever na história e da pluralidade de interesses que movia o homem do renascimento: mercador, geógrafo, cosmógrafo, astrônomo, navegador, cronista. Em Florença, exerce, por alguns anos, funções burocráticas no banco dos poderosos Médici e, em 1491, segue para Sevilha como ajudante de Giannotto Berardi, importante armador, fornecedor dos navios da armada de Cristóvão Colombo e um dos principais financiadores da empresa marítima espanhola, comandada pelos reis de Castela. Após a morte de Berardi assume a direção da firma e se encarrega do aprovisionamento dos navios para a segunda e terceira viagens de Colombo de quem se torna amigo. Sua participação nos empreendimentos marítimos, seu contato com os navegadores e a

repercussão do feito do Almirante genovês, estimulam-no a também lançar-se ao mar “para ir ver parte do mundo e suas maravilhas (VESPÚCIO, 1984, p. 105)”.

A partir daí, sua biografia se confunde com a ficção. Supõe-se que tenha participado de incursões pelo Atlântico desde 1497, mas a determinação do número de suas viagens tornou-se objeto de polêmicas devido a contradições nos escritos que lhe são atribuídos. A carta a Piero Soderini, menciona quatro viagens enquanto outras três cartas, dirigidas aos Medici citam apenas duas.

A primeira de suas viagens teria sido iniciada em 1497 com retorno em 1498, mas alguns historiadores colocam em dúvida esse empreendimento enquanto outros o negam totalmente. Não há dúvida, porém, sobre a viagem que realizou ao lado de Alonso de Ojeda e Juan de la Cosa com uma frota de quatro navios que zarparam do mesmo porto de Cádiz em maio de 1499 numa expedição que pretendia seguir a rota da terceira viagem de Colombo. A parceria com Ojeda parece não ter dado certo e ao chegar ao local que mais tarde seria a Guiana, Vespúcio, se separa de Ojeda e ruma para o sul pela costa do Brasil, percurso em que avista estuário do Amazonas e alcança o cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Voltando para o norte, explora a desembocadura do Orinoco e a ilha de Trindade, chegando à Espanha em junho de 1500, aproximadamente um mês antes do que tinha sido planejado, convencido de ter percorrido a península do extremo leste da Ásia descrita por Ptolomeu.

Na carta que escreve a Lourenço de Medici, em 18 de julho do mesmo ano, Vespúcio omite o nome de Ojeda e se coloca como comandante da expedição. Essa carta chega às mãos de D. Manuel I, provavelmente por intermédio do Banqueiro Bartolomeu Marchionni, e, a partir de sua leitura, o rei torna-se admirador da cultura e do vasto conhecimento científico revelados pelo autor e passa a demonstrar interesse de contratar

os seus serviços no desejo de averiguar quais as riquezas existentes no imenso território descoberto pela expedição de Cabral e tão bem descrito na carta de Caminha.

Após um primeiro e breve contato com D. Manuel I, ocorrido em fevereiro de 1500, Vesúcio parte de Lisboa, em maio de 1501, a serviço de El Rey, numa expedição constituída por três naus, com o objetivo de investigar as potencialidades econômicas da terra descoberta e de iniciar sua exploração. A expedição alcançou o cabo de Santo Agostinho no final do mesmo ano e, descendo ao largo do litoral, avistou a baía de Guanabara, ultrapassou o estuário do rio da Prata e alcançou a costa meridional da Patagônia. A distância percorrida convenceu-o de que havia percorrido a costa de um novo continente, pois seria impossível que a suposta península asiática se prolongasse de tal forma para o sul. Essa convicção foi reforçada por uma importante observação astronômica: ele passa toda a noite do dia 23 de agosto tentando observar o alinhamento da Lua com Marte, previsto para a meia noite desse dia e a conjunção só acontece quase ao amanhecer. Considerando que o almanaque que continha a previsão tomara como referência a cidade de Ferrara, na Itália, ele avaliou a diferença de tempo entre as duas observações, comparou com o valor do diâmetro da Terra – que, então, já era conhecido – e calculando a que distância se encontrava de Ferrara, chegou à conclusão de que não poderia estar na costa da Índia.

Ao retornar a Lisboa, a 22 de julho de 1502, divulgou na Europa a tese de que Colombo havia, na verdade, descoberto um novo continente. A partir de 1508 ocupou em Sevilha o importante posto de piloto-mor da corte espanhola e ajudou a preparar o mapa oficial das novas terras e das rotas marítimas a partir das próprias observações e dos dados fornecidos pelas outras expedições. Sua constatação de que as recém-descobertas terras constituíam um continente – um *Novo Mundo*, como ele o designa – e não parte da Ásia

trouxe-lhe a fama tão desejada. A sugestão para designar como América o novo continente, em reconhecimento ao feito de Vespúcio, partiu do humanista alemão Martin Waldseemuller e, apesar da posterior discussão sobre as contradições apontadas nos textos que lhe são atribuídos e sobre o mérito da homenagem, a idéia de Waldseemuller prevaleceu e o navegante florentino tornou-se o único homem a dar seu nome a um continente.

Fundamento minhas observações sobre Vespúcio a partir das declarações constantes nos textos publicados em seu nome – já que as controvérsias a respeito da validade ou da autenticidade dos mesmos não interessam ao objetivo desse trabalho – das quais se depreende que seu compromisso com o trono português se limitava aos interesses comerciais o que lhe permite uma maior liberdade em seus relatos.

Na Carta destinada a Lorenzo de Médici e datada de 18 de julho de 1500 Vespúcio (1984, p. 49-63) também demonstra sensibilidade literária e descreve a terra como um “paraíso terrestre”:

Fomos a terra e descobrimo-la tão cheia de árvores, que era coisa maravilhosa não somente a grandeza delas, mas o seu verdor, que jamais perdem as folhas, e o cheiro suave, que delas saía, que são todas aromáticas, dava tanto conforto ao olfato, que grande recreio tiramos disto. [...] O que aqui vi foi uma feíssima coisa de pássaros de diversas formas, e cores, e tantos papagaios, e de tantos tipos diversos, que era maravilhoso; alguns corados como carmim, outros verdes e corados, e cor de limão, e outros todos verdes, e outros negros, e encarnados, e o canto dos pássaros que estavam nas árvores era coisa tão suave e de tanta melodia, que nos acontece muitas vezes estarmos parados pela doçura deles. As suas árvores são de tanta beleza e de tanta suavidade que pensávamos estar no Paraíso terrestre [...] (OP. CIT. p. 51).

Descrição semelhante é feita na carta de 1502 (p. 67 – 73), na afamada e discutida “*Mundus Novus*” (p. 89 – 100), também destinadas a Lorenzo de Médici e na “*Lettera*” datada de quatro de setembro de 1504 (p.105 – 134) destinada a Piero Soderini. A descoberta de um *Mundo Novo* implicava, obviamente, na visão de um também *Novo*

Céu e no trecho da “*Mundus Novus*” que cito, a seguir, a descrição das terras descobertas se estende aos corpos celestes:

Daqueles países a terra é muito fértil e amena e de muitas colinas, montes e infinitos vales e grandíssimos rios abundante e de saudáveis fontes irrigada e de larguíssimas selvas e densa e dificilmente penetráveis, e de toda espécie de feras copiosamente cheia. Árvores grandes lá sem cultivadores medram, das quais muitas frutas fazem ao gosto deleitáveis e aos humanos corpos úteis, muitas exatamente o contrário; e nenhuma fruta lá é às nossas símile. Nascem lá inumeráveis espécies de ervas e raízes, das quais fazem pão e ótimas comidas. E têm muitas sementes de todos os modos a estas nossas muito diversas. Nenhuma espécie de metal lá se encontra, exceto o ouro, do qual aqueles países abundam [...] E seguramente creio que Plínio nosso não tenha tocado a milésima parte das espécies de papagaios e do resto dos outros pássaros e do mesmo modo animais, os quais naqueles mesmos países existem, com tanta diversidade e figuras e de cores que da perfeita pintura, o artífice Policeto em pintá-los teria falhado. Todas as árvores aí são odoríferas, e cada uma de si goma ou óleo ou algum outro licor emana (OP. CIT. p. 95).

O céu e o ar uma grande parte do ano são serenos e vazios de grossos vapores. Naquele lugar as chuvas caem e duram por III ou IV horas, e à semelhança de uma escuridão se desfazem. O céu é ornado de belíssimos signos e figuras, nos quais eu notei cerca de XX estrelas de tanta claridade quanta algumas vezes vimos Vênus e Júpiter (OP. CIT. p. 96).

Muitas outras estrelas belíssimas conheci, das quais os movimentos diligentemente anotei [...] Naquele hemisfério vi coisas à razão dos filósofos não consensientes. Íris branca perto de meia-noite duas vezes não somente por mim foi vista, mas por todos os marinheiros. Do mesmo modo muitas vezes a lua nova vimos no dia em que com o sol se conjugava. Toda noite naquela região do céu cruzam muitíssimos vapores e figuras ardentes (OP. CIT. p. 98).

Vespúcio não se empolga tanto com a aparência física dos habitantes quanto com sua diferença cultural. Em relação à beleza chega a afirmar que “não são de face muito belos, pois têm o rosto largo que querem parecer ao tártaro” (VESPÚCIO, 1984, p. 108), embora com corpos tão bem proporcionados “que não se vê nos seus corpos coisa ou membro mal-feito”.

[...] Gente, digo, mansa e tratável. E todos de um e outro sexo vão nus, nenhuma parte do corpo cobrem, e assim como do ventre da mãe saíram, assim até a morte vão; uma vez que têm corpos grandes, ajustados, bem dispostos e proporcionados, e de cor declinando para o vermelho; a qual coisa penso, porque nus andando são tintos do sol. E têm os cabelos grandes e negros. São no andar e nos jogos ágeis e de uma liberal e formosa face, a qual eles mesmos destroem;

uma vez que se furam as faces e os lábios e as narinas e as orelhas; e não se creia que aqueles furos sejam pequenos ou que um somente tenham; pois vi muitos, os quais têm somente na cara VII furos dos quais cada um capaz era de uma ameixa; e mutilam eles estes furos com pedras azuladas, marmóreas, cristalinas e de alabastro belíssimas e com ossos branquíssimos e outras coisas artificialmente trabalhadas segundo o seu costume; a qual coisa visses tão insólita e a um monstro símile, isto é um homem o qual tem nas faces somente e nos lábios VII pedras, das quais muitas são do tamanho de meio palmo, não sem admiração ficarias. (OP. CIT. p. 93).

Causa-lhe estranheza observar que as mulheres nativas, ao contrário das europeias, se mantinham belas e bem dispostas mesmo após o parto e a amamentação de vários filhos:

As mulheres, [...] ainda que nuas vaguem e libidinosas sejam, nada de falhos nela, os corpos têm muito formosos e asseados, nem tampouco tão feias quanto qualquer um talvez estimar poderia, porque, ainda que carnosas sejam, falta a par disso a fealdade, a qual para a maior parte da boa qualidade da corporatura está dissimulada. Uma coisa milagrosa a nós pareceu que entre elas nenhuma se visse que tivesse as mamas caídas; e aquelas que tinham parido pela forma do entre e na estreiteza em nada se diferenciavam das virgens, e nas outras partes do corpo semelhante pareciam, as quais por honestidade omito (OP. CIT. p. 95).

Américo Vespúcio também se espanta com a nudez dos indígenas e com o comportamento das mulheres que classifica como lascivas e libidinosas, o que nos permite deduzir sua conformidade à mentalidade e aos princípios religiosos viventes na Europa. Como os demais cronistas, ele conclui que os naturais da terra não possuem um sistema religioso:

Não têm lei nem fé nenhuma e vivem segundo a natureza. Não conhecem a imortalidade da Alma, não têm entre eles bem próprios, por que tudo é comum; não tem limites de Reinos e de Províncias; não tem Rei; não obedecem a ninguém. Cada um é senhor de si. (VESPÚCIO, 1984, p.71).

Mas não demonstra nenhum desejo ou propósito missionário. Seu olhar é o do etnógrafo a quem não lhe escapa nenhum aspecto da multiplicidade de costumes que tem à sua frente. Discorre sobre o modo como “vivem, segundo a natureza” (OP. CIT. p. 71), sem comércio de compra e venda, tendo por riqueza coisas como “penas de pássaros de

várias cores, ou rosários que fazem de ossos de peixe” (OP. CIT. p. 111); sobre a construção de suas habitações, sobre a fabricação de suas armas e das redes em que dormem; sobre a preparação dos alimentos e das bebidas; sobre seus hábitos de higiene; sobre seus hábitos sexuais; sobre sua disposição saudável, suas habilidades físicas e sua longevidade; sobre a facilidade com que as mulheres parem e sua boa disposição após o parto; sobre a forma com que tratam os enfermos, seus remédios, seus funerais, suas crenças e a forma pacífica de se governarem: “Não usam justiça, nem castigam o malfeitor, nem o pai nem a mãe castigam os filhos, e por maravilha ou não jamais vimos fazerem contendas entre eles” (OP. CIT. p.109).

É o primeiro a registrar um caso de antropofagia dos nativos do Novo Mundo, tendo europeus como vítimas. A publicação da carta contendo essa impressionante descrição obteve um estrondoso sucesso e foi um dos motivos para a criação de uma imagem negativa dos indígenas.

A diversidade de costumes que observa o fascina a ponto de tornar-lhe difícil separar os aspectos físicos dos aspectos culturais e ele legou à posteridade informações preciosas, sobre o modo como conduziam suas guerras, sobre a aparente falta de motivos para as mesmas, demonstra a percepção de um sistema de regras que os regem apesar da aparente falta de ordem nas suas guerras:

Quanto da sua vida e costumes conhecemos, foi que de tudo vão desnudados, sim os homens como as mulheres, sem cobrir vergonha nenhuma, não de outro modo como saíram do ventre das suas mães. São de mediana estatura, muito bem proporcionados. As suas carnes são de cor que tende para o vermelho como o pêlo do leão; e creio que se eles andassem vestidos, seriam brancos como nós. Não têm pelo corpo pêlo algum, salvo que são de longos cabelos negros, e principalmente as mulheres, o que as faz muito formosas. Não são de face muito belos, pois têm o rosto largo, que querem parecer ao tártaro. Não deixam crescer pêlo nenhum nos cílios, nem nas coberturas dos olhos, nem em outra parte, salvo aqueles da cabeça, que têm os pêlos por coisa feia. (OP. CIT. p. 108).

Também são gente belicosa, e entre eles muito cruéis, e todas suas armas e golpes são como diz Petrarca *commessi al vento*, que são arcos, setas e dardos, e pedras, e não têm o hábito de levarem defesas nos seus corpos, porque vão assim nus como nasceram; nem têm ordem alguma nas suas guerras, exceto que fazem aquilo que aconselham seus anciãos, e quando combatem se matam muito cruelmente, e a parte que fica Senhora do Campo enterra todos os mortos ao seu lado e despedaçam os inimigos e os comem, e os que aprisionam, têm-nos como escravos nas suas casas; e se são fêmeas dormem com eles, e se é macho casam-nos às suas filhas, e em certas épocas quando lhe vêm uma fúria diabólica, convidam os parentes, o povo, e os põem à frente, isto é, a mãe com todos os filhos que dela tiveram, e com certas cerimônias, a flechadas os matam e comem, e isto do mesmo modo fazem aos citados escravos, e aos filhos que deles nascem [...] e o que mais me maravilha nestas suas guerras, e crueldades, é que não pude saber deles porque fazem guerra um ao outro, uma vez que não têm bens próprios, nem Senhorio de impérios, ou Reinos, e não sabem que coisa seja cobiça, isto é propriedades, ou avidez de reinar; a qual me parece que seja a causa das guerras e de cada desordenado ato. (OP. CIT. p. 72)

Em seus contatos com os nativos Vespúcio já contou – pelo menos em algumas ocasiões – com a ajuda de alguns europeus que foram deixados nas praias do Novo Mundo pelas primeiras expedições. Assim, em suas cartas se verifica um grau de dificuldade para a compreensão da língua dos nativos menor que a dos outros cronistas e ele pode dedicar-se a observar e registrar alguns aspectos da diversidade linguística dos povos com que entra em contato:

Mostram-se simples no falar, e são muito maliciosos e agudos no que lhes interessa; falam pouco, e com baixa voz; usam os mesmos acentos como nós, porque formam as palavras ou no palato, ou nos dentes, ou nos lábios; salvo que usam outros nomes para as coisas. Muitas são as diversidades das línguas, que de cem em cem léguas encontramos mudanças de língua, que não se entendem uma com a outra (OP. CIT. p. 109).

5. O ENCONTRO E AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES NA AMÉRICA

Hijos mios ¿a donde os llevaré?

Tonantzin Cihuacóatl

O encontro entre povos de aparência e de culturas em tudo diversas causou estranheza e maravilhamento também entre os nativos. Os relatos indígenas compilados por León-Portilla (1984) dão conta de que alguns povos acreditaram a princípio que os estrangeiros fossem deuses – ou enviados dos deuses – que chegavam à terra em cumprimento de antigas profecias e esse equívoco teve consequências funestas para os mesmos.

Essa crença, de acordo com Queiroz (2003: 33), deriva da necessidade humana de explicar causalmente o mundo, a origem das instituições e das coisas, a injustiça da ordem existente e a perda dolorosa de seres amados; e deu origem aos mitos de alguns messias ou heróis civilizadores, divinos ou humanos, que após transmitir aos homens as instruções divinas para transcendência da morte, os bens de que gozam, as regras para o convívio social e o conhecimento necessário para a manutenção da vida da sociedade, se afastam para o além (ou por ter terminado sua tarefa ou por insatisfação com as atitudes daqueles a quem beneficiou) com a promessa de retornar em uma época futura para trazer novos benefícios e felicidade ou de enviar mensageiros ou representantes seus.

Comum também na civilização ocidental, essa crença era, segundo a mesma autora, praticamente universal nas sociedades indígenas preexistentes à colonização. Em alguns casos estava relacionada a profecias e prognósticos sobre a chegada dos europeus relatados por cronistas indígenas e europeus e, segundo León-Portilla (1991: 54-79) a veracidade ou mesmo o cumprimento das profecias e portentos não são contestados, mas tem provocado diferentes interpretações e muitos questionamentos sobre a

possibilidade de se tratarem de presságios ou profecias concebidos após a conquista como forma catártica de explicar a si mesmos a tragédia da conquista como consequência de um destino determinado pela divindade e, portanto, inevitável ou a possibilidade de descobrir novas formas de significação que conferissem a esses prognósticos uma origem sobrenatural e um estatuto de verdade.

Da segunda hipótese decorre novo questionamento, segundo Frost (1991: 175) de quem seria o autor das referidas profecias já que Deus cristão era desconhecido dos povos americanos; sobre a possibilidade da existência de outro ser (o diabo ou demônio) capaz de conhecer o futuro e fazê-lo conhecido aos homens. León Portilla acrescenta outros questionamentos a partir dos escritos de Jerônimo de Mendieta, José de Acosta e Guamán Poma de Ayala, que atribuem os portentos e prognósticos ao Demônio e, ainda de Bernardo de Lizana que afirma que o Demônio seria o autor desses prognósticos por ordem de Deus; e de Motolínia, Torquemada e Diogo López de Cogolludo que interpretavam os portentos como sinais enviados por Deus e que Deus teria dado espírito profético a alguns sacerdotes gentílicos para que anunciasse palavra evangélica. Para Las Casas a providência divina não consente que coisas boas ou ruins aconteçam ao mundo sem pré-anunciá-las por meio de seus servos e santos ou mesmo por pessoas infiéis e, algumas vezes, até mesmo por demônios.

León-Portilla (1991: 16-77) aborda, ainda, as hipóteses levantadas por estudiosos modernos como Francisco Xavier Clavijero que, não se atreve a fazer afirmações contentando-se em fazer apenas uma indicação de que seria obra do demônio; e William H. Prescott que admite a existência dos portentos, mas afirma a probabilidade de serem fruto dos rumores sobre os estrangeiros que circulavam pela América desde a chegada de Colombo à região do Caribe. Como, dentro da proposta desse trabalho, não faz diferença se os prognósticos eram anteriores ou posteriores à chegada dos europeus,

posso ignorar esses questionamentos e me ater ao modo como as profecias ou presságios se representam os adventícios europeus, caso contrário seria tentada a acrescentar outros questionamentos como, por exemplo, se os prognósticos seriam enviados pelos deuses dos nativos que poderiam ser tão poderosos e bons quanto Deus cristão ou, se o mesmo Deus que os cristãos acreditavam tê-los comissionado para levar seu evangelho a todo o mundo e que teria determinado tal catástrofe se comunicava também com os *infiéis* e *brutais* indígenas sob o nome ou forma de outros deuses avisando-os do apocalipse por vir, por que não lhes revelara a verdade bíblica evitando o desastre; e, dentro dessa possibilidade, qual seria a necessidade da missão cristã; ou, porque a missão evangélica deveria servir-se de uma crueldade tal que suplantava muito a que era atribuída aos *brutais infiéis*...

5.1 Entre os tainos

O primeiro testemunho sobre essas profecias, segundo León-Portilla (1991: 55) foi registrado na *Relación* do frei Ramón Pané que atribui a visão de um cacique taino à debilidade física e mental causadas por prolongados jejuns em busca de comunicação com seus deuses para saber sobre o futuro de suas guerras e de suas vidas:

Dicen que este cacique afirmó haber hablado con Yiocavugama, quien les había anunciado que cuantos viviesen después de su muerte, gozarían poco de su dominio, porque llegaría al país una gente vestida que les dominaría y mataría, y se morirían de hambre. Pero ellos pensaron que éstos serían los caníbales; mas luego, considerando que éstos no hacían sino robar y marcharse, creyeron que sería otra gente aquella de la que el cemí hablaba. Por eso creen ahora ser el Almirante y los hombres que llevó consigo (PANÉ, 1932: Cap. XXV).

Na descrição feita por Yocahugamá as *gentes vestidas* – os vindouros conquistadores – são representados como dominadores cruéis que os matariam e os deixariam morrer de fome. A atribuição de Pané do jejum prolongado como causa da visão profética, não invalida nem contradiz, ainda segundo León-Portilla (1991: 56), a convicção dos

nativos de que a visão se referia ao Colombo e seus companheiros. No mesmo capítulo, o frei relata a deserção da fé cristã por parte do cacique Guarionex repreendido por outros governantes por aceitar a fé cristã sendo que os eram cruéis e tendo se apoderado suas terras pela força.

O relato de Pané demonstra que, apesar da arbitrariedade observada na interpretação dos gestos e da fala dos primeiros nativos encontrados por Colombo, os tainos podem realmente ter creditado o advento dos europeus senão à chegada ou retorno de deuses, como queria o Amirante, ao menos à de seres enviados por eles e pré-anunciados pelo *cemí*.

5.2 Entre os astecas

De acordo com os códices astecas, em um ano *Ce Acatl* (año 1 caña) partira Quetzacoatl e em um ano *Ce Acatl* deveria retornar. Ao ver se aproximar mais um ano *Ce Acatl* (no nosso calendário 1519), Montezuma que era seguidor dos ensinamentos de Nezahualcóyot e de Nezahualpilli e acreditava nas profecias referentes ao retorno do deus-príncipe, e se encheu de temor ao tomar conhecimento de relatos incomuns que lhe chegaram e que foram reconhecidos como proféticos.

O primeiro presságio foi uma nuvem de fogo que aparecia do oriente perto da meia noite e só desaparecia ao nascer do sol. O episódio é narrado por Tezozómoc (1598: Cap. 102), como uma visão dos guardas que estavam no tempo de Tezcatlypoca e que viram que:

[...] salía un humo y se espesaua, estaua tan blanca q rrelumbraua y daua tanta claridad que paresçía medio día puntualmente, y más yba creçiendo, que benía ygual casi çielo y tierra, que paresçía que benía andando como un gran gigante blanco.

Sobre o mesmo fenômeno os informantes de Sahagún contam que dez anos antes da vinda dos homens de Castela apareceu “uma espécie de espiga de fogo, de chama de fogo, de aurora que parecia estar gotejando como se estivesse espetada no céu” (León-Portilla, 1984: 23).

Avisado, Montezuma passa a noite em vigília, consegue ver o fenômeno, que continuou aparecendo por um ano, e, muito atemorizado procura a ajuda de advinhos e sonhadores para decifrar esse e outros fenômenos que se sucederam como o misterioso incêndio da casa (templo) de Huitzilopochtli; o raio que atingiu o templo de Xiuhtecuhtli quando apenas choviscava; um fogo que saiu do poente para o nascente semelhante a uma chuva de faíscas; um vento que alvoroçou a laguna e fez a água ferver e se levantar em fúria, chegando a cobrir e derrubar as casas; a presença de Cihuacoatl, la llorona, que gritava pela noite: “¡Hijos míos, pues ya tenemos que irnos lejos!” ou “Hijos míos ¿a donde os llevaré?”; e o estranho pássaro cinzento que foi preso pelas redes de pescadores, cuja cabeça apresentava uma rodela espelhada em espiral em que, primeiro foi possível ver as estrelas do céu e depois, pessoas que pareciam vir de longe, aos empurrões e em guerra, sobre animais semelhantes a veados.

Na sequência, o rei recebe a temida notícia da chegada de estranhas embarcações semelhantes a torres que apareceram no meio do mar:

"Señor y rrey nro, perdonáme mi atreimiento. Yo soy natural de Mictlancuauhtlan y llegué a la orilla de las aguas del cielo, la mar grande. Bide andar como una sierra o çerro grande en medio de la mar, que andaua de una parte a otra y no llega a las orillas. Y esto jamás lo emos bisto y como guardadores que somos de las orillas de la mar". (TEZOZÓMOC, cap. 108)

Espantado, Montezuma envia espiões que secretamente observam os recém chegados e retornam com a primeira descrição dos forasteiros:

"Señor y rrey nro, es berdad que an benido no sé qué gentes abían llegado a las orillas de la Gran Mar, los quales andauan pescando con cañas y otros con una red que echauan, hasta ya tarde, que luego entraron en una canoa pequeña y llegaron hasta las dos torres muy grandes y subieron dentro. Y las gentes serían

como obra de quinze personas, unos como sacos colorados, otros de azul, otros de pardo y de verde y una color mugrienta como nro ychtilmatle (anjeo), otros de encamado. Y las cabeças algunos puestos unos paños colorados, y heran bonetes de grana, y otros muy grandes, rredondos, a manera de comales pequeños, que deuen ser guardasol, son sombreros, y las carnes de ellos muy blancos, más que nras carnes, eçeto que todos los más tienen barba larga y cabellos hasta la oreja les da". (Tezozómoc, cap. 108).

Montezuma ordena o preparo de obras primas de pedras, de metais preciosos e de plumas de todo tipo de aves exóticas e envia uma embaixada que além dos presentes deveria levar também alimentos que serviriam para provar se quem chegava era mesmo Quetzacoatl:

"Ya está acabado lo que abéis de lleuar y es que os abéis de partir a dar este presente a los que son agora benidos, que tiendo que el dios que aguardamos Quetzalcoatl [...]. Y pues se tiene por çierto a de boluer, éste que agora bino deue de beer, pues dexó dho Tula que todo abía cumplimiento de sus tesoros de todo género en este mundo y que abía de boluer de onde yba al çielo a ber al otro dios, que es llamado el lugar yba y fue Tlapalam, que fue por la mar arriba; y, en efecto, deue de auer buelto a gozar lo que es suyo, que este trono silla y magestad suyo es, que de prestado lo tengo como tal su tiniente. Yréis a Cuextlan y diréis a Pinotetl luego mande hazer todo género de comidas, tamales muy bien hechos, bayan calientes, tortillas comunes y con frisol y rredondos como gordas baras, y todo género de abes cozidas, asadas, codornizes, benados baruacoa, conejos, todo género de chilmole y quilites cozidos de muchos géneros y frutas, como son plátanos, anonas, gueyabas, chayotes. Y si biéredes que comen de todo género de esto, berdaderamente es el que aguardamos Quetzalcoatl. Y biendo que todo esto no quieren comer, en esto beremos que no es él. Y si quisiere carne humana y os comiere, mucho de norabuena, que yo tomo a mi guarda, cargo y amparo de buestra casa, muger, hijos, para sienpre. No dudéis de ello. Y si, como digo, fuere él, que por estas señas le beréis, bestilde y adornalde de todas las preseas que lleuaréis y a la postre le presentaréis las pieças acabada de oro y pedrería y de plumería, le rruego y suplico humildemente benga a gozar su silla y trono que le tengo en guarda como su tiniente".(Tezozómoc, cap. 109)

Os informantes do frei Bernardino de Sahagún assim descrevem o primeiro encontro dos embaixadores astecas com os conquistadores espanhóis e a impressão que os estrangeiros lhes causaram:

Têm o corpo envolto, somente as caras aparecem. São brancas como se fossem de cal. Têm cabelo amarelo, embora alguns os tenham pretos. Sua barba é grande.[...]

E quando estavam próximos dos homens de Castela, diante deles fizeram a cerimônia de tocar a terra e os lábios, estando eles na proa do barco. Acharam que era Nosso Príncipe Quetzalcóatl que tinha vindo. (LEON-PORTILLA, 1984: 26).

Essa associação entre os recém chegados e Quetzalcoatl, fez com que os estrangeiros fossem chamados *Teteoh*, deuses. E o relato dos embaixadores, longe de tranquilizar o imperador, aumenta seu espanto e temor e ao ver diante de Cortéz, se dirige a ele efetivamente como se fosse a personificação de Quetzalcoatl, legítimo senhor do trono azteca:

“Senhor nosso: tu te fatigaste, tanto te cansaste: já à terra chegaste. Alcançaste a tua cidade: México. Aqui vieste para sentar-te em teu sólio, em teu trono. Oh, por breve tempo reservaram-no para ti, os que já se foram, teus substitutos.

Os senhores reis Itzcoatzin, Motecuhzomatzin o velho, Axayácac, Tízoc, Ahuítzotl. Oh, quão breve tempo reservaram-no para ti, dominaram a cidade do México. Sob sua proteção, sob seu abarigo, estava resguardado o povo simples.

Eles hão de ver e saberão, por acaso, dos que deixaram, de sua futura geração?

Oxalá um deles estivesse vendo, visse com assombro o que eu agora vejo vir a mim!

O que eu vejo agora: eu, o resto, o sobrevivente de nossos senhores.

Não, não estou sonhando, não me levanto entorpecido de sono: não vejo em sonhos, não estou sonhando...

É que já te vi, é que já pus meus olhos em teu rosto!

Há cinco, há 10 dias eu estava angustiado: tinha fixo o olhar na Região do Mistério.

E tu vieste entre nuvens, entre névoas.

Isso foi o que nos deixaram dito os reis, os que regeram, os que governaram tua cidade:

Que haverias de instalar-te em teu assento, em teu setial, que haverias de vir aqui...

Pois agora realizou-se: tu já chegaste, com grande fadiga, com afã vieste.

Chega à terra: vem e descansa; toma posse de tuas casas reais; dá refrigério ao teu corpo.

Chegai à vossa terera, Senhores nossos!”

5.3 Entre os maias

Os maias também registraram profecias a respeito do advento de estrangeiros nos livros de Chilam Balam (1984). A primeira profecia destacada por León-Portilla (1991: 64) é a profecia chamada “memoria de cómo vino hunab ku a decir su palabra a los ah kines”:

Nadie entenderá los días de penitencia que se manifestarán en el poder que viene. Preparaos, apercibios, vosotros, Hermanos Mayores, y vosotros, Hermanos Menores, a padecer y a sufrir la carga del katun, [...] Cuando venga ese tiempo, aquí, al centro del país [...], a esta provincia que tendrá el nombre de Yucatán como se le dirá cuando venga distinta enseñanza en otro katun que ha de pasar de regreso por vuestros pueblos. Pero no sólo ha de ser su lugar aquí, sino también entrará el zopilote a las casas y será también el tiempo de la muerte violenta a las gentes animales. "Cuando se asiente en su Estera este poder, de sólo pecado será su palabra, de sólo pecado será su enseñanza; katun será de pecado, de tres porciones será la sustancia de los frutos del árbol ramón que será el pan del katun de la Flor de Mayo. Muy doloroso viene el término del katun de la Flor de Mayo, porque aún no habrá acabado cuando se volteen hacia arriba las raíces de los árboles y tiemble toda la provincia (VASQUEZ, 1948: 94-98).

Outra profecia maia que impressiona é a do13 Ahau do livro de Chilam Balam de Chumayel, o cantor de Cabal-Chan Maní:

Em el dia 13-Ahau el katún terminará en el tiempo de los itzáes, en el tiempo de Tancah, Señor de Mayapán. Allí está em lo alto el signo de Hunab Ku, "Dios-Uno" El signo elevado de madera habrá de venir... Ha habido um conienzo de violência, un principio de envidia, cuando ya el hombre-sacerdote habrá de traer el signo de Dios... Um nuevo dia amanecerá en el norte, en el oeste. Se erguirá el señor Itzamná Kaul. El Señor Nuestro viene, oh itzáes... Recetid a los que vienen, los hombres barbados, los hombres del oriente, los que traen el signo de Dios (León-Portilla, 1991: 65-66).

Os *Anales de los Cakchiqueles* demonstram que alguns povos maias também tomaram os estrangeiros por deuses:

Seus rostos eram estranhos
os senhores os tomaram por deuses,
nós mesmos, vosso pai,
fomos vê-los
quando entraram em Yximché (León-Portilla, 1984: 59).

Mas outros povos reagiram de forma diferente como os maias de Yucatán que desde o princípio chamaram os estrangeiros de *dzules*, forasteiros, e os apelidaram de "comedores de *anonas*" (op. cit.: 59).

5.4 Entre os incas

Os *quipus*, os relatos orais de anciões e as narrações dos cronistas dão informações de vários prognósticos anteriores à chegada dos europeus. O primeiro destacado por Rivara (1991: 9), é dado pelo oitavo Inca, Viracocha, tido como oráculo, que afirmou que depois que um determinado número de reis houvesse reinado, havia de chegar àquela terra gente nunca vista que lhes havia de tirar a religião e o império. Após o episódio do aparecimento de uma águia perseguida e morta por cinco ou seis falcões, tido como de mau agouro, outro pássaro misterioso e colorido apareceu diante de muitas testemunhas e disse claramente que em breve se acabariam seus ritos e cerimônias e que haveria um novo modo de viver. Além dos eventos citados, houve terremotos, agitações matútimas, aparição de cometas e um estranho fenômeno na lua que apareceu rodeada de três grandes arcos. Um da cor de sangue que foi interpretado como sinal de guerra com o conseqüente derramamento de sangue; um segundo arco negro seria o aviso de que as guerras e mortandades seriam seguidas da destruição da religião e do império que se transformaria em fumo simbolizado pelo terceiro arco.

Rivara (1991: 12) salienta a preocupação dos incas e pelos sacerdotes em preparar o povo por meios de símbolos enraizados e adequados ao seu desenvolvimento cultural para o transtorno e mudanças que experimentaria, a sutileza intelectual com que efetuavam a transposição de fatos visíveis e reais para a linguagem simbólica utilizada em seus ritos, a delicadeza estética, a persuasão psicológica e a profunda preocupação demonstrada para com o destino daqueles que em breve estariam fora de seu domínio, de seu controle e de sua guia.

Garcilaso de la Vega (s/d: v. 3: 206/207) conta como Huayna Cápac recebeu a notícia da chegada de que “nuevas gentes extrañas e nunca jamás vista em aquella tierra andaban em um navio por la costa de su império, procurando saber qué tierra era aquella” e Cieza de León (1962: 260) fornece a primeira descrição dos europeus,

narrando que alguns nativos trouxeram a Huayna Cápac a notícia da chegada de pessoas estranhas, com estranhos trajes, em uma estranha embarcação e de como eram “barbadosy blancos, y hablaban poço, y eran tan amigos de beber como ellos, y otras cosas de las que ellos pudieron saber...”.

A vinda dessa gente nova e estranha foi associada ao retorno do deus Wiracocha, que deveria vir pelo mar e, assim como os astecas chamaram os estrangeiros de *teteoh*, os incas, por sua vez, os chamaram de *wiracochas* – deuses. A preocupação trazida por essas notícias fizeram com que Huayna Cápac governasse em paz e quietude durante os últimos oito anos de sua vida, sem pretender fazer novas conquistas e apenas tratando de guarnecer seu império e preparar seu povo para o que estava por vir. Essa preocupação fica patenteada nas recomendações que faz em seu testamento:

Muchos años há que por revelación de Nuestro Padre el Sol tenemos que, pasados doce Reyes de SUS hijos, vendrá gente nueva y no conocida en estas partes, y ganará y sujetará a su império a todos nuestros reinos y otros muchos; yo me sospecho que serán de los que sabemos que han anddo por la costa de nuestro mar; será gente valerosa, que en todo os hará ventaja. También sabemos que se cumple en mí el número de los doce Incas. Certificoos que pocos años después que yo me haya ido de vosotros, vendrá aquella gente nueva y cumplirá lo que Nuestro Padre el Sol nos há dicho y ganará nuestro Imperio y serán señores Del. Y os mando que lês obedezais y sirvais como a hombres que en todo os harán ventaja; que su ley será mejor que la nuestras y SUS armas poderosas e invencibles más que las vuestras. Quedaos en paz, que yo me voy a descansar con mi Padre el Sol, que me lhama. (VEGA, v. 3: 212).

Uma descrição mais detalhada da aparência dos conquistadores é a que Tito Cusi Yupanqui, inca, faz, referindo-se a seus animais, a suas armas, a seu modo de comer, a seus livros e à leitura dos mesmos e confirmando essa associação inicial dos estrangeiros com os deuses:

Que haviam visto chegar em sua terra certas pessoas muito diferentes de nosso costume e vestuário, que pareciam viracochas, que é o nome pelo qual denominamos o Criador de todas as coisas, dizendo Tesci Huircochan, que quer dizer princípio e autor de todos; e denominamos desta maneira aquelas pessoas que haviam visto, primeiro porque se diferenciavam muito do nosso traje e

semblante, depois porque viram que andavam em uns animais muito grandes, os quais tinham os pés de prata; e diziam isto por causa do reluzir das ferraduras.

E assim os chamavam também porque os viram falar sozinhos em uns panos brancos como uma pessoa falava com outra, e isto porque liam livros e cartas; e ainda os chamavam Huiracochas devido a excelência e aparência de suas pessoas e muita diferença entre uns e outros, porque uns eram de barbas negras e outros de barbas vermelhas e porque os viam comer em prata; e também porque tinham yllapas, nome que nós temos para os trovões, e isto diziam por causa dos arcabuzes, porque pensavam que eram trovões do céu... (op. cit. p. 120 -121).

Embora Atahualpa também cresse, a princípio, que se tratava do regresso de Wiracocha, em seu primeiro encontro com Pizarro, tal como os astecas, troca presentes, age com cortesia, mas não se apressa a lhe entregar o reino e se porta com a dignidade de um rei igualando-se às autoridades estrangeiras. O relato desse encontro é oferecido por Ayala (1615: 385 [387]):

Don Francisco Pizarro y don Diego de Almagro y fray Uisente de la horden del señor San Francisco, cómo Ataguálpa Ynga desde los baños se fue a la ciudad y corte de Caxamarca.

Y llegado con su magestad y sercado de sus capitanes con mucho más gente doblado de cien mil yndios en la ciudad de Caxamarca, en la plasa pública en el medio en su trono y aciento, gradas que tiene, se llama usno, se asentó Ataguálpa Ynga.

Y luego comensó don Francisco Pizarro y don Diego de Almagro a dezille, con la lengua Felipe yndio Guanca Bilca, le dixo que era mensage y enbajador de un gran señor y que fuese su amigo que sólo a eso benía. Respondió muy atentamente lo que dezía don Francisco Pizarro y lo dize la lengua Felipe yndio. Responde el Ynga con una magestad y dixo que será la uerdad que tan lexo tierra uenían por mensage que lo creyó a que será gran señor, pero no tená que hazer amistad, que también que era él gran señor en su rreyno.

Después desta rrespuesta entra con la suya fray Uiciente, lleuando en la mano derecha una crus y en la esquierda el bribario. Y le dize al dicho Atagualpa Ynga que también es enbajador y mensage de otro señor, muy grande, amigo de Dios, y que fuese su amigo y que adorase la crus y creyó se el euangelio de Dios y que no adorase en nada, que todo lo demás era cosa de burla. Responde Atagualpa Ynga y dize que no tiene que adorar a nadie cino al sol, que nunca muere ni sus guacas y dioses, también tienen en su ley, aquello guardaua.

Y preguntó el dicho Ynga a fray Uisente quién se lo auía dicho. Responde fray Uisente que le auía dicho euangelio, el libro. Y dixo Atagualpa: “Dámelo a mí el libro para que me lo diga.” Y ancí se la dio y lo tomó en las manos, comensó a oxear las ojas del dicho libro. Y dize el dicho Ynga: “¿Qué, cómo no me lo dize? ¡Ni me habla a mí el dicho libro!” Hablando con grande magestad, asentado en su trono, y lo echó el dicho libro de las manos el dicho Ynga Ataguálpa

5.5 Entre os tupinambá

Sabemos, pelo relato de Caminha e também de outros cronistas que lhe sucederam, que os tupinambás receberam os europeus com demonstrações de amizade e cortesia e que ficaram maravilhados com sua aparência, com suas embarcações, com suas armas, com seus instrumentos de trabalho, e com os inúmeros pequenos objetos – espelhos, pentes, facas, machados, miçangas, guizos, gorros coloridos etc – trazidos pelos estrangeiros. Tão fascinados que trocavam tudo que tinham por qualquer coisa que os portugueses lhes oferecessem, inclusive pedaços ou cacos de objetos sem nenhum valor comercial.

Goneville (*apud*, Ribeiro, 1992: 80) afirma, em sua *Relação autêntica*, que,

[...] ainda que os cristãos fossem anjos descidos do céu, não seriam mais estimados por esses pobres índios, que estavam maravilhados da grandeza do navio, da artilharia, espelhos e outras coisas que viam no navio, e sobretudo de que por palavras de uma carta, que se enviava de bordo à gente da tripulação, que andava nas aldeias, se lhe fizesse saber o que queria; não podendo ninguém persuadi-los como o papel podia falar.

Entretanto, nos interstícios da carta de Caminha, é possível observar que o estranhamento, a desconfiança e um pouco de temor eram recíprocos. Tinham pavor dos canhões e das armas de europeus, se assustavam até mesmo com as galinhas, temiam comer das comidas que os estrangeiros lhe ofereciam e, embora dançassem e folgassem com os portugueses, quando o comandante enviou os dois degredados permanecessem entre eles, durante a noite, não permitiram e mandaram os dois homens de volta.

O único relato indígena sobre o encontro com os europeus é fornecido pelo padre Claude d'Abbeville que transcreve – à sua maneira, o discurso do índio Momboré-uaçu, apresentando uma representação moral dos indígenas, mas sem fazer nenhuma descrição física dos mesmos:

[...] Vi a chegada dos peró em Pernambuco e Potiú; e começaram eles, como vós franceses, fazeis agora. De início, os peró não faziam senão traficar sem pretenderem rixar residência. Nessa época, dormiam livremente com as raparigas, o que os nossos companheiros de Pernambuco reputavam grandemente honroso.

EXPLICAÇÃO

Devido a problemas pessoais, não me foi possível concluir os dois últimos capítulos de meu trabalho – o sexto capítulo sobre a Conquista e suas representações na Europa, o sétimo capítulo sobre a Conquista e suas representações na América e a Conclusão. São capítulos já escritos (com um total de 40 páginas), mas a que faltam algumas citações e aperfeiçoamento textual, com o seguinte conteúdo:

No quinto capítulo do trabalho, após fazer um esboço do contexto histórico dos acontecimentos que envolveram a conquista e a colonização do mundo indígena, elaboro um estudo sobre as visões da conquista europeia dos primeiros historiadores (Gândavo, Vicente Salvador); dos catequistas (Nóbrega, Anchieta, Vieira, Las Casas, Sahagún, D'Evreux); dos viajantes (Léry, Staden); dos pensadores (Montaigne, Morus) e dos escritores (Shakespeare, Rabelais, Bento Teixeira e Gregório de Matos).

Para tornar possível a comparação entre os modos de ver e de vivenciar os mesmos fatos sob ângulos diversos, repito, no sexto capítulo, o procedimento anterior em relação à versão indígena da conquista europeia buscando, primeiro, rastrear e identificar a visão do europeu pelo índio brasileiro implícita nos discursos dos europeus que escreveram sobre o tema. Ato contínuo, realizo o estudo da visão do europeu pelo índio da América espanhola por meio das narrativas de Las Casas e dos Informantes de Sahagún. Em seguida, realizo um estudo sobre o discurso controverso do mestiço Inca Garcilaso de La Vega e, finalmente, uma análise do discurso reverso de Guamán Poma de Ayala.

Na conclusão do trabalho faço algumas valiações sobre algumas conseqüências do confronto entre os dois modelos de civilização em cada uma delas.

Na impossibilidade de concluí-los agora, deixarei para fazê-lo dando continuidade a esse trabalho em ocasião próxima, no doutorado.

Um índio

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul
Na América, num claro instante
Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias
Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá
Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido, todo gás e todo líquido
Em átomos, palavras, alma, cor
Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto-sim resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito
Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá
E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio

Caetano Veloso

BIBLIOGRAFIA

ANALES de los Xahil, Universidade Nacional Autónoma del México, 1993. Disponível em:

<http://books.google.com.pa/books?id=iBr30Zm5cuAC&lpq=PA3&dq=anales%20xahil%20%20cuando%20solo%20exist%C3%ADan%20los%20conejos%2C%20los%20p%C3%A1jaros%2C%20se%20cuanta%20cuando%20habitaron%20las%20colinas%20las%20llanuras%20estos%20nuestros%20primeros%20Padres%20nuestros%20antepasados%20venidos%20del%20lugar%20de%20la%20Abundancia%2C%20oh%20hijos%20m%C3%ADos.&hl=es&pg=PA3#v=onepage&q&f=false>

ANCHIETA, José de. *Dos feitos de Men de Sa*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1958.

ANÔNIMO. *Ollantay y leyendas quéchuas*. Lima, Peru: Corporação Gráfica Navarrete, 1998.

ARNOLD, David. *A época dos descobrimentos 1400-1600*. Tradução de Luiz Filipe Barreto. Lisboa: Gadiva, 1983.

ARROYO, Leonardo. *A carta de Pêro Vaz de Caminha – Ensaio de Informação à prova de constantes válidas de método*. São Paulo: Melhoramentos, Rio de Janeiro: INL, 1971.

BABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

BASTOS, Alcmeno. *O índio antes do indianismo*. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ: 2011.

BERNARDINO DE SAHAGUN, Fray. *História general de las cosas de Nueva Espana: primera version integra Del texto castellano Del manuscrito conocido como Codice Florentino*. Madrid: Alianza Editorial, 1988. 2v.

BETTENCOURT, D. Estevão Tavares, OSB. *As cruzadas e a Terra Santa*. Disponível em: www.presbiteros.com.br/historiadaigreja/as cruzadaseaterrasanta.htm

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

CAMINHA, Pero Vaz. *A Carta*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf>

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Belo horizonte: Itatiaia, 1990.

CASAS, Bartolomé de Las. *O paraíso destruído da: Brevíssima relação destruição das índias: A sangrenta história da Conquista da América*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

- CASO, Alfonso. *El pueblo del sol*. México: Fondo de Cultura Económica: Secretaría de Educación Pública, 1983, 2. ed. (Lecturas mexicanas ; 10)
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha. O descobrimento do Brasil*. São Paulo, L & PM, 1985.
- CIEZA DE LEÓN, Pedro. *La crônica del Perú*. Madrid: Espasa-Calpe, 1962.
[Colección Austral, 507]
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*. Tradução e introdução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. [Série A Visão do Paraíso, v.1]
- COLÓN, Cristóbal. *Textos y documentos completos*. Madrid, Aliariza Editorial, 1982.
- CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro, Edições Livros de Portugal, 1943.
- D'EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614*. Colaboração de Ferdinand Denis. Tradução: César Augusto Marques. São Paulo: Siciliano, 2002.
- DUVERGER, Christian. *La conversion de los índios de Nueva Espana: com El texto de los Coloquios de los doce de Bernardino de Sahagun (1564)*. Mexico, D. F.: Fondo de Cultura Economica, 1993.
- FREITAS, Marcus Vinicius de. *A descoberta da ficção: a crônica e o Brasil no século XVI*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 1990. Disponível em:
WWW.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9D9GTK/dissertacao_marcusviniusd
- FLORESCANO, Enrique. *Mito e historia em la memoria nahua*. História Mexicana 39, nº 155 (1990): 607-661. Disponível em:
http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/BC3FFRVKK7LYE N4TTUGVDKP8PU8KXS.pdf
- FROST, Elsa Cecilia. De anúncios y profecias. In: ZEA, Leopoldo. *Ideas y presagios del descubrimiento de America*. Mexico: Instituto Panamericano de Geografia e História: Fondo de Cultura Economica, 1991, p. 175-191.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Os antigos habitantes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- GAMBINI, Roberto. *Espelho índio: a formação da alma brasileira*. 2. ed. - São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Texto modernizador e notas: Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GANDIA, Enrique de. *Historia crítica de los mitos de la conquista americana*. Buenos Aires, Juan Roldán y Cia, 1929 .

GARCÍA, Carlos Bosch. La expansión marítima anterior al descubrimiento. In: ZEA, Leopoldo. *Ideas y presagios del descubrimiento de America*. Mexico: Instituto Panamericano de Geografía e História: Fondo de Cultura Economica, 1991, p. 31-52

GARCÍA, Susana Hermoso-Espinosa. *Origen y desarrollo de la cultura Zapoteca*. Revista Homines. Disponível em: http://homines.com/arte/cultura_zapoteca/index.htm. Acesso em 12/08/2014

GIUCCI, Guillermo. “*Velhos e novos mundos: da conquista da América ao domínio do espaço cósmico*”. In: *Revista Estudos Históricos - Rio de Janeiro*, vol. 4, n. 7, 1991, p. 3-18. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/144.pdf>.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2315/1454>

_____. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. Tradução: Rosely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1996. (Ensaio de Cultura; 8).

GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva corónica y buen gobierno*.1615. Disponível em: www.kb.dk/permalink/2006/poma/titlepage/es/text/

GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

HEMMING, John. Os índios do Brasil em 1500. In: In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: A América colonial*, São Paulo: EDUSP, 1998, v. 1, p.101-127.

KONING, Hans. *Colombo: O mito desvendado*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Coleção Jubileu. América: 500 anos).

IXTLILXOCHITL, Fernando de Alva. *Obras históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxochitl*. Tomo 1 / publicadas y anotadas por Alfredo Chavero. México: Oficina Tip. De la Secretaria de Fomento, 1891. Disponível em:

<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/obras-historicas-de-don-fernando-de-alva-ixtlilxochitl-tomo-1/html/53cd8e0e-a415-11e1-b1fb-00163ebf5e63.html>

JARDIN, Jean-Pierre. Les representations du Maure dans la littérature chrétienne du XIIIème siècle. In: REDONDO, Augustin. *Les representations de l'Autre dans l'espace iberique et ibero-americain: (perspective synchronique)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1991, v.1. (Cahiers de l'U.F.R. d'etudes iberiques et latino-americaïnes; 8).

JOSEF, Bella. História da literatura hispano-americana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LEITE, Serafim. *Nóbrega e a fundação de São Paulo*. Lisboa: Instituto de Intercâmbio Luso-Brasileiro, 1953.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A conquista da América Latina vista pelos índios*. Relatos astecas, maias e incas. Tradução de Augusto Ângelo Zanatta. Petrópolis; Vozes, 1984.

_____. A mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: A América colonial*, São Paulo: EDUSP, 1998, v. 1, p. 25-61.

_____. *Literaturas indígenas de Mexico*. 2. ed. -. Madrid: Editorial MAPFRE; México, D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1992.

_____. *Los antiguos mexicanos a través de sus crônicas y cantares*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

_____. Profecías y portentos em vísperas de la conquista. In: ZEA, Leopoldo. *Ideas y presagios del descubrimiento de America*. Mexico: Instituto Panamericano de Geografia e História: Fondo de Cultura Economica, 1991, p. 53-82

_____. *Toltecatoytl: aspectos de la cultura nahuatl*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1980.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1960.

LIGORRED, Francesc. *Poesía maya: lírica contemporánea*. Revista Española de Antropología Americana. Disponível em:

<file:///C:/Users/D249357/Downloads/25884-25903-1-PB.PDF>

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. *A imagem do índio: discursos e representações*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

LOBATO, Djalma Sayão. *Civilização asteca: a conquista de um povo*. São Paulo: Hemus, [1987?].

MACHIAVELLI, Niccolò. *História de Florença*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Obras de Maquiavel).

- MAESTRI, Mário. *Terra do Brasil: A conquista lusitana e o genocídio tupinambá*. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção polêmica)
- MAGALHÃES, Marcos P. *A Cultura Marajoara*. In: Goraiebe, I. Org., *A Amazônia*. Belém. O Liberal. Vol. 1, 2008, pags. 217-221. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/737106>
- MAHN-LOT, Mariane. *A conquista da América espanhola*. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1974.
- MARCUS, Joyce; FLANNERY, Kent V. *Zapotec civilization: how urban society evolved in Mexico's Oaxaca Valley*. -. London: Thames and Hudson, 1996.
- MATOS, Gregório de. *Obras completas: sacra, lírica, graciosa*. São Paulo: Cultura, 1943.
- MEMORIAL DE SOLALÁ (Selección). Disponível em: <http://www.literaturaguatemalteca.org/memorialdesolola.htm>
- MENENDEZ PIDAL, R. *Cantar de Mio Cid: texto, gramática y vocabulario*. Madrid: Espasa-Calpe, 1954.
- METRAUX, Alfred. *A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis*. -. São Paulo: Ed. Nacional, s.d.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. [Coleção Pensadores].
- MORUS. Thomas. *A utopia*. Tradução de Luiz de Andrade. São Paulo: Atena Editora. S/d. 3.ed.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.
- Paulmier de Gonneville, Binot. *Relação autêntica*. Disponível em: http://sesi.webensino.com.br/sistema/webensino/aulas/repository_data/SESIEDUCA/ENS_MED/ENS_MED_F01_HIS/189_HIS_ENS_MED_01_10/189_HIS_ENS_MED_01_10_4-5.pdf
- PANÉ, Ramón. *Relación de Fray Ramón acerca de las antigüedades de los índios*. Ediciones Letras de México, 1932. (Colección de Libros Raros o Curiosos que tratan de América). Disponível em: <http://digital.library.wisc.edu/1711.dl/IbrAmerTxt.Spa0006>
- PELOSO, Silvano. *O canto e a memória: história e utopia no imaginário popular brasileiro*. Tradução e organização de Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.
- POLO, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1999. ((L&PM Pocket ; v.161))

- PONTES, Joel. *Teatro de Anchieta*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1978.
- PORRO, Antonio. *O povo das águas: Ensaio de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- PRIORE, Mary del. Monstros e maravilhas no Brasil Colonial. In: *Esquecidos por Deus. Monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PUENTES, Patricia Henríquez. *De la escena ritual a la teatral en una obra de teatro indígena prehispánico: Rabinal Achí o Danza del Tun*. Instituto de Estética - Pontificia Universidad Católica de Chile. AISTHESIS N° 44 (2008): 67-81. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952007000100004
- PUENTES, Patricia Henríquez. *Teatro maya: Rabinal achí o danza del tun*. Revista Chilena de Literatura. Santiago, n. 70, abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952007000100004
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Alfa-Omega, 2003. [Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais, Série 1ª – Volume 6].
- QUINT, Anne-Marie et PENJON, Jacqueline. Les surprises d'un secrétaire: Pero Vaz de Caminha. In: REDONDO, Augustin. *Les représentations de l'Autre dans l'espace iberique et ibero-americain: (perspective synchronique)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1991. v. 1. (Cahiers de l'U.F.R. d'etudes iberiques et latino-americaines; 8).
- RABELAIS, François. *Pantagruel and Gargantua*. Tradução: David Jardim Junior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003. Coleção Grandes Obras da Cultura Universal v. 14.
- RABINAL ACHI o Danza Del Tun*. Guatemala: Subcentro Regional de Artesania y Artes Populares, 1996. Colección Tierra Adentro, 20. Disponível em: http://biblioteca.usac.edu.gt/folleto/USAC/digi/S.G._F_1804.pdf
- RAMINELLI, Ronald. *Canibalismo em nome do amor*. Nossa história. Ano 2, n. 17, março de 2005, p. 26-31.
- RECINOS, Adrian. *Popol Vuh: las antiguas historias del Quiche*. 2. ed. - Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1960.
- REDONDO, Augustin. *Les représentations de l'Autre dans l'espace iberique et ibero-americain: (perspective synchronique)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1991-1993, v.1 (Cahiers de l'U.F.R. d'etudes iberiques et latino-americaines ; 8).
- REYNOSO, Diego. *Popol-Vuh: a origem da antiga verdade pré-colombiana*. Tradução de Antonio Augusto Pires Schmidt. São Paulo: Ícone, 1990.

- RIBEIRO, Darcy & MOREIRA NETO, Carlos de Araujo. *A fundação do Brasil – Testemunhos: 1500-1700*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- RIVARA, María Luisa. El mundo andino inmediatamente anterior al descubrimiento: pronósticos em el Imperio Incaico sobre la llegada de los españoles. In: ZEA, Leopoldo. Ideas y presagios del descubrimiento de America. Mexico: Instituto Panamericano de Geografía e História: Fondo de Cultura Economica, 1991, p. 5-30.
- RONCARI, Luiz. *A literatura brasileira dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo : EDUSP: FDE, 1995.
- ROUSE, Irving. *The Tainos: Rise and decline of the people who greeted Columbus*. New Haven: Yale Univesity Press, 1992.
- SALVADOR, Vicente do. *História do Brasil: 1500 – 1627*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011
- SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo. Edições Melhoramentos, s/d. 2ed.
- SOLA, José Antônio. *Os índios norte-americanos: cinco séculos de luta e opressão*. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Polêmica)
- SORIA, Lucía Hernández. *Estela C: ¿El descubrimiento más importante para La lingüística de las culturas mesoamericanas?* Disidencia (Revista Digital) disponível em: www.elministerio.org.mx/blog/2013/10/estela-c-olmeca
- SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas*. Trad. Luiz Carlos Roque da Silva. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972. [Coleção “Saber atual”]
- SOUSTELLE, Jacques. *Los olmecas*. Traducción de Juan José Utrilla. México: Fondo de Cultura Económica, 1986
- SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demônios e colonização: Séculos XVI – XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1974.
- TEIXEIRA, Bento. *Prosopopeia*. Rio de Janeiro: INL, 1972.
- TELLENBACH, Michael. *Algunas consideraciones sobre La “Estela C” y su complemento, la “Estela Covarrubias”, de Tres Zapotes, Veracruz*. Disponível in: http://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_4/IND_04_Tellenbach.pdf

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VÁSQUEZ, Alfredo Barrera. *El libro de los cantares de Dzitbalché*. Ediciones del Ayuntamiento de Mérida, Yucatán. 1980. Disponível em:

http://calkini.net/arte_y_cultura/cantares.htm

_____. *El libro de los libros de Chilam Balam*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Economica: 1984. [Lecturas Mexicanas, 38]

VEGA, Inca Garcilaso de La. *Comentarios reales*. Tomo I, II, III. Lima, Peru: Editorial Universo S. A. s/d.

VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo – cartas de viagens e descobertas*. Tradução e introdução de Luiz Renato Martins. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. [Série A Visão do Paraíso, v.2].

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmãos, 1951.

WITTMANN, Luisa Tombini. *Evangelho levado na flauta: os jesuítas atravessaram o Atlântico para catequizar, mas também dançaram conforme a música dos índios*.

Revista de História: [Rio de Janeiro], Rio de Janeiro, v.6, n. 65, p. 24-29, fev. 2011.

WOORTMANN, Klaas Axel Anton Wessel. *O selvagem e a história : Heródoto e a questão do outro*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 13-59, 2000.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a01.pdf>